

VICTOR CHIRILLO DE OLIVEIRA STOIAN

**ESPAÇO PÚBLICO EM BAURU E PRESIDENTE PRUDENTE:  
A "CIRCULAÇÃO DOS AFETOS" E SUA INFLUÊNCIA NAS PRÁTICAS  
ESPACIAIS CONTEMPORÂNEAS**

PRESIDENTE PRUDENTE – SP  
Fevereiro de 2020

VICTOR CHIRILLO DE OLIVEIRA STOIAN

**ESPAÇO PÚBLICO EM BAURU E PRESIDENTE PRUDENTE:  
A "CIRCULAÇÃO DOS AFETOS" E SUA INFLUÊNCIA NAS PRÁTICAS  
ESPACIAIS CONTEMPORÂNEAS**

Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), campus de Presidente Prudente/SP.

Pesquisa orientada pela Profa. Dra. Eda Maria Góes, sob o financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil.

S873e

Stoian, Victor Chirillo de Oliveira

Espaço público em Bauru e Presidente Prudente : a "circulação dos afetos" e sua influência nas práticas espaciais contemporâneas /

Victor Chirillo de Oliveira Stoian. -- , 2020

159 p. : tabs., fotos, mapas

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Araraquara,

Orientadora: Eda Maria Góes

1. Geografia Urbana. 2. Espaço público. 3. Fragmentação  
socioespacial. 4. Circulação dos afetos. 5. Cidades médias paulistas. I.

Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO DA DISSERTAÇÃO:** Espaço público em Bauru e Presidente Prudente: A circulação dos afetos e sua influência nas práticas espaciais contemporâneas.

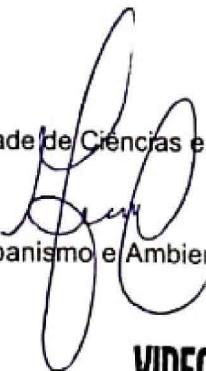
**AUTOR: VICTOR CHIRILLO DE OLIVEIRA STOIAN**

**ORIENTADORA: EDA MARIA GOES**

Aprovado como parte das exigências para obtenção do Título de Mestre em GEOGRAFIA, área: Produção do Espaço Geográfico pela Comissão Examinadora:

  
Prof. Dra. EDA MARIA GOES

Departamento de Geografia / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Prof. Dr. MÁRCIO JOSÉ CATELAN 

Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente / Faculdade de Ciências e Tecnologia de Presidente Prudente

Prof. Dr. JAN SIMON HUTTA  
University of Bayreuth, Alemanha

**VIDEOCONFERÊNCIA**

Presidente Prudente, 18 de dezembro de 2019

À minha mãe, Luzia  
pilar de minhas inquietudes.  
Ao meu irmão, Vinícius e, meus amigos  
que me acompanharam nessas inquietudes.  
À todos que lutam contra a desigualdade social.

## **Agradecimentos**

Agradeço à minha mãe e ao meu irmão que muito me apoiaram em toda a minha vida acadêmica.

Agradeço ao presidente Lula e seu governo pela ampliação do ensino superior e pesquisa, possibilitando que toda minha formação acadêmica pudesse acontecer.

À Prof<sup>a</sup>. Eda com a qual aprendo desde o primeiro ano de graduação e muito mais nesses trinta meses de paciente orientação na Pós-Graduação.

Ao Prof<sup>o</sup>. Everaldo presente em toda a graduação e sem o qual não teria me iniciado na pesquisa acadêmica.

À Prof<sup>a</sup>. Arlete responsável pelo grande aprendizado no estágio docência e graduação, e essenciais indicações de colaboração.

Aos demais professores do Gasperr por todo o conhecimento adquirido, principalmente ao Prof<sup>o</sup>. Nécio por diversas contribuições com o trabalho e ao Prof<sup>o</sup>. Márcio por mediar encontros que tornaram essa pesquisa possível.

Ao Prof<sup>o</sup> Simon pelas indicações de leituras relacionadas aos afetos e grande colaboração que sua disciplina teve neste trabalho.

Ao Matheus pela amizade e por compartilhar ideias travando debates que muito contribuíram em minhas abstrações.

Ao meu amigo Humberto pelas conversas sobre arquitetura e os mais variados assuntos.

Aos meus amigos Marlon e Bruno pela amizade, parceria e toda contribuição intelectual que tiveram em minha vida acadêmica. Incluindo os debates na criação do “mentirismo dialético” .

À Aline, Márcia, Victória, Zé, Lorena e Carol pela amizade e companhia de todas as horas na Pós-Graduação, também parceiros no “metirismo dialético”.

Ao Victão, Leandro e demais amigos de Bauru, que traziam o sempre bem-vindo esquecimento dos trabalhos acadêmicos.

Ao Minerio, Camila, Rafael, André e Foca pela amizade e parceria em muitos momentos da vida.

Ao Airton, pela importante parceria e ajuda desde o início de minha vida profissional.

Ao Maurício, Lorena, Jonan e todas as novas amigadas feitas que não me deixaram distante do mundo acadêmico.

Ao Felipe, Mariana, Priscila e todos os demais amigos do Gasperr, pelos quais, muitas vezes, fui socorrido em relação aos mais variados assuntos da Pós.

À todos os demais colegas da Pós Graduação.

À Luiza, Fernanda, Dani, Noemi, Allana, Helton, Luiza e Israel que fizeram indicações que possibilitaram o encontro com os colaboradores.

À Talita, Karina e Mariana por fornecer bases documentais muito úteis na agilização do trabalho..

Aos funcionários da Pós-Graduação e todos os demais da FCT UNESP.

À todos os colaboradores com os quais produzimos as informações que tornaram essa pesquisa possível.

À todos os demais amigos, colegas e colaboradores que, de alguma forma, participaram desse trabalho

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A estátua de Álvares de Azevedo é devorada com paciência pela paisagem  
de morfina  
a praça leva pontes aplicadas no centro de seu corpo e crianças brincando  
na tarde de esterco

Praça da República dos meus sonhos  
onde tudo se faz febre e pombas crucificadas  
onde beatificados vêm agitar as massas  
onde Garcia Lorca espera seu dentista  
onde conquistamos a imensa desolação dos dias mais doces  
os meninos tiveram seus testículos espetados pela multidão  
lábios coagulam sem estardalhaço  
os mictórios tomam um lugar na luz  
e os coqueiros se fixam onde o vento desarruma os cabelos  
Delirium Tremens diante do Paraíso bundas glabras sexos de papel  
anjos deitados nos canteiros cobertos de cal água fumegante nas  
privadas cérebros sulcados de acenos  
os veterinários passam lentos lendo Dom Casmurro  
há jovens pederastas embebidos em lilás  
e putas com a noite passeando em torno de suas unhas  
há uma gota de chuva na cabeleira abandonada  
enquanto o sangue faz naufragar as corolas

Oh minhas visões lembranças de Rimbaud praça da República dos meus  
Sonhos última sabedoria debruçada numa porta santa

*(Roberto Piva – Praça da República dos meus sonhos)*

## **Lista de Quadros**

Quadro 1. Trabalhos de campo realizados no Parque do Povo, Presidente Prudente .....	60
Quadro 2. Trabalhos de campo realizados no Parque Vitória Régia, Bauru .....	60
Quadro 3. Trabalhos de campo realizados no passeio público da Av. Getúlio Vargas, Bauru.....	60
Quadro 4. Local da realização das entrevistas e perfil dos entrevistados.....	63
Quadro 5. Roteiro das entrevistas.....	65

## Lista de Cartogramas

Cartograma 1. Malha ferroviária com destaque para Bauru e Presidente Prudente .	24
Cartograma 2. Presidente Prudente, expansão urbana, 1919 – 2016 .....	31
Cartograma 3. Crescimento urbano de Bauru.....	36
Cartograma 4. Principais Espaços Residenciais Fechados, Setores Censitários de Renda Alta e espaços públicos pesquisados em Bauru.....	38
Cartograma 5. Principais Espaços Residenciais Fechados, Setores Censitários de Renda Alta e espaço público pesquisado em Presidente Prudente .....	41
Cartograma 6. Parque Vitória Régia, Bauru .....	80
Cartograma 7. Passeio Público avenida Getúlio Vargas, Bauru .....	88
Cartograma 8. Parque do Povo entre avenidas Cel. José Soares Marcondes e Saudade, Presidente Prudente .....	96
Cartograma 9. Parque do Povo entre avenidas Celestino Figueiredo e João Gonçalves Foz .....	98
Cartograma 10. Parque do Povo entre avenidas João Gonçalves Foz e Manoel Goulart .....	102
Cartograma 11. Local de Origem e Renda (por Setor Censitário) – Frequentadores do Parque do Povo - Presidente Prudente.....	110
Cartograma 12. Local de Origem e Renda (por Setor Censitário) – Frequentadores do Parque Vitória Régia - Bauru.....	111
Cartograma 13 . Percurso Comentado no Parque Vitória Régia com Mônica (34, Chácara Odete, Bauru) .....	126
Cartograma 14 . Percurso Comentado no Parque Vitória Régia - Carolina (42, Chácara Odete, Bauru).....	127
Cartograma 15. Percurso Comentado no passeio da Av. Getúlio Vargas - Janaína (59, Resid. Estoril V Bauru) .....	128
Cartograma 16. Percurso Comentado no passeio da Av. Getúlio Vargas - Marcelo (47, Resid. Primavera, Bauru). .....	129
Cartograma 17. Percurso Comentado no passeio da Av. Getúlio Vargas - Matheus (43, Resid. Recanto dos Nobres, Bauru).....	130
Cartograma 18. Percurso Comentado no Parque do Povo - Pedro (64, Jardim João Paulo II, Presidente Prudente) – Parte 1 .....	131

Cartograma 19. Percurso Comentado no Parque do Povo - Pedro (64, Jardim João Paulo II, Presidente Prudente) – Parte 2.....	132
Cartograma 20. Percurso Comentado no Parque do Povo - Pedro (64, Jardim João Paulo II, Presidente Prudente) – Parte 3.....	133
Cartograma 21. Percurso Comentado no Parque do Povo - Daniel (31, Resi. Jatobá, Presidente Prudente) – Parte 1 .....	134
Cartograma 22. Percurso Comentado no Parque do Povo - Daniel (31, Resi. Jatobá, Presidente Prudente) – Parte 2.....	135
Cartograma 23. Percurso Comentado no Parque do Povo - Irene (24, Pq. Resid. Damha I, Presidente Prudente) – Parte 1 .....	136
Cartograma 24. Percurso Comentado no Parque do Povo - Irene (24, Pq. Resid. Damha I, Presidente Prudente) – Parte 2 .....	137

## Lista de Figuras

Figura 1. Bauru, projeto de arruamento sobre primeira doação de terras, 1884.....	25
Figura 2. Bauru com implantação das ferrovias, 1911 .....	27
Figura 3. Bauru, 1930.....	28
Figura 4. Presidente Prudente, 1923.....	30
Figura 5. Parque Vitória Régia – Bauru, 2019.....	34
Figura 6. Vista parcial dos equipamentos infantis do Parque Vitória Régia, Bauru...	81
Figura 7. Palco para show e público jovem no Parque Vitória Régia, Bauru .....	82
Figura 8. Banheiro abandonado do Parque. Vitória Régia, Bauru.....	82
Figura 9. Vista parcial do Parque Vitória Régia – lago, arquibancada e anfiteatro, Bauru .....	83
Figura 10. Vista parcial da arquibancada do anfiteatro no Parque Vitória Régia, Bauru .....	84
Figura 11. Vista parcial de via com a presença de vendedores ambulantes no Parque Vitória Régia, Bauru .....	85
Figura 12. Vista parcial de via com a presença de vendedores ambulantes. Parque Vitória Régia, Bauru .....	86
Figura 13. Vista geral da Praça Panathlon, Bauru .....	87
Figura 14 . Vista parcial do passeio público da Av. Getúlio Vargas, Bauru.....	89
Figura 15 . Vista parcial Praça da Copaíba, Bauru .....	90
Figura 16 . Fluxos de jovens na Avenida Odilon Braga, Bauru .....	91
Figura 17 . Jovens reunidos na Praça da Copaíba, Bauru.....	92
Figura 18 . Torcedores comemoram título de campeonato na Av. Getúlio Vargas, Bauru.....	93
Figura 19 . Famílias assistem a passagem de caminhões de Coca Cola decorados. Av. Getúlio Vargas, Bauru .....	93
Figura 20 . Realização de evento esportivo nas quadras de vôlei de areia. Passeio público da Av. Getúlio Vargas, Bauru.....	94
Figura 21. Vista parcial da Avenida Getúlio Vargas e mini-feira, Bauru .....	95
Figura 22. Vista parcial campo de futebol no Parque do Povo, Presidente Prudente .....	97
Figura 23. Vista parcial Parque do Povo – parque infantil, Presidente Prudente .....	99
Figura 24. Vista parcial Parque do Povo – evento cultural, Presidente Prudente .....	99

Figura 25. Vista parcial do Parque do Povo – encontro de jovens, Presidente Prudente .....	100
Figura 26. Vista parcial Praça do Centenário, Presidente Prudente .....	101
Figura 27. Vista do quiosque do wi-fi com concentração de jogadores do Pokémon Go. Parque do Povo, Presidente Prudente .....	103
Figura 28. Vista parcial do estacionamento e concentração de jovens em frente ao novo bar. Parque do Povo, Presidente Prudente .....	104
Figura 29. Vista do anfiteatro pouco antes da Batalha do Vale. Praça do Vale, Presidente Prudente.....	105
Figura 30. Vista do anfiteatro durante a Batalha do Vale. Praça do Vale, Presidente Prudente.....	105
Figura 31. Resultado referente à idade dos(as) respondentes das enquetes .....	107
Figura 32. Resultado referente ao gênero dos(as) respondentes das enquetes.....	108
Figura 33. Resultado referente ao modo de locomoção dos(das) respondentes das enquetes .....	108
Figura 34. Resultado referente ao tipo de moradia dos(as) respondentes das enquetes .....	109
Figura 35. Resultado referente à finalidade da permanência dos(as) respondentes das enquetes no Parque Vitória Régia, Bauru .....	112
Figura 36. Resultado referente à finalidade da permanência dos(as) respondentes das enquetes no passeio público da Avenida Getúlio Vargas, Bauru .....	113
Figura 37. Resultado referente à finalidade da permanência dos(as) respondentes das enquetes no Parque do Povo, Presidente Prudente .....	113
Figura 38. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes gostam no Parque Vitória Régia, Bauru .....	115
Figura 39. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes gostam no passeio público da Avenida Getúlio Vargas, Bauru .....	115
Figura 40. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes gostam no Parque do Povo, Bauru .....	116
Figura 41. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes não gostam no Parque Vitória Régia, Bauru .....	117
Figura 42. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes não gostam no passeio público da avenida Getúlio Vargas, Bauru .....	117

Figura 43. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes não gostam no Parque do Povo, Presidente Prudente ..... 118

## RESUMO

Na última década, diversos autores têm apontado para a presença do processo de fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas. Como fundamento da interpretação de tal processo, encontra-se a articulação entre o autoenclausuramento de amplos segmentos sociais em espaços residenciais fechados e a segmentação dos espaços de consumo de uma parcela da população de renda mais elevada, tendo como principais justificativas o medo de uma possível ameaça de violência e a crença na incapacidade do Estado na resolução desse problema, com a transferência de tal incumbência para a indústria privada da segurança. Mesmo com a tendência acima descrita, ainda se observa a existência de contatos, de vida pública nos espaços públicos, contrapondo-se a uma lógica de privatização da vida urbana. Nosso principal objetivo é contribuir com a compreensão das motivações por trás das práticas espaciais dos cidadãos que continuam utilizando os espaços públicos numa relação aparentemente dicotômica com a privatização crescente dos espaços de moradia e consumo. Como recurso analítico, realizamos nossa pesquisa em duas cidades de diferentes portes do interior paulista, Bauru e Presidente Prudente. Como procedimentos metodológicos, realizamos trabalhos de campo e entrevistas, assim como a aplicação de enquetes, além de elaborarmos uma nova metodologia, buscando reconhecer os elementos produtores de afetos que motivam os cidadãos a utilizar os espaços públicos pesquisados, a qual nomeamos de Percurso Comentado.

**Palavras chave:** Bauru - SP, Presidente Prudente - SP, Espaço público, Fragmentação socioespacial, Práticas espaciais, Circulação dos afetos.

## ABSTRACT

Last decade, several authors have aimed at the presence of the socio-spatial fragmentation process in São Paulo state's medium-sized cities. The basis for its interpretation is the articulation between the self-enclosure of large social segments in gated residential centers and the spatial segmentation, which only a portion of the high-yielded population can have thereby the fear of any violence threat. There is also the belief in the government's inability to solve this problem, that's why it ends up shifting this responsibility to private security industry. Even with the trend described above, there is still the public life contact in these public spaces, in opposition to a logic of urban life privatization. The main objective is to contribute to the understanding of the motivations behind the spatial practices dwellers who choose to use public spaces in a seemingly dichotomous relationship with the increasing privatization of living and using up of spaces. As an analytical resource, this research was conducted in two different-sized cities in São Paulo state: Bauru city and Presidente Prudente city. As methodological procedures, fieldwork and interviews were conducted, as well as survey application, besides the elaboration of a new methodology, which seeks to recognize the elements that produce affections and motivate citizens to use the public spaces surveyed called Remarked Route. .

**Keywords:** Bauru - SP, Presidente Prudente - SP, Public space, Socio-spatial fragmentation, Spatial practices, Affection circulation.

## SUMÁRIO

<b><i>Agradecimentos</i></b> .....	<b>3</b>
<b><i>Lista de Quadros</i></b> .....	<b>6</b>
<b><i>Lista de Cartogramas</i></b> .....	<b>7</b>
<b><i>Lista de Figuras</i></b> .....	<b>9</b>
<b><i>RESUMO</i></b> .....	<b>12</b>
<b><i>ABSTRACT</i></b> .....	<b>13</b>
<b><i>APRESENTAÇÃO</i></b> .....	<b>16</b>
<b><i>INTRODUÇÃO</i></b> .....	<b>18</b>
<b><i>1 BAURU E PRESIDENTE PRUDENTE: FORMAÇÃO, ESPAÇO PÚBLICO E ENCLAVES FORTIFICADOS</i></b> .....	<b>24</b>
1.1 Formação do núcleo urbano de Bauru e Presidente Prudente e sua expansão .....	25
1.1.1 Formação do núcleo urbano de Bauru .....	25
1.1.2 A formação espacial de Presidente Prudente .....	29
1.2 Contexto de implantação: Parque Vitória Régia e Passeio público da Avenida Getúlio Vargas, em Bauru; Parque do Povo, em Presidente Prudente .....	32
1.2.1 Parque Vitória Régia .....	32
1.2.2 Passeio público da Avenida Getúlio Vargas .....	34
1.2.3 Parque do Povo .....	39
1.3 Da segregação à fragmentação socioespacial: mudanças nos processos de produção do espaço urbano de Presidente Prudente e Bauru .....	42
1.3.1 “Segregação” e segregação socioespacial .....	43
1.3.2 A autosegregação .....	46
1.3.3 Da segregação à fragmentação socioespacial .....	47
1.4 Espaço público, segmentação e cidadania .....	51

<b>2 AFETO, CIDADE E UMA NOVA METODOLOGIA PARA COMPREENDER O COTIDIANO DE ESPAÇOS PÚBLICOS .....</b>	<b>58</b>
2.1. O percurso metodológico .....	58
2.1.1. Trabalhos de campo .....	59
2.1.2. Aplicação de enquetes .....	61
2.1.3. Realização de entrevistas.....	62
2.2. Afeto e cidade: a relação entre as práticas espaciais e os afetos .....	67
2.2.1. As afecções e os afetos em Espinosa .....	67
2.2.2. O afeto na crítica social .....	70
2.2.3. Homogeneidades sociais, materiais e afetivas .....	73
2.3. Construindo uma metodologia para compreender os afetos nas práticas espaciais.....	74
<b>3. CARACTERÍSTICAS E DINÂMICAS GERAIS DAS ÁREAS PESQUISADAS</b>	<b>79</b>
3.1 Parque Vitória Régia .....	79
3.2 Passeio público da Avenida Getúlio Vargas .....	86
3.3 Parque do Povo .....	95
3.4 Identificando os usuários e suas principais relações com o espaço .....	107
<b>4 DO ENCLAVE FORTIFICADO AO ESPAÇO PÚBLICO.....</b>	<b>121</b>
4.1. O discurso dos autossegregados e a cidade .....	121
4.2. Percurso Comentado .....	125
4.2.1. Parque Vitória Régia.....	126
4.2.2. Passeio Público Getúlio Vargas.....	128
4.2.3. Parque Do Povo .....	131
4.3. Interpretações sobre os Percursos Comentados.....	138
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>150</b>
<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>155</b>

## APRESENTAÇÃO

Buscamos nesta apresentação informar aos nossos leitores parte de nossa trajetória desde a graduação até a redação desta dissertação, com ênfase nas questões mais importantes que nos encaminharam o tema e o recorte da pesquisa.

A entrada no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPG) e a adesão ao tema de pesquisa resultam de uma série de eventos anteriores. Retornamos, então, ao ano de 2011. Morando na cidade de Bauru, a preferência seria por realizar a graduação na mesma cidade, porém, a formação insuficiente no ensino médio e o baixo comprometimento com estudos pré-vestibulares me fizeram optar pela graduação em Arquitetura e Urbanismo na FCT Unesp de Presidente Prudente. Feliz escolha. Apesar de contratempos como a falta de professores e infraestrutura adequada ao curso, a grade curricular e o plano pedagógico se adequavam à formação que esperávamos, com ênfase na produção e intervenção no espaço urbano. Neste contexto, entramos em contato com professores vinculados ao PPG que foram muito importantes para nossa formação de arquiteto e urbanista, entre esses professores estão a Maria E. Sposito, Márcio Catelan, Everaldo Melazzo, que nos orientou na Iniciação Científica, e Eda Góes, orientadora no Mestrado. Esta relação foi essencial para compreendermos a importância da pesquisa, tanto como fim, pelos seus resultados, mas também como meio, auxiliando na capacitação dos docentes. A Iniciação Científica, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), nos aproximou ainda mais dos grupos de pesquisa “Produção do Espaço e Redefinições Regionais” (GAsPERR) e da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe).

A iniciação científica também nos aproximou de um viés mais econômico sobre a compreensão da produção do espaço urbano, com foco sobre a produção imobiliária do Programa Minha Casa Minha Vida e seus agentes produtores. Já no Trabalho Final de Graduação (TFG), aprofundamos nosso interesse nas desigualdades socioespaciais e, principalmente, sobre o processo de fragmentação socioespacial. Diante disso, a escolha mais coerente seria continuar os estudos com pesquisadores ligados à temática, com um foco nas práticas espaciais dos cidadãos, compreendendo que essas práticas são fundamentais na produção do fato urbano.

A mudança de viés de pesquisa da Iniciação Científica para o Mestrado, passando pelo TFG, teve como elemento indutor o contato que tivemos com autores da Filosofia e Psicologia através de palestras, entre eles Christian Dunker e Vladimir Safatle, e a percepção de que seria necessário avançar em direção às questões simbólicas e subjetivas das práticas espaciais para que nós pudéssemos ter uma compreensão mais ampla sobre a produção da cidade. Ao assistirmos a palestra “O circuito dos afetos” do filósofo Vladimir Safatle, fomos provocados a tentar encontrar outros circuitos de afetos presentes no espaço público para além do medo, considerado pelo filósofo o afeto central que estrutura o nosso modo de organização social.

Há também a perspectiva relacionada a nossa formação de arquiteto: de intervenção no espaço. Para tal, é preciso compreender as possíveis forças majoritárias e contra majoritárias na produção do espaço urbano. Os resultados alcançados em nosso TFG nos indicavam que o espaço público pode contribuir para amenizar alguns processos relacionados à fragmentação socioespacial. Portanto, optamos por realizar uma pesquisa que pudesse elaborar uma análise sobre determinados espaços públicos diante do processo de fragmentação socioespacial, com ênfase em uma abordagem qualitativa dessas relações.

A realização da pesquisa nas cidades de Bauru e Presidente Prudente devido à experiência de vivência em ambas. Acreditamos que foi um direcionamento acertado, apesar dos deslocamentos implicarem em dificuldades, foi essencial para obtermos indícios daquilo que seriam lógicas mais gerais e mais locais de cada um dos objetos de estudo. Isso contribuiu, mas não foi determinante em nossos atrasos em relação ao cronograma inicial. Tais atrasos se devem, além das dificuldades não previstas na execução de alguns procedimentos metodológicos, sobretudo à minha dificuldade de planejar e executar atividades com prazos longos. Nesse ponto, cabe destacar a paciência e compreensão por parte de minha orientadora.

Por fim, resta ainda trabalho pela frente, mas carregamos uma grande carga de experiências e conhecimentos, adquiridos na relação formal e informal com professores, colegas e grupos de pesquisa que farão toda a diferença em minha vida profissional, independente de qual seja o rumo tomado.

## INTRODUÇÃO

Segundo Bonduki (1998), entre as décadas de 1940 e 1980 houve um processo de mudança da população rural brasileira para as cidades. Neste período ocorreu uma inversão da taxa populacional urbana em relação à rural, passando as cidades a abrigar a maior parte dos brasileiros. Este processo histórico é de fundamental relevância para compreensão da configuração espacial que as cidades adquiriram nas décadas seguintes.

Na década de 1980, a metrópole paulista passou a receber investimentos do mercado imobiliário para a oferta de um novo produto, os “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2003). Os novos loteamentos localizados em cidades vizinhas à capital, se caracterizavam pelo forte aparato de segurança e o foco nos consumidores de renda mais alta. Inicia-se, então, segundo Caldeira (2003), um novo padrão de segregação, em que moradores de rendas mais altas deixam os bairros mais tradicionais em direção aos loteamentos fechados. Tal mudança tinha como justificativa o medo de uma possível ameaça de violência.

Entendemos segregação como áreas de moradia com homogeneidade em seu conteúdo social (CASTELLS, 1978) em que haja um grau de ruptura com o entorno, reduzindo assim as relações. Correia (1989, p.64 *apud* SPOSITO e GOES, 2013, p.281) qualifica esse debate nomeando o processo descrito por Caldeira (2003) como *autossegregação*, sendo este corresponsável pela segregação, pois seriam faces de um mesmo processo mais amplo. Tornando cada vez mais segmentado em classes os espaços de moradia nas cidades, este processo também pode ser observado em cidades médias como Bauru e Presidente Prudente, ambas no estado de São Paulo. Portanto, o anel periférico das cidades brasileiras de grande e médio porte foi se complexificando, podendo haver proximidade espacial entre ricos e pobres, porém, com uma relação fraturada por muros, portarias, cercas elétricas e todo um aparato de segurança.

A partir da implantação dos *shopping centers*, essa dinâmica de separação das práticas espaciais em classes, antes mais direcionada aos espaços de moradia, passa a moldar também a dinâmica do consumo. Ocorre uma redefinição do papel da área central. A tradicional área de consumo das cidades fica destinado a atender aos

segmentos de menor nível de renda. *Shopping centers* e áreas específicas da cidade passam a concentrar o comércio direcionado às classes média e alta. A ruptura, que antes se restringia aos locais de moradia, passa a alcançar outras dimensões da vida urbana, incluindo o consumo e o lazer. Tal processo é compreendido por Sposito e Góes (2013), como fragmentação socioespacial.

Caldeira (2003), ao analisar a metrópole paulista, e Sposito e Góes (2013) analisando as cidades de Presidente Prudente, Marília e São Carlos, identificaram que o medo é o principal elemento utilizado pelos moradores de espaços residenciais fechados para justificar a sua autosegregação, portanto, por uma separação relativa do convívio com os demais segmentos sociais. Essa justificativa é alinhada ao discurso da “indústria da segurança”, que tem seu papel ampliado pela comunicação de massa, assim tendendo a aumentar a sensação de insegurança urbana.

Segundo Caldeira (2003), Sposito e Góes (2013), Gomes (2006) e Saravi (2008), essa separação também causaria um recuo da cidadania, em que se deixa de reconhecer o outro como um concidadão, portador dos mesmos deveres e direitos. Esses espaços seriam, portanto, uma anti-cidade, fundada na rejeição da totalidade e do diverso.

Como já mencionamos nos parágrafos anteriores, a lógica de separação nas cidades se intensificou culminando no processo de fragmentação socioespacial. Este processo envolve várias dimensões da vida urbana, incluindo a utilização de espaços públicos. As práticas espaciais relacionadas aos espaços públicos podem ocorrer de diferentes formas. Entre elas há uma utilização mais conectada à autosegregação, em que os moradores desses espaços residenciais fechados abandonam os espaços públicos, utilizando as áreas de lazer internas aos muros de seus loteamentos. Uma outra, identificada por Serpa (2011), seria a territorialização dos espaços públicos, dificultando, ainda que indiretamente, a utilização por sujeitos de outros segmentos sociais.

Ainda que haja um recuo da cidadania, como constatado por Serpa (2011), presente em diversos processos urbanos, os espaços públicos continuam “vivos”. Entretanto, sua utilização e apropriação foram se alterando de acordo com os processos de estruturação e reestruturação urbana ocorridos nas últimas décadas.

Neste sentido, a cidade de Presidente Prudente apresenta em seu principal espaço de lazer público, o Parque do Povo, uma intensa utilização com maior ou menor nível dependendo do trecho analisado, incluindo uma grande diversidade de usos, desde aqueles exclusivamente gratuitos, como a prática esportiva em suas quadras, pista de ciclismo ou *skate*, até usos associados diretamente ao consumo, como quiosques de venda de alimentos (SOBARZO, 2004).

A cidade de Bauru não possui uma área de lazer com as mesmas características do Parque do Povo de Presidente Prudente, seja em relação a sua dimensão, como a sua intensidade e variedade de usos. Porém, no Parque Vitória Régia<sup>1</sup> observamos preliminarmente uma utilização com algum grau de semelhança ao Parque do Povo, pois é o principal parque da cidade, com uma boa oferta de transporte público para acesso à área, e está conectado a uma das principais vias da cidade, a Avenida Nações Unidas. Porém, o Parque Vitória Régia possui uma utilização menos intensa em relação ao Parque do Povo. Neste sentido, o passeio público da Avenida Getúlio Vargas acaba adquirindo relevância, pois supre alguns usos menos acessíveis no Parque, devido a presença de uma ampla calçada e a existência de mobiliários para a prática de exercícios físicos, o que pode ser favorecido pela proximidade com bairros de renda mais alta, além de loteamentos fechados.

Os exemplos das formas e intensidade de uso dos parques das duas cidades não afastam a compreensão de que eles também estão inseridos na lógica de segmentação socioespacial do espaço urbano, mas nos estimularam a propor o questionamento de que mesmo com o movimento de autosegregação e modificação das práticas espaciais dos cidadãos de maior nível de renda, esses espaços continuam possibilitando encontros entre os diferentes que, de toda forma, acabam por ocorrer mesmo que em menor medida.

Desse modo, justificamos o nosso interesse em compreender as relações dos moradores de espaços residenciais fechados, estabelecidas através das práticas espaciais, com três espaços públicos em duas diferentes cidades: o Parque Vitória Régia e o passeio público da Avenida Getúlio Vargas, em Bauru, e o Parque do Povo em Presidente Prudente.

---

<sup>1</sup> Parque Vitória Régia é o nome popular do Parque Dr. Cesar Benedito Fernandes Rodrigues.

Levando em conta o componente subjetivo das práticas espaciais, para compreender esta relação entre subjetividade e cidade, dialogamos com Dunker (2009) que utiliza os espaços residenciais fechados como inspiração para a compreensão de uma sociedade que busca uma excessiva contratualização, colocando o “síndico do condomínio” como mediador das relações sociais, sendo essa mediação necessária para garantir um ideal de felicidade. Complementarmente, Safatle (2016) indica que o medo é o afeto central na vida contemporânea, juntamente ao desamparo e a esperança. O autor considera que a coesão social se dá a partir de “circuito de afetos” que encerram a autonomia dos sujeitos. Portanto, ainda que haja uma desconexão entre os dados da violência e a expansão dos novos *habitats* fechados e que o auto isolamento tenha como justificativa menos explícita o afastamento em relação às classes populares (SPOSITO E GÓES, 2013), o medo é um elemento importante a ser pesquisado.

Partindo do pressuposto que o medo é um afeto fundamental na organização política das sociedades contemporâneas, capaz de influenciar na organização espacial das cidades, quais são os demais afetos em circulação que motivam os sujeitos para o convívio social e favorecem a utilização dos espaços públicos e conseqüentemente um alargamento da noção de cidadania? **Diante da hipótese de que alguns cidadãos autossegregados continuam utilizando os espaços públicos, quais elementos os afetam positivamente e os atraem para esses espaços?** Esta é a pergunta central deste trabalho, pois a compreensão desses elementos pode ser a chave para o desenvolvimento de políticas públicas mais eficazes.

Nos alinhamos ao argumento de Safatle (2016) de que a crítica social é caracterizada por uma carência no que diz respeito às questões ligadas à afetividade. Neste sentido, propomos neste trabalho avançar na compreensão das relações entre os sujeitos sociais e o espaço em uma perspectiva que possa considerar o afeto como fundamento na constituição das práticas espaciais.

Por fim, a relevância da pesquisa reside na possibilidade de descoberta das motivações que atraem os cidadãos em direção ao espaço público, para o convívio com a alteridade e a ampliação da cidadania, através da descoberta de elementos que produzem afetos positivos dentro de um "circuito de afetos" mais amplo. Além

disso, também contribuimos para o desenvolvimento de novos procedimentos metodológicos que permitam a associação entre as práticas espaciais e as motivações para as mesmas, com o objetivo de produzir conteúdo que subsidie políticas públicas, a partir de novas formas de apreensão do espaço urbano nas cidades de Bauru e Presidente Prudente - SP.

Tendo como um dos pilares fundamentais do trabalho a compreensão do processo de fragmentação socioespacial relacionado ao espaço público, organizamos este trabalho em quatro diferentes capítulos, sendo que no primeiro estabelecemos uma relação entre a formação das cidades e o processo de fragmentação socioespacial em curso na cidade contemporânea. Desse modo, iniciamos por um breve histórico da formação e crescimento das cidades estudadas até o período em que a malha urbana alcança o limite das áreas públicas pesquisadas. A segunda parte desse mesmo capítulo avança no histórico e contextualização da implantação dessas três áreas. Em seguida, apresentamos a dinâmica dos processos de segregação e fragmentação socioespacial relacionados ao nosso objeto de estudo.

O segundo capítulo é dividido em três partes. Na primeira trazemos uma síntese dos elementos mais importantes para nossa pesquisa do pensamento do filósofo Espinosa. Na segunda construímos um diálogo com autores que tratam do tema dos afetos conectados à discussão sobre a cidade. Na terceira parte, apresentamos ao leitor uma metodologia que possa colaborar na compreensão dos afetos positivos e negativos produzidos nos sujeitos sociais que pesquisamos. Chamamos essa metodologia de Percurso Comentado, nela acompanhamos colaboradores, moradores de espaços residências fechados, em um percurso nos espaços públicos pesquisados, buscando encontrar os elementos que os afetam positiva e negativamente.

No terceiro capítulo fazemos uma descrição das características físicas e um relato das práticas e dinâmicas gerais dos três espaços públicos pesquisados, obtidos através de trabalhos de campo e da aplicação de enquetes nos três espaços. Tais elementos subsidiaram as primeiras análises que encontram-se ao final deste capítulo.

O quarto capítulo é composto pela análise de um conjunto de entrevistas e dos Percursos Comentados que realizamos com moradores de espaços residenciais fechados. Ambos procedimentos poderiam ser analisados de maneira independente, porém, sua articulação, na última parte do capítulo, colaborou para resultados mais consistentes e assim, para que os objetivos da pesquisa fossem atingidos. Por fim, apresentamos as considerações finais, nas quais sintetizamos as análises mais relevantes da pesquisa e apontamos para novas possibilidades a serem exploradas em trabalhos futuros.

## 1 BAURU E PRESIDENTE PRUDENTE: FORMAÇÃO, ESPAÇO PÚBLICO E ENCLAVES FORTIFICADOS

Neste primeiro capítulo, apresentamos uma breve história do desenvolvimento urbano das duas cidades que tratamos em nossa pesquisa, Presidente Prudente e Bauru, em destaque no Cartograma 1. Ambas as cidades paulistas possuem um vínculo histórico com a expansão da malha ferroviária, a primeira em um contexto mais regional, enquanto a segunda ligada a uma expansão da fronteira produtiva nacional. Inicialmente, apresentamos a formação dos núcleos urbanos. Posteriormente tratamos da expansão com foco em nossas áreas de pesquisa. Em seguida, discutimos processos importantes na produção do espaço urbano e estruturação das duas cidades, suas principais áreas de consumo e as dinâmicas de segregação e fragmentação socioespacial. Por fim, discutimos o papel dos espaços públicos diante dos processos acima citados.

Cartograma 1. Malha ferroviária com destaque para Bauru e Presidente Prudente



Fonte: Intervenção do autor sobre mapa do Ministério dos transportes.

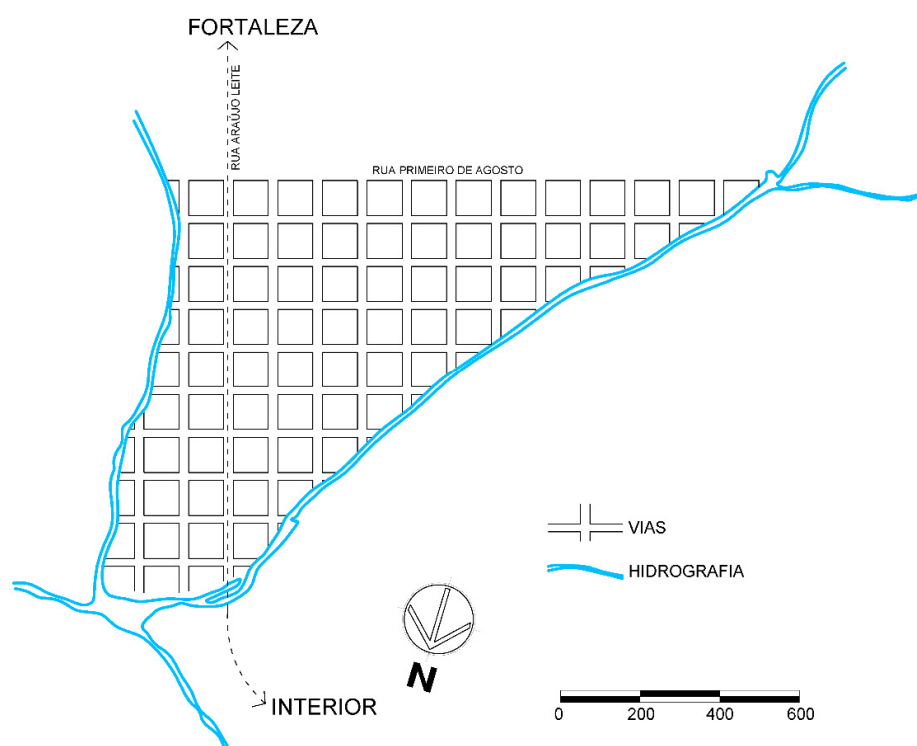
Disponível em: <http://www2.transportes.gov.br/bit/03-ferro/1-ferro/se-ferro.pdf>. Acesso: 23 de abril de 2019.

## 1.1 Formação do núcleo urbano de Bauru e Presidente Prudente e sua expansão

### 1.1.1 Formação do núcleo urbano de Bauru

Segundo Ghirardello (1992), a formação da cidade de Bauru se inicia com uma doação do casal Antonio Teixeira do Espírito Santo e esposa de parte de sua fazenda à Igreja, em 1885 (Figura 1). Antes disso, a área foi ocupada por posseiros nas proximidades do Ribeirão Bauru e do Córrego das Flores. As primeiras casas ocupavam a estrada que interligava essa área à Espírito Santo da Fortaleza e Lençóis Paulista<sup>2</sup>, quando ainda não havia arruamento. A demarcação do traçado, em 1888, deve ter obedecido o código de posturas de Lençóis Paulista, município ao qual as terras pertenciam, com quadras regulares medindo 88 metros em ambos os lados e dividido em 8 datas de 22 por 44 metros, além de ruas no sentido leste-oeste medindo por volta de 14 metros de largura, enquanto as norte-sul mediam entre 16 e 20 metros. Era um traçado bastante genérico, que nem mesmo considerava os espaços para praças ou avenidas.

Figura 1. Bauru, projeto de arruamento sobre primeira doação de terras, 1884



Fonte: Elaborado pelo autor. Dados: GHIRARDELLO, 1992.

<sup>2</sup> Essa estrada é atualmente a Rua Araújo Leite (GHIRARDELLO, 1992, p.52).

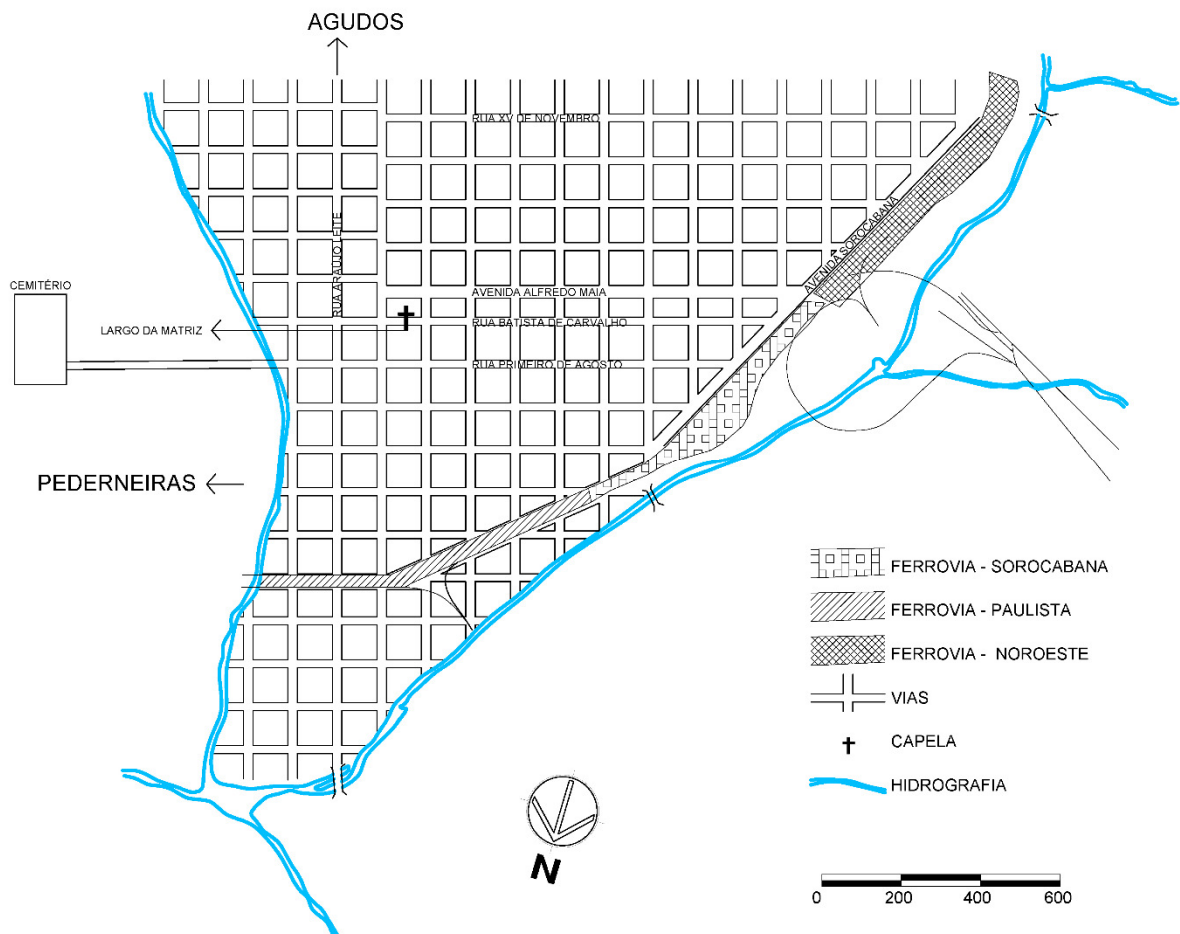
Em 1887, Espírito Santo da Fortaleza passou a ser município autônomo, ficando o núcleo urbano de Bauru sob sua jurisdição. Em 1896, com o início de um novo período de legislatura, os vereadores eleitos, todos moradores de Bauru, transferiram a sede do município para o novo núcleo urbano por ser maior e mais próspero (GHIRARDELLO, 1992, p.37).

Com a ascensão da produção do café na região de Brotas, Jaú e São Carlos e posteriormente, Botucatu, São Manuel e Lençóis, em 1896, o governo estadual expede decretos que concedem à Cia Paulista e à Cia União Sorocabana Ituana a autorização de construção dos prolongamentos de Dois Córregos à Bauru e de Lençóis à Bauru, respectivamente. (GHIRARDELLO, 1992, p.63).

A implantação das três ferrovias, as duas já citadas e da Noroeste, conforme Figura 2, objetivavam a expansão da produção cafeeira e do povoamento em direção ao Mato Grosso e foram determinantes na configuração desta área da malha urbana que permanece quase sem modificações até os dias atuais. A Sorocabana, vinda de Lençóis, foi implantada em 1905. A Paulista, vinda de Pederneiras, em 1910, enquanto a Noroeste foi criada em 1906, com início em Bauru. O entroncamento ferroviário permitiu a ligação da cidade com várias regiões do estado, transformando Bauru em um importante polo regional (GHIRARDELLO, 1992, p.82-85).

Bauru teve um crescimento acelerado até 1929, cessado neste ano devido à crise internacional gerada pela quebra da Bolsa de Nova York, que afetou diretamente a produção cafeeira, e por consequência, a economia local. O hiato pode ser datado até o ano de 1935, quando a expansão da produção do algodão possibilitou uma retomada do crescimento urbano. Este novo ciclo econômico favoreceu Bauru como destino dos investimentos advindos de sua lucratividade, acelerando a produção da construção civil. Concomitante, se estabeleceram junto à linha férrea indústrias beneficiadoras desse novo produto agrícola (GHIRARDELLO, 1992, p.158-161).

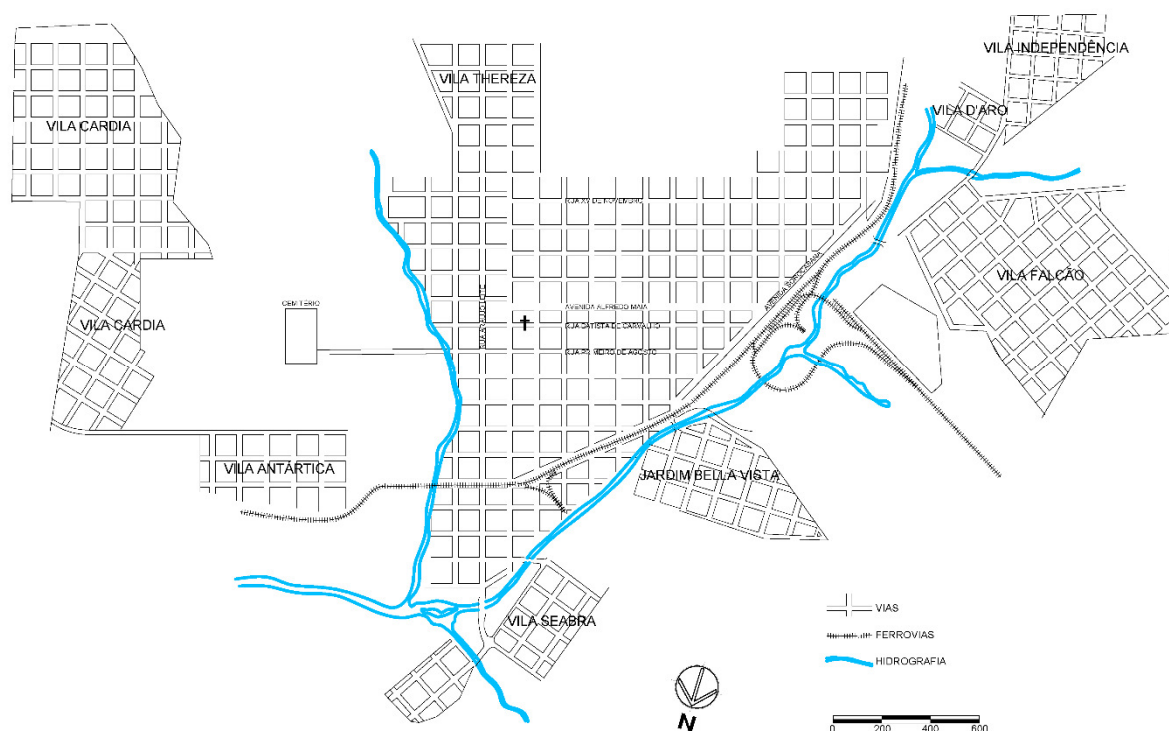
Figura 2. Bauru com implantação das ferrovias, 1911



Fonte: Elaborado pelo autor. Dados: GHIRARDELLO, 1992.

Segundo Ghirardello (1992), as mudanças acima mencionadas foram essenciais para que houvesse uma expansão mais acentuada da malha urbana. Em 1930 (Figura 3), já haviam oito bairros para além dos limites impostos pelos cursos d'água que delimitavam a área inicial. Destacamos a Villa Falcão, localizada na proximidade das oficinas da Cia Noroeste, e a Villa Cardia, implantada além do cemitério, criando um grande vazio urbano na direção leste. Na década seguinte, os loteamentos e a expansão no eixo leste-oeste continuaram avançando, preenchendo alguns vazios urbanos e gerando novos.

Figura 3. Bauru, 1930



Fonte: Elaborado pelo autor. Dados: GHIRARDELLO, 1992.

A partir da década de 1950 teve início uma dinâmica de construção de grandes obras de infra-estrutura na cidade, entre elas, viadutos e novas interligações sobre os cursos d'água que separavam os bairros da zona norte e oeste da área central, além da canalização do Córrego das Flores entre as Rua Marcondes Salgado e Avenida Rodrigues Alves, para a construção do que viria a ser uma das mais importantes avenidas da cidade, a Nações Unidas. O caráter desenvolvimentista da administração local se articulava a uma expansão da malha urbana com novos loteamentos, alguns deles criados pelo ex-prefeito e empresário Avallone Junior (CATELAN, 2008, p.58 - 62).

Segundo Losnak (2004, p.160-173), entre as décadas de 1960 e 1970, a malha urbana alcançou o então aeroporto e o entorno do atual Parque Vitória Régia. Em 1969, o trecho do Córrego das Flores entre a Avenida Rodrigues Alves e Duque de Caxias foi canalizado para dar lugar ao prolongamento da Avenida Nações Unidas. As obras duraram toda a década de 1970, até alcançar o trevo de cruzamento com a rodovia Marechal Rondon, inaugurado em 1980.

### *1.1.2 A formação espacial de Presidente Prudente*

Presidente Prudente se originou da fusão de dois núcleos urbanos implantados em duas diferentes glebas, divididas pelo espigão que é percurso da linha férrea Alta Sorocabana<sup>3</sup>. Em 1917, o Coronel Francisco de Paula Goulart, filho de Manuel Pereira Goulart, deu início ao primeiro núcleo urbano, baseado na localização da (então) futura estação ferroviária. Este foi planejado para ter 25 quarteirões de 88 metros por 88 metros, circundados por quatro avenidas que hoje formam o quadrilátero central da cidade, ambas com 26,40 metros de largura cada uma, constituindo a Vila Goulart. Nos fundos da estação, oposto ao núcleo urbano fundado pelo Coronel Goulart, o Coronel José Soares Marcondes fundou o segundo núcleo urbano, a Vila Marcondes. Diante do crescimento dos dois núcleos devido à expansão da agricultura na região e à chegada de novos moradores em busca de trabalho, foi pleiteada a fundação do município de Presidente Prudente, aprovada e sancionada em 28 de novembro de 1921. Em 1923, a cidade já ultrapassava os dois núcleos urbanos iniciais. Na planta abaixo (Figura 4), de 1923, é possível visualizar, além dos dois núcleos iniciais, a primeira expansão projetada contínua à Vila Goulart:

A expansão da malha urbana na primeira década se deu em ritmo acelerado. Tal dinâmica pode ser atribuída à concorrência entre os dois coronéis no esforço de vender suas terras, como também à implantação de alguns serviços que fizeram a cidade se destacar neste trecho da Alta Sorocabana. Entre esses serviços, cabe mencionar o distrito policial (1921), o primeiro grupo escolar (1925), a paróquia (1925) e a primeira casa de saúde, implantada em 1926 (SPOSITO, 1983, p.59).

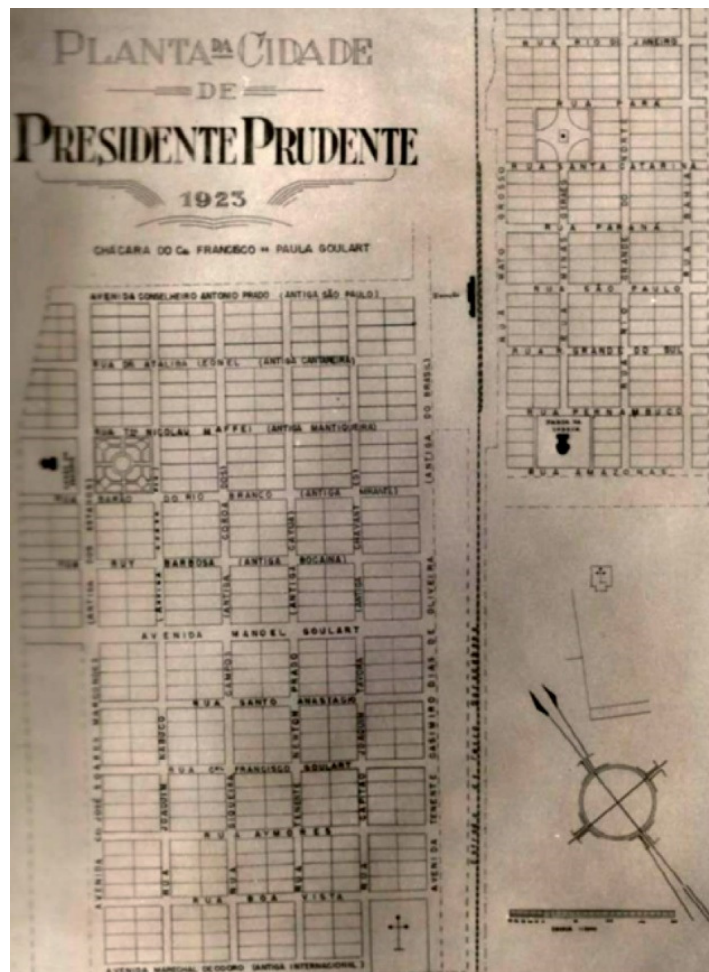
Nas primeiras décadas, os poucos obstáculos físicos e o modelo de urbanização vigente empreendido pelo Coronel Goulart, marcado pela falta de planejamento e sem a regularização em cartório, contribuiu para um crescimento acelerado do tecido urbano na porção oeste e, em poucas décadas, passou a ocupar os interflúvios do córrego do Bacarin e Água do Bôscoli. Tal crescimento se constituiu com certa continuidade.

---

<sup>3</sup> Abreu (1972) é referência fundamental sobre a origem de Presidente Prudente. Com base nessa obra, todo esse parágrafo foi elaborado.

A porção leste teve como obstáculo ao seu crescimento a divisão produzida pela linha férrea e, em alguma medida, o relevo mais acidentado desta área da cidade. A linha foi também apontada como fator relevante na expansão norte e sul, considerando a importância desse modal de transporte (SPOSITO, 1983, p.60 – 76).

Figura 4. Presidente Prudente, 1923

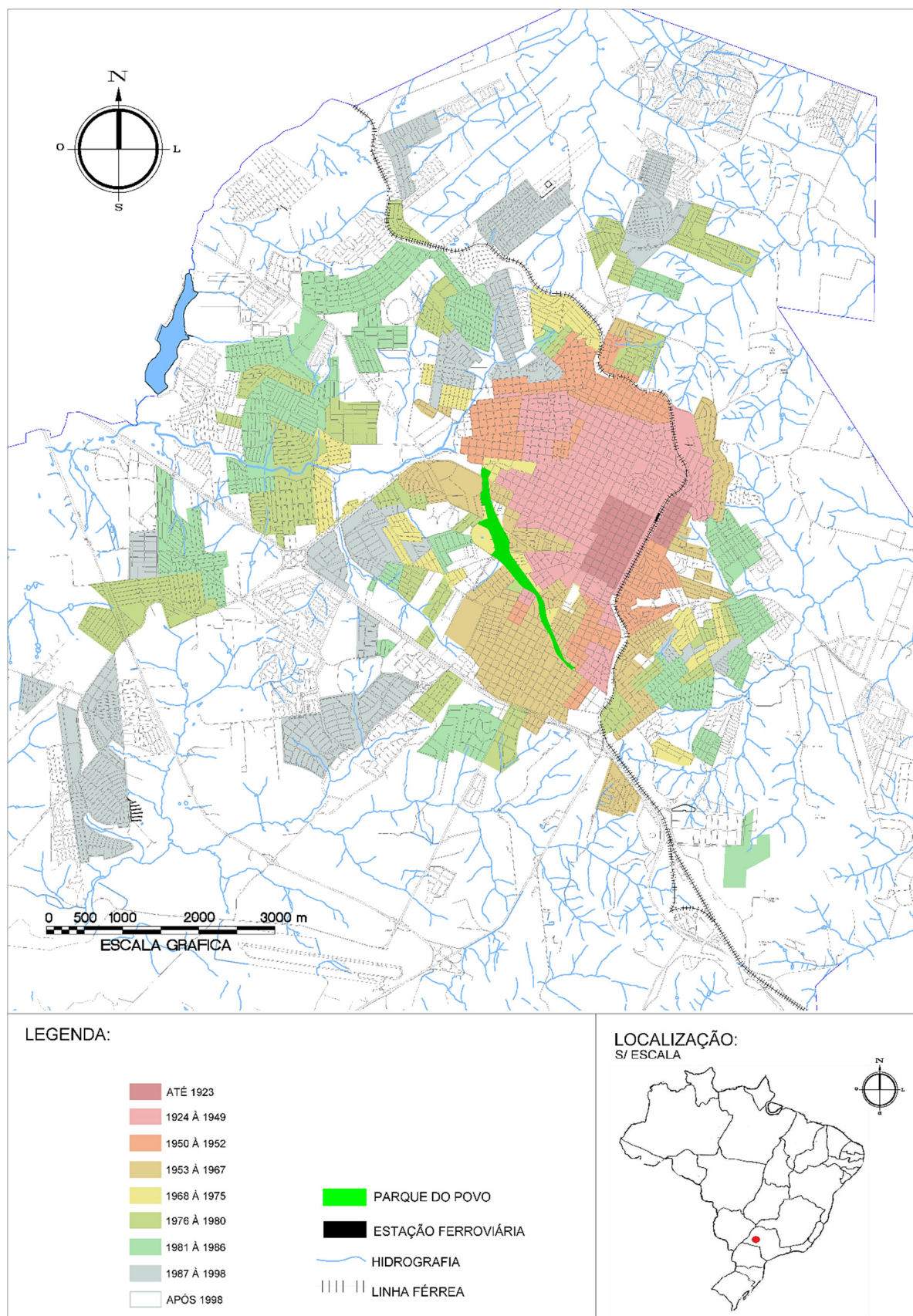


Fonte: Portal do professor – Atlas ambiental escolar.

Disponível em: [http://portaldoprofessor.fct.unesp.br:9000/topico/formacao-socioespacial/-atlas\\_](http://portaldoprofessor.fct.unesp.br:9000/topico/formacao-socioespacial/-atlas_) Acesso: 23 de abril de 2019.

Como pode ser observado na Cartograma 2, até o ano de 1952 a mancha urbana já havia ocupado a maior parte da área compreendida entre a linha férrea, o Córrego do Veado e o Córrego da Colônia Mineira, sendo o Córrego do Veado o primeiro a ser superado. Isso ocorreu na década de 1960 com a ocupação do Jardim Bongiovani e do Jardim das Rosas, gerando no entorno do citado córrego um grande vazio urbano ocupado pelo Parque do Povo a partir de 1976 (SPOSITO, 1983, p.157 e 164).

Cartograma 2. Presidente Prudente, expansão urbana, 1919 – 2016



Fonte: Elaborado pelo autor. Dados: IBGE (2010), Sposito (1983), Baron (2010).

## **1.2 Contexto de implantação: Parque Vitória Régia e Passeio público da Avenida Getúlio Vargas, em Bauru; Parque do Povo, em Presidente Prudente**

### *1.2.1 Parque Vitória Régia*

Como apresentado na parte anterior, a chegada de Avallone Jr. ao cargo de Prefeito Municipal de Bauru (1956 – 1959) representou uma aceleração na dinâmica tanto da expansão urbana, como também um ciclo de obras de infra-estrutura, dentre elas, a já citada canalização do Córrego das Flores e a construção da Avenida Nações Unidas sobre o mesmo.

Nesse primeiro momento, o investimento na nova avenida se justificaria com o objetivo de facilitar o acesso à porção leste da cidade, onde alguns bairros já haviam sido implantados nas décadas anteriores, entre eles a Villa Cardia e a Villa Antártica, como também o cemitério. A travessia mais significativa foi a passagem da Avenida Rodrigues Alves, que possibilitou a ocupação de um bairro de classe média-alta, o Higienópolis. Portanto, um bairro “nobre” com maior proximidade da área central, se tornando o primeiro bairro destinado às pessoas de renda mais elevada a se situar além de um fundo e vale. Antes disso, apenas bairros destinados à moradores com menor nível de renda estavam nessa condição (LOSNAK, 2004, p.154 -157).

Ao observar a organização espacial na formação dos bairros mais antigos até 1930 (Figura 03), constata-se que os trabalhadores foram se fixando inicialmente nas Vilas Falcão, Antártica, Cardia, Seabra, Bela Vista e Independência, todas elas situadas além dos córregos que as separavam do centro da cidade. As classes médias e dominantes viviam, e ainda vivem, no centro e na região sul, compostos de vários bairros, mas tradicionalmente denominados “Altos da Cidade”. (LOSNAK, 2004, p.156).

Durante a década de 1960, uma área lateral ao cruzamento das avenidas Nações Unidas e Rodrigues Alves era utilizada por uma feira livre que possuía barracas fixas, sendo considerada algo depreciativo pela imprensa e elite da cidade. A retirada da feira ocorreu com a construção da Praça do Líbano no mesmo local, em 1969, mesmo ano em que foram iniciadas as obras do primeiro prolongamento da avenida Nações Unidas na direção sul (LOSNAK, 2004, p.161 -163).

As obras de prolongamento da Avenida se iniciaram na administração do prefeito Alcides Franciscato (1969 –1972) em seu primeiro ano de mandato. O novo

trecho se estendia 100 metros à frente do cruzamento com a Avenida Duque de Caxias. Esta obra alterou significativamente o entorno da área, que até o momento possuía um número muito pequeno de ocupações, tanto no Jardim Brasil quanto nos recém implantados Vila Universitária e Jardim Panorama, sendo ainda menor a ocupação desses dois últimos (LOSNAK, 2004, p.171).

Foi exatamente essa a lógica presente em quase toda a canalização do Córrego das Flores e nas construções da Avenida Nações Unidas: obras públicas gerando direcionamento de ocupação e valorização intensa de lugares até então pouco considerados pelo mercado imobiliário para atender às camadas mais abastadas. (LOSNAK, 2004, p.159).

A obra se inseria no modelo imaginado pelo prefeito de transformação de Bauru em uma cidade moderna e usava como justificativa para suas ações o Plano Diretor elaborado entre 1966 e 1967, pelo Núcleo de Pesquisas Urbanísticas da FAU-USP, encomendado pela administração anterior do prefeito Nuno de Assis. O Plano, inspirado nos ideais modernistas da Carta de Atenas previa muitas obras de infraestrutura para interligação da área central com os bairros mais periféricos situados além dos cursos d'água. Apesar do Plano não ter sido implantado, foi importante para chamar a atenção da mídia local, além de fundamentar as ações que se seguiram nas décadas de 1960 e 1970. O dinamismo pretendido pela administração local se coadunava com a ideia de desenvolvimento nacional do governo central sob a ditadura implantada em 1964. O conjunto de obras, algumas monumentais, fortalecia a ideia de "Cidades sem Limites"<sup>4</sup>, marca adotada pela administração de Franciscato (LOSNAK, 2004, p.169 - 193).

A implantação do Parque Vitória Régia ocorreu no ano de 1978. Idealizado pelo vice-prefeito e arquiteto oficial Jurandyr Bueno Filho, foi por ele considerado como parte do esforço para criação de um símbolo de identidade da cidade (LOSNAK, 2004, p.173 e 195). Localizado ao redor das nascentes do Córrego das Flores, numa área de aproximadamente 50.000 metros quadrados que possuía grandes desníveis gerados por processos erosivos e pela compensação do nivelamento das vias do entorno. Aproveitando-se dessas características, o arquiteto projetou o Parque com

---

<sup>4</sup> *Slogam* adotado por grupo do ex- prefeito Avallone Junior em um contexto de grandes obras como o Parque Vitória Régia e a Avenida Nações Unidas, seguindo uma comunicação de "ufanismo triunfante" do período da ditadura militar (LOSNAK, 2004, p.169).

um anfiteatro sobre um lago, conferindo ao mesmo um desenho bastante singular (Figura 5) (CONSTANTINO, 2005 p. 68-69).

Figura 5. Parque Vitória Régia – Bauru, 2019



Fonte: Wikipedia Disponível em:  
[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6a/Parque\\_Vitória\\_Régia\\_Bauru.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/6/6a/Parque_Vitória_Régia_Bauru.jpg)  
Acesso: 04 de outubro de 2019.

O prolongamento da Avenida até a interligação com a Rodovia Marechal Rondon foi concluído em 1980. Em apenas uma década, todo seu entorno estava modificado com a construção de edifícios diversos, e na proximidade do cruzamento com a rodovia, ocorreu a implantação do primeiro *shopping center* da cidade, inaugurado em 1989, o Bauru Shopping (LOSNAK, 2004, p.173; JCNET, 2014).

### *1.2.2 Passeio público da Avenida Getúlio Vargas*

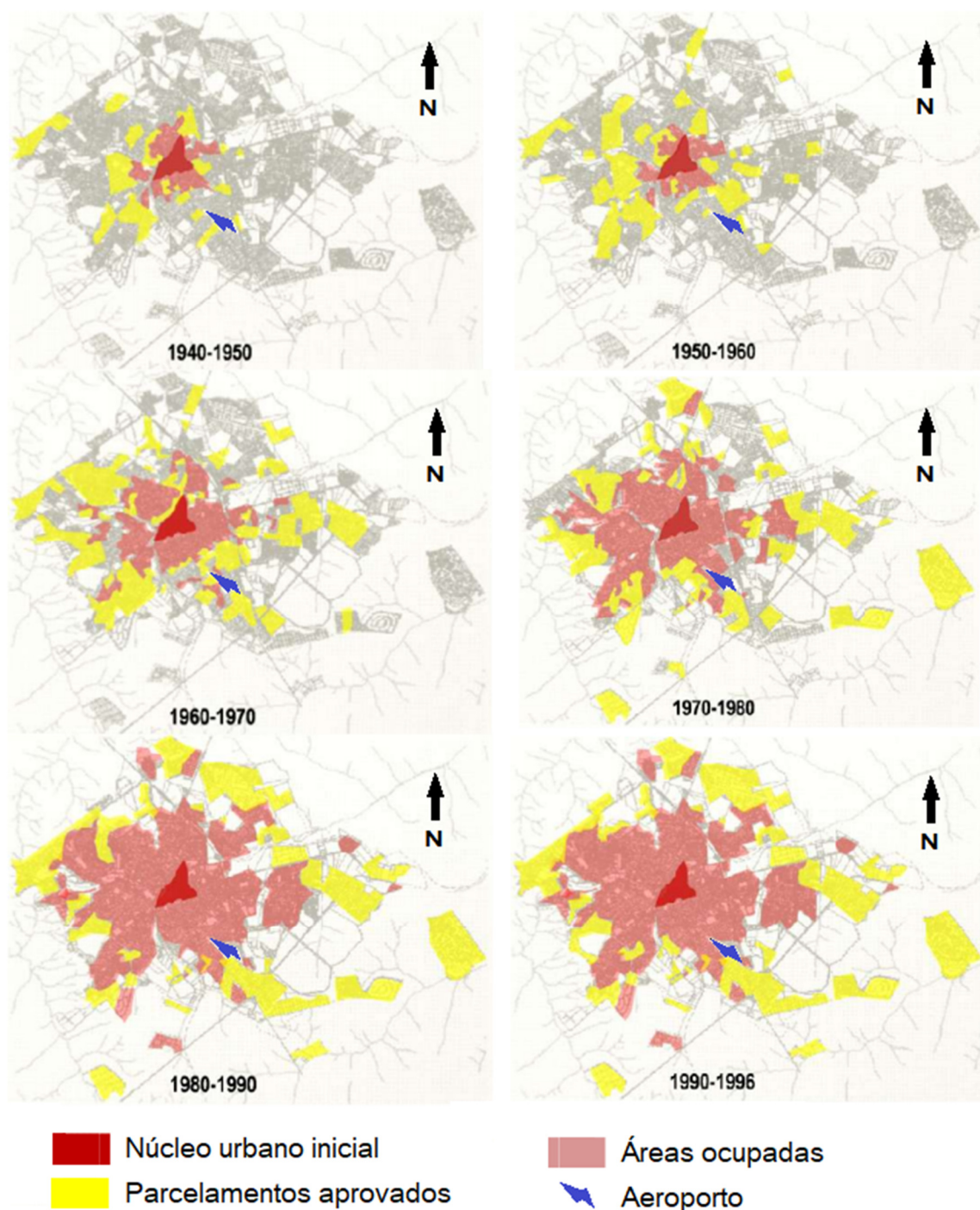
Diferentemente do Parque Vitória Régia, que fez parte de um plano de desenvolvimento urbano empreendido pelas administrações locais desde a década de 1950, o passeio público da Avenida Getúlio Vargas, a segunda área de nossa pesquisa a ser apresentada, foi se tornando um espaço público de lazer

paulatinamente. A duplicação da Avenida favoreceu a valorização desse valor da cidade e deu origem ao passeio público.

Obras públicas realizadas anteriormente tiveram influência sobre esse espaço. Esse é o caso do Aeródromo de Bauru, ao qual a avenida tangencia. Segundo Ghirardello (1992, p.158), foi criado em 1930 e inaugurado oficialmente em 1938 com a visita do então Presidente Getúlio Vargas. Sua implantação se justificou pela falta de transporte rápido ligando Bauru a São Paulo, afinal, ainda não haviam estradas asfaltadas que conectassem as duas cidades e a utilização de veículos automotores ainda era bastante rara.

De acordo com o Cartograma 3, elaborado por Rossi (2016 p.79), no momento de sua implantação, a área do aeroporto estava bastante distante dos limites da malha urbana. Esta aproximou-se do aeroporto apenas entre as décadas de 1950 e 1970, destacando-se a implantação, ao final da avenida Getúlio Vargas, de dois loteamentos fechados, o Paineiras em 1972 e o Samambaia em 1979 (ROSSI, 2016, p.82). A ocupação mais próxima ocorreria apenas nas décadas de 1960 e 1970. De acordo com fotos apresentadas por Losnak (2004, p.174-175), em meados da década de 1960, ao sul da pista do aeroporto já havia um arruamento, mas com escassa ocupação. A ocupação mais intensa só ocorreu nas décadas de 1980 e 1990, quando a zona sul se consolida como área de loteamentos destinados à classe média (CATELAN, 2008, p.70).

Cartograma 3. Crescimento urbano de Bauru



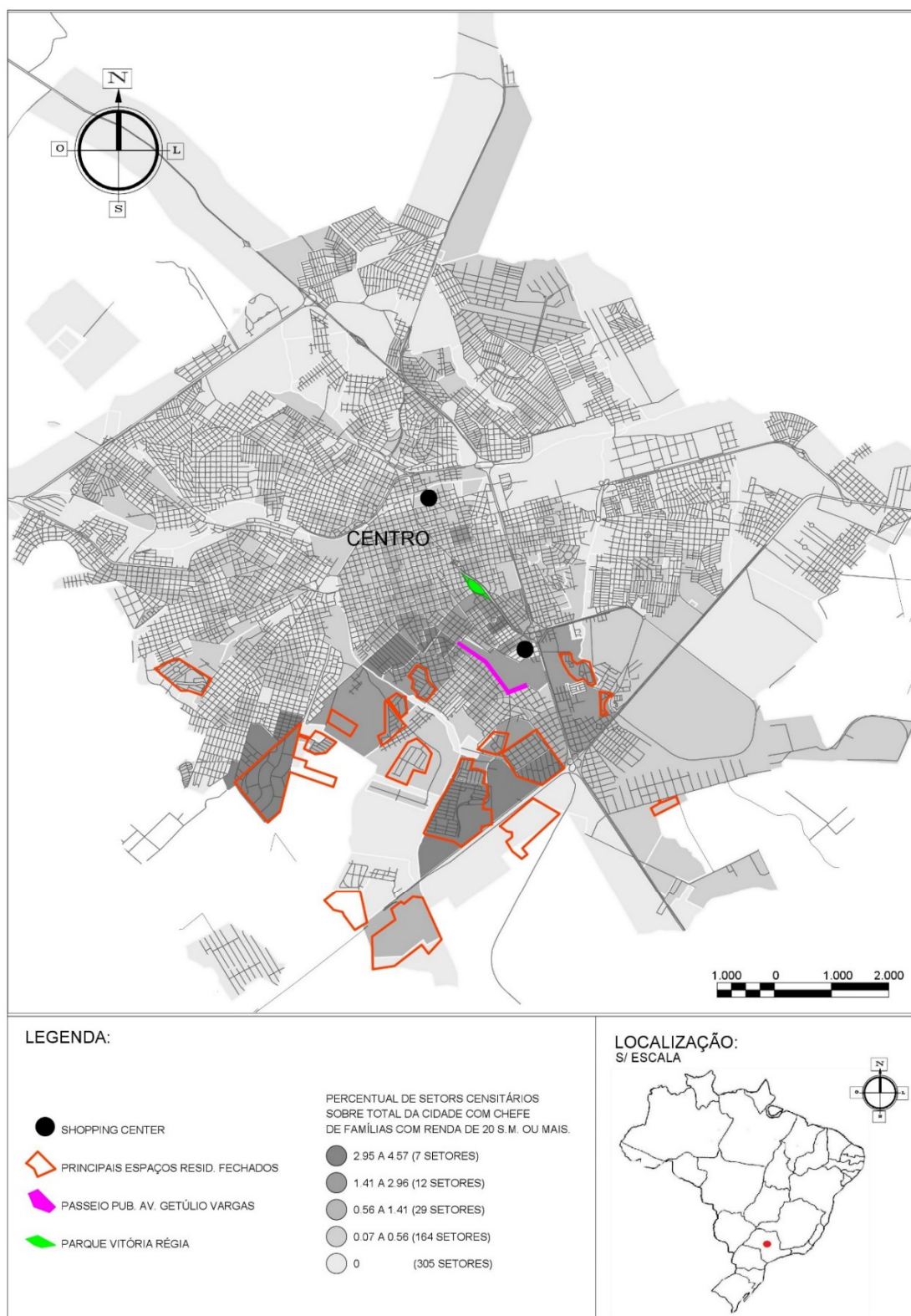
Fonte: Rossi (2016, p.86). Modificado pelo autor. Dados: Plano Diretor de Bauru (1996).

A Avenida Getúlio Vargas e seu passeio adquiriram as características atuais nos primeiros anos da década de 2000, na administração do Prefeito Nilson Costa (1997 – 2004). Investiu-se então na duplicação da Avenida, na criação da Praça da Copaíba e da Praça do Panathlon (RAIA JR., 2016). Nos últimos dez anos, a área foi

recebendo alguns equipamentos, como as ATIs nas duas praças já citadas e também a implantação de um campo de futebol e uma quadra de vôlei, ambos de areia. O fechamento da via para veículos aos domingos e feriados, das 7:00 às 12:00hs, no projeto denominado Recreiovia, ocorre desde 2009 (JCNET, 2015).

No Cartograma 4, a seguir, podemos observar como se dá a inserção de nossas duas áreas de pesquisa na cidade de Bauru em relação às localizações dos espaços residenciais fechados e à distribuição dos setores censitários com maior porcentagem de famílias com chefe de rendimento igual ou superior a vinte salários mínimos. No cartograma fica demonstrado como o passeio público da Avenida Getúlio Vargas está próximo à localização da maior parte dos espaços residenciais fechados, enquanto o Vitória Régia fica mais próximo de áreas com conteúdo social mais diversificado.

Cartograma 4. Principais Espaços Residenciais Fechados, Setores Censitários de Renda Alta e espaços públicos pesquisados em Bauru



Fonte: Elaborado pelo autor. Dados: IBGE (2010).

### 1.2.3 Parque do Povo

Em Presidente Prudente, o projeto da Prefeitura Municipal para a implantação do Parque do Povo teve grande apoio da mídia local que o tratava como um importante elemento para o desenvolvimento da cidade. Ambos defendiam que o então fundo de vale era uma área degradada que impedia o crescimento na direção sudoeste, portanto seria necessária uma intervenção que alterasse este panorama. A implantação do Parque, cujas obras foram iniciadas em 1976, pode ser considerada um marco na reestruturação da cidade. A área de lazer com dimensão de aproximadamente 460 mil m<sup>2</sup> e 3 mil metros de extensão, foi implantada às margens do Córrego do Veado, com verbas inicialmente provenientes do governo federal<sup>5</sup> e, a partir de 1977, do Programa de Complementação Urbana CURA (Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada) (SILVA, 1994, p.40-50).

Segundo Silva (1994, p. 39), para sua execução, o poder público municipal realizou muitas desapropriações, afetando diretamente famílias pobres que habitavam áreas próximas ao fundo de vale do Córrego do Veado. Ao todo foram 172 desapropriações, atingindo cerca de 80 moradores da área. Parte das famílias que tiveram toda sua propriedade desapropriada, não conseguiram comprar outro imóvel com o valor pago pela ação do poder público municipal. Outras tiveram que comprar terrenos em localizações mais distantes em relação ao centro da cidade, em comparação à área desapropriada, ou terrenos adjacentes ao Parque, porém com dimensões muito inferiores à que possuíam. Portanto, o processo de desapropriação se mostrou bastante danoso para essas famílias, que acabaram por não usufruir dos benefícios do alto investimento público na área (SILVA, 1994, p.39-45).

Em contrapartida, houve grande ampliação dos interesses do mercado imobiliário pelas áreas adjacentes à construção do Parque do Povo. Em áreas contíguas, foram implantados loteamentos destinados à moradores de nível de renda elevado, incluindo o segundo loteamento residencial fechado da cidade de Presidente de Prudente, o Residencial João Paulo II, em 1981. Também muito próximo ao Parque foi implantado o Jardim Marupiara por uma iniciativa da Prudenco, empresa de capital misto controlada pela Prefeitura Municipal. Apesar de ser um loteamento aberto, o alto

---

<sup>5</sup> Financiadas pelo F.D.U. (Fundo de desenvolvimento Urbano).

preço do metro quadrado foi determinante para que se tornasse um bairro com edificações de alto padrão (SILVA,1994).

Os proprietários de grandes áreas ou aquelas que possuíam boas relações ou influências política não foram prejudicados com a implantação do projeto, pelo contrário, devido ao fato de possuírem significativas parcelas de terras (em sua maioria chácaras), não foram desapropriados em sua totalidade, o que fez com que a área remanescente se valorizasse, uma vez que incorporou os benefícios alocados. (SILVA, 1994, p.43).

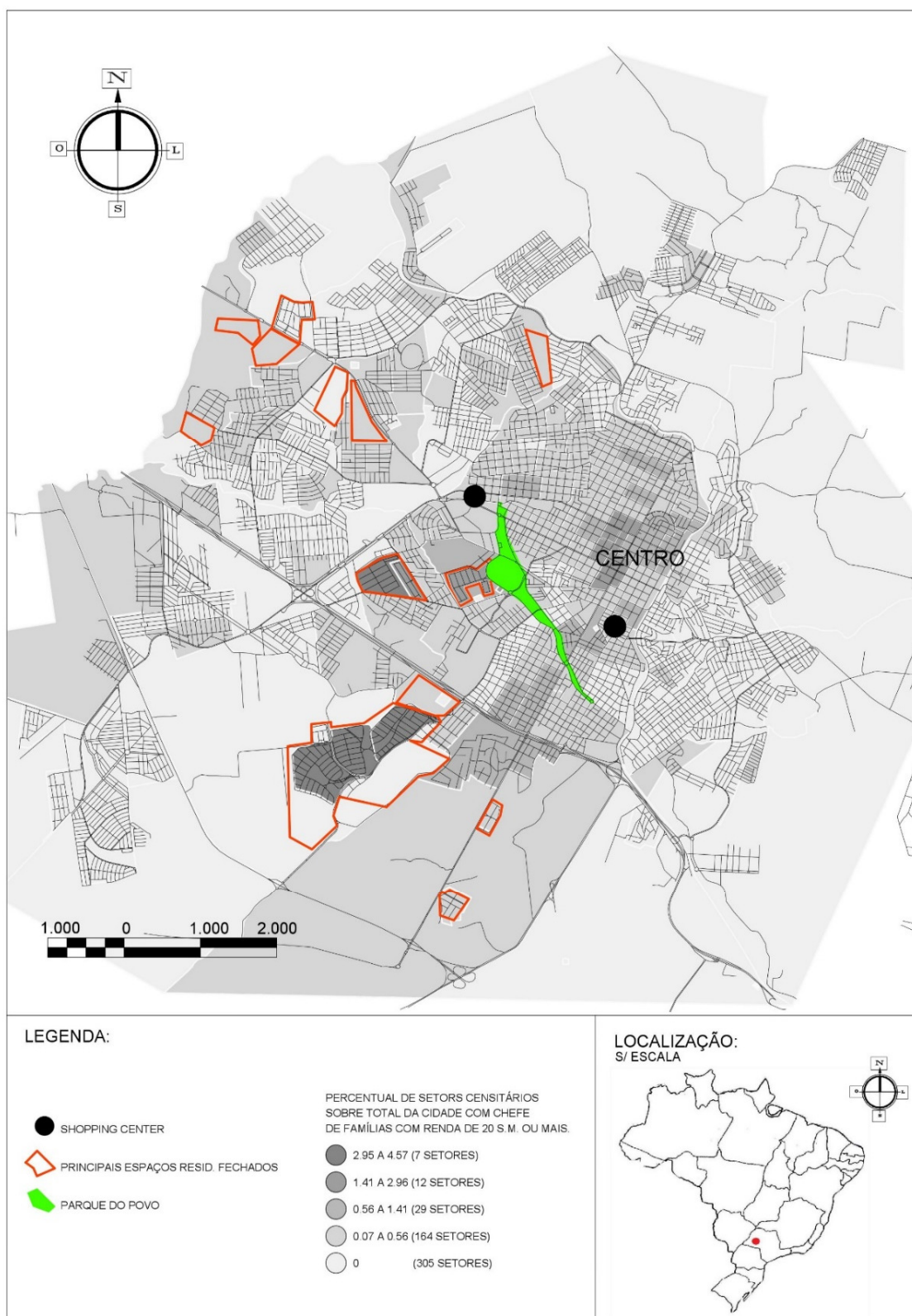
Bairros implantados anteriormente tiveram suas dinâmicas de valorização afetadas. Alguns bairros passaram a ter edificadas residências com um padrão construtivo mais elevado que as existentes anteriormente à implantação do Parque público. Ocorreu ainda uma elevação do preço do metro quadrado dos terrenos desses bairros em um nível superior em relação às outras áreas da cidade (SILVA,1994). Porém, foram beneficiados apenas aqueles que puderam esperar a implantação do Parque antes de vender seus terrenos e assim puderam realizar esses rendimentos.

Os investimentos substanciais alocados pelo poder público via projeto Parque do Povo, ao repercutir de forma significativa na configuração espacial da cidade (principalmente em sua porção sudoeste onde observamos mudanças expressivas), aliados ainda a uma grande melhoria no sistema viário, contribuíram para um acréscimo no preço do solo, como decorrência da postura adotada pelo poder público, que foi, ao mesmo tempo, concentradora e excludente. (SILVA, 1994, p.48).

A implantação do Parque está relacionada a uma nova dinâmica do mercado imobiliário da cidade de Presidente Prudente. Na década de 1970, houve uma grande ampliação no lançamento de novos loteamentos, muito acima de seu crescimento demográfico. Neste período, Presidente Prudente "conheceu expansão territorial urbana sem precedentes, principalmente a partir de 1976" (SPOSITO, 1983, p.79).

Para ilustrar voltamos à ideia da importância que assumiu a implantação do Parque do Povo no processo de valorização dos loteamentos adjacentes, para as classes de maior poder aquisitivo, transferindo inclusive o eixo de maior demanda de lotes e de maior status social, dos loteamentos localizados a grosso modo ao norte da Avenida Washington Luís, para aqueles localizados ao longo do Parque do Povo. (SPOSITO, 1983, p.216).

Cartograma 5. Principais Espaços Residenciais Fechados, Setores Censitários de Renda Alta e espaço público pesquisado em Presidente Prudente



Fonte: Elaborado pelo autor. Dados: IBGE (2010), Sposito (1983), Dal Pozzo (2015).

No Cartograma 5, destacamos a inserção do Parque do Povo em relação às localizações dos espaços residenciais fechados e à distribuição dos setores censitários com maior porcentagem de famílias com chefe de rendimento igual ou superior a vinte salários mínimos. Como apresentado anteriormente, o Parque do Povo possui uma localização com proximidade a áreas com conteúdo social ainda diversificado. Isso ocorre tanto pela sua extensão como pelo período em que o Parque foi implantado em relação ao crescimento urbano de Presidente Prudente.

### **1.3 Da segregação à fragmentação socioespacial: mudanças nos processos de produção do espaço urbano de Presidente Prudente e Bauru**

Nos tópicos iniciais desse capítulo, caracterizamos a origem das duas cidades e da produção das áreas públicas que pesquisamos. Nesta próxima seção, abordamos a estrutura espacial de cada cidade e como elas estão inseridas nas lógicas de segregação e fragmentação socioespacial. Para isso, ela foi dividida em duas partes: na primeira tratamos da segregação socioespacial, demonstrando como foi um processo importante na estruturação urbana das duas cidades e, na segunda, demonstramos como, nos últimos anos, as novas dinâmicas urbanas tendem ao processo de fragmentação socioespacial. Mantivemos as duas cidades em uma única seção considerando que estamos interessados nos processos mais gerais em curso nas cidades médias e que as direcionaram para a atual condição. Porém, além das generalidades, também daremos foco à algumas singularidades de cada uma delas, uma vez que o movimento contraditório entre geral e particular é fundamental à compreensão da produção do espaço urbano.

Ambas as cidades apresentavam elementos de segregação desde o início ou nas primeiras décadas de sua formação. Em Presidente Prudente, a linha férrea que dividia os dois núcleos urbanos desde a fundação se constituiu como uma importante barreira física, dificultando, juntamente com a topografia, o crescimento da cidade para a porção leste. Desse modo, a Vila Marcondes apresentava-se como um espaço de moradia para população mais pobre desde os primeiros anos. Em seu início, Bauru era limitada pelo Córrego das Flores e o Ribeirão Bauru, obstáculos mais difíceis de serem atravessados que a ferrovia em Presidente Prudente. Assim, a malha urbana se manteve contínua até a chegada das ferrovias, quase uma década depois de sua fundação. Tal característica permaneceu apenas nas duas primeiras décadas, pois na

planta da cidade de 1919 já temos a presença da Vila Falcão (Cartograma 3), separada da área central pelo córrego e pela estrada de ferro.

### 1.3.1 “Segregação” e segregação socioespacial

Sem a pretensão de contribuir com o debate sobre o conceito de segregação socioespacial, recorreremos à vasta bibliografia existente para verificar como se aplica às realidades empíricas que estamos estudando e assim identificamos diferentes acepções, além de evidenciar a necessidade de leitura crítica das diferentes obras. Sposito (1983) considera que em Presidente Prudente esse processo urbano teve início na década de 1970. Em Bauru, não encontramos referências que indicassem o processo de segregação socioespacial propriamente dito, porém, Ghirardello (1996, *apud* LOSNAK, 2004, p. 156) explica que os córregos segmentavam a cidade espacial e socialmente desde as primeiras décadas de sua fundação. Com a implantação das ferrovias nos fundo de vale, essa separação se acentuou, expressando espacialmente as divisões sociais. Afinal, nas primeiras décadas do século XX, os bairros separados do núcleo urbano central, eram ocupados preponderantemente pelo proletariado (GHIRARDELLO, 1992, p.118).

Neste trabalho, adoto o conceito de segregação socioespacial discutido por Sposito e Góes (2013), distinguindo o processo de segregação em relação à diferenciação, conforme Lefebvre (2002), e utilizando a adjetivação “socioespacial” por entender “que esse processo só pode ser compreendido nas articulações e codeterminações entre condições sociais e condições espaciais” (SPOSITO e GÓES, 2013, p.281). Lefebvre (2002) afirma que a segregação, diferentemente da diferenciação, deve implicar algum grau de ruptura entre os espaços de moradia, enquanto para Castells (1978), tal processo aponta para homogeneidade interna dessas áreas de moradia.

Quem diz “diferença”, diz relações, portanto, proximidade-relações percebidas e concebidas, portanto, inserção numa ordem espaço-temporal dupla: próxima e distante. A separação e a segregação rompem a relação. Constituem, por si sós, uma ordem totalitária, que tem por objetivo estratégico quebrar a totalidade concreta, espedaçar o espaço urbano. A segregação complica e destrói a complexidade. (LEFEBVRE, 2002, p. 124).

Segregação refere-se ao processo mediante ao qual o conteúdo social do espaço se faz homogêneo dentro de uma área e se diferencia fortemente das áreas externas, geralmente segundo a distância social derivada do sistema de estratificação. (CASTELLS, 1978, p. 146)<sup>6</sup>.

Portanto, podemos concluir que a dinâmica de segregação socioespacial já se apresentava em Bauru desde a década de 1930. Quando uma grande quantidade de bairros destinados à moradores de baixa renda foram produzidos em áreas separadas da malha urbana central pelos cursos d'água e ou pela linha férrea.

Em Presidente Prudente, o Cartograma 2 demonstra como a expansão territorial manteve uma malha urbana relativamente contínua até 1967, apresentando apenas um grande vazio urbano na localização do atual Parque do Povo (1976), que separava a área central do Jardim Bongiovani e do Jardim das Rosas, o primeiro quase sem ocupação, enquanto no segundo ela já estava presente, porém como loteamento irregular (SPOSITO, 1983, p.157 e 164).

Naquele contexto, a estrutura urbana tendia a um modelo “centro – periferia”, no qual a população com menor nível de renda se localizava, em grande medida, nos bairros mais distantes da área central e com menor nível de infra-estrutura, principalmente na porção leste da cidade e nas proximidades das áreas de fundo de vale, entre elas a Vila Dubus e Jardim Paulista. Em contrapartida, alguns bairros implantados durante as décadas de 1940 e 1950, tais como Bosque e Jardim Aviação, Vila Machadinho e Vila Boa Vista, se diferenciavam pela presença de construções de padrões mais elevados (SPOSITO, 1983, p.140).

A partir da década de 1970, com a expansão da malha urbana em direção à porção oeste da cidade e a implantação de infra-estrutura e serviços urbanos, essa área sofreu uma mudança no perfil socioeconômico de seus moradores, sendo seus lotes adquiridos por compradores com nível de renda mais elevado. Esse processo ocorreu de maneira bastante evidente no Jardim Paulista, após o prolongamento da Avenida Washington Luís. Por outro lado, os loteamentos implantados no eixo oeste de expansão até os limites impostos pelo Córrego do Veado, em geral, também foram ocupados inicialmente pelos segmentos de menor poder aquisitivo e, a partir da

---

<sup>6</sup> Traduzido por nós de: La segregación se refiere al proceso mediante el cual el contenido social del espacio se hace homogêneo dentro de una unidad y se diferencia fuertemente respecto a unidades exteriores, generalmente según la distancia social derivada del sistema de estratificación.

década de 1970, com a implantação de infra-estrutura e serviços urbanos, tenderam a passar por mudanças em seus perfis socioeconômicos predominantes (DAL POZZO, 2015, p.125).

Enquanto em Presidente Prudente tivemos um crescimento mais contínuo da malha urbana fraturada apenas pela linha férrea até a década de 1950, em Bauru, a ocupação de bairros populares separados pelos cursos d'água se intensificou entre as décadas de 1930 e 1940. Portanto, ambas as cidades já apresentavam elementos de segregação nas primeiras décadas desde sua fundação, porém, em Bauru isso se apresentou com maior intensidade.

Na década de 1960, iniciativas federais relativas à política habitacional influenciaram o processo de produção do espaço urbano em curso nas duas cidades. Com a criação do BNH (BANCO NACIONAL DA HABITAÇÃO) e do SFH (Sistema Financeiro Habitacional), em 1964, teve início a construção de conjuntos habitacionais desconectados da malha urbana consolidada. Em Bauru se instalou uma sede da Cohab em que a Prefeitura Municipal era sócia majoritária. Entre 1968 e 1982, foram produzidas aproximadamente 12.300 casas, distribuídas em 30 bairros (LOSNAK, 2004 p. 203). Enquanto em Presidente Prudente, esse processo se iniciou em 1968, com a Vila Liberdade, implantada além do fundo de vale que seria transformado no Parque do Povo, anos depois. Posteriormente, em 1978, ocorreu a implantação do Núcleo Bartholomeu Bueno de Miranda, com 1017 unidades, atualmente conhecido como Cohab (executado pela Cohab Bauru). Este possuía um nível de isolamento maior em relação ao conjunto apresentado anteriormente e direcionado à zona oeste, a qual passa a receber, nos anos seguintes, muitos conjuntos habitacionais. A implantação desses conjuntos se dava no limite da malha urbana, ou desconectados da mesma. Essa prática fica ainda mais evidente na implantação do Parque Alexandrina (1981), Brasil Novo (1990), Ana Jacinta (1992) em Presidente Prudente, e termina por produzir uma cidade com evidente presença da segregação socioespacial (BARON, 2010).

A implantação de conjuntos habitacionais nos últimos anos pelo Programa Minha Casa Minha Vida teve dinâmicas que combinaram semelhanças e diferenças nas duas cidades. Embora uma das características desse programa seja o poder conferido às empresas (ROLNIK, 2015, p.310), nos casos pesquisados, importante

papel recai sobre o poder público municipal. Assim, enquanto a Prefeitura Municipal de Bauru optou por implantar conjuntos inseridos na malha urbana consolidada (LAMONICA, 2013), o poder público municipal de Prudente continuou a prática de expansão da malha urbana, contratando até novembro de 2013, 3.461 unidades habitacionais destinadas para famílias com renda de R\$0,00 até R\$1.600,00, divididas em oito diferentes conjuntos, todos localizados na zona norte (COIMBRA, 2015). Porém, mesmo com essas diferenças, em ambas podemos identificar a continuidade do processo de segregação socioespacial.

### 1.3.2 A *autossegregação*

A partir da década de 1980, seguindo uma tendência de outras cidades pelo mundo, se desenvolve em São Paulo um novo padrão de segregação socioespacial. Tendo como justificativa o medo de uma possível ameaça de violência, as camadas de renda mais elevadas saem de bairros tradicionais em direção a um novo tipo de empreendimento imobiliário, os “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2003). Corrêa (1989, p.64 *apud* SPOSITO e GOES, 2013, p.281) conceitua esse processo como *autossegregação*, segundo o qual uma parcela da população que possui poder econômico para escolher o seu local de moradia, direciona-se para os espaços residenciais fechados.

Segregação e *autossegregação* seriam, dessa forma, facetas de um mesmo processo, uma vez que a distinção entre as duas proposições conceituais está no ponto de vista a partir do qual a separação se estabelece. No caso da segregação, é a maioria (no sentido político, econômico, cultural e religioso) que decide pela separação total ou relativa da minoria, submetida a essa condição por razões de diferentes ordens e, no caso das cidades latino americanas, sobretudo pela situação socioeconômica. No que se refere à *autossegregação*, é o grupo com melhores condições (brancos na África do Sul, mais ricos na América Latina etc.) que opta pelo isolamento em relação ao conjunto da cidade que, para eles, é o espaço dos outros e, portanto, não mais de todos. (SPOSITO e GOES, 2013, p.281).

Seguindo uma tendência que vai muito além das metrópoles, esse produto do mercado imobiliário passa a ser ofertado em diversas cidades do interior paulista, entre elas Bauru e Presidente Prudente. Na primeira, a implantação dos primeiros

espaços residenciais fechados ocorre em 1972 (ROSSI, 2016), enquanto na segunda, se inicia em 1975, com o Jardim Morumbi (DAL POZZO, 2015).

Segundo Dal Pozzo (2015), no anel periférico das cidades brasileiras, muitos empreendimentos desse tipo passam a ser implantados próximos de áreas residenciais ocupadas por populações com baixa renda, o que confere maior complexidade a esses espaços, inclusive, problematizando as relações centro – periferia. Porém, tal proximidade não significa uma atenuação da separação desses cidadãos de diferentes extratos socioeconômicos, pois a presença de altos muros e todo aparato destinado à vigilância, como cerca elétrica, concertina, câmeras de segurança, portaria 24 horas com controle de entrada e saída, etc., são os elementos imprescindíveis à sensação de segurança e ferramenta de *marketing* na valorização desse tipo de empreendimento em relação aos loteamentos abertos.

[...] a ideia de segurança é um valor central que tem sido agregado ao produto imobiliário colocado ao dispor do mercado. Não importam o tamanho da cidade ou os níveis de criminalidade efetivamente nela existentes, o discurso sobre a segurança é marcante na produção desses espaços. (SPOSITO e GOES, 2013, p.287).

Nos Cartogramas 4 e 5, anteriormente apresentados, localizamos os principais espaços residenciais fechados em Presidente Prudente e Bauru, respectivamente, evidenciando as diferenças, em termos de proximidade, em relação a cada um dos espaços pesquisados.

### *1.3.3 Da segregação à fragmentação socioespacial*

Nos trechos anteriores foi demonstrado como novas formas de separação dos espaços de moradia dos cidadãos, de acordo com a sua renda, foram implementados no anel periférico das cidades. A partir da implantação dos *shoppings centers*, também caracterizados como “enclaves fortificados” (CALDEIRA, 2003), essa tendência de separação entre as classes passa a moldar também a dinâmica do consumo e do lazer. Enquanto as classes de maior nível de renda passam a utilizar os *shopping centers* e alguns eixos viários como principais espaços de consumo, o centro tradicional continua atendendo aos segmentos com menor renda.

O referencial de consumo das elites e lazer já não se relacionam mais com o centro tradicional/ e ou principal. [...] Em tempos passados, o

centro constituía, um espaço importante de interação social, que ia além do comércio, envolvendo o lazer das pessoas. (SOBARZO, 2004, p.97).

Esse processo pode ser compreendido como uma redefinição do papel da área central que, juntamente à segmentação dos espaços de moradia citado anteriormente, apontam para uma intensificação dos processos de segregação socioespacial. Essa intensificação ultrapassa os limites dos aspectos relacionados à localização dos espaços de moradia, alcançando uma dimensão que diz respeito às diversas práticas espaciais dos cidadãos. A sobreposição entre localização dos espaços de moradia, consumo e lazer, através das práticas espaciais, resulta na ideia de fragmentação socioespacial.

para se compreender a realidade contemporânea, não apenas nas metrópoles, mas em cidades de diferentes portes e que têm níveis diversos de complexidade na combinação de seus papéis urbanos, pode-se falar de um processo que não é mais apenas de segregação socioespacial, nela incluída as iniciativas de autosegregação. Trata-se de aprofundamento das desigualdades, negando as possibilidades de diálogo entre as diferenças, o que justifica a adoção da noção de fragmentação socioespacial. (SPOSITO, 2011, p.142).

Ela (segmentação social) se aprofundou com uma nova divisão técnica, e portanto econômica, do tempo e do espaço, que é também social, porque se refere aos novos ambientes para o consumo de bens e serviços cada vez mais segmentados, aumentando e tornando mais complexo o mosaico das desigualdades socioespaciais, nas formas de mobilidade e acessibilidade aos fragmentos que compõem a cidade contemporânea. (SPOSITO e GOES, 2013, p.301).

Essa intensificação pode ser compreendida, segundo Sposito e Goes (2013), a partir de 3 características presentes na cidade de Presidente Prudente: a primeira é uma “redefinição dos papéis da área central”, que perde parte de sua relevância como centro de consumo para determinadas classes sociais, fenômeno particularmente vinculado ao aparecimento dos *shopping centers*; a segunda é o crescimento dos espaços residenciais fechados já apontado anteriormente; a terceira é complexificação do anel periférico da cidade, caracterizada pela intensificação da segmentação com diferentes conteúdos sociais, separados por muros e sistemas de vigilância (SPOSITO e GOES, 2013, p.294).

podemos afirmar que a fragmentação socioespacial pôde ser vista em processo de constituição nas cidades estudadas (Marília, P. Prudente e São Carlos), tanto do ponto de vista material, como em suas dimensões mais subjetivas e simbólicas, por meio das práticas espaciais e dos valores que realizam, revelam e conduzem a vida urbana. (SPOSITO e GOES, 2013, p.300).

Caldeira (2003) apontou o medo como um dos elementos centrais para a mudança dos segmentos de maior nível de renda para “enclaves fortificados” nas metrópoles, enquanto Sposito e Goes (2013) identificaram o mesmo movimento em cidades médias como São Carlos, Marília e Presidente Prudente. Porém, ambas afirmam que o medo está mais ligado à percepção dos moradores que aos índices de criminalidade dessas cidades, ressaltando o papel da comunicação de massas e da “indústria da segurança” na ampliação desse processo.

Para Caldeira (2003), os elementos que constituem a paisagem urbana são primordiais na compreensão do processo de autosegregação, ela associa o “autoenclausuramento” das camadas de maior nível de renda nos “enclaves fortificados” a uma mudança do conteúdo paisagístico em determinados espaços da cidade de São Paulo, gerada a partir de uma alteração da relação entre a residência e a rua, ou seja, entre o espaço privado e o público. Nessa mudança se estabelece uma “estética da segurança” que, além do papel de proteção contra possíveis ameaças à segurança dos moradores, acaba por se transformar em elemento de distinção social e *status*.

Muros, cercas e barras falam sobre gostos, estilo e distinção, mas suas intenções estéticas não podem desviar nossa atenção de sua mensagem principal de medo, suspeita e segregação. Esses elementos, junto com a valorização do isolamento e do enclausuramento e com as novas práticas de classificação e exclusão, estão criando uma cidade na qual a separação vem para o primeiro plano e a qualidade do espaço público e dos encontros sociais que são neles possíveis já mudou consideravelmente. (CALDEIRA, 2003, p.297).

No trecho acima, Caldeira (2003) demonstra como a nova maneira de morar na metrópole paulista, em que prevalece uma morfologia urbana marcada pelo medo, pode levar ao recuo da cidadania e, em última instância, ao recuo do ideal democrático de sociedade, pois esse depende da condição de que se reconheça como

concidadãos os diferentes grupos sociais, ou seja, a alteridade e o reconhecimento do outro é aspecto fundamental da cidadania.

No entanto, cidades segregadas por muros e enclaves alimentam o sentimento de que grupos diferentes pertencem a universos separados e tem reivindicações irreconciliáveis. Cidades de muros não fortalecem a cidadania, mas contribuem para sua corrosão. Além disso, esse efeito não depende diretamente nem do tipo de regime político nem das intenções daqueles no poder, já que o desenho dos enclaves e muros traz em si mesmo uma certa lógica social. (CALDEIRA, 2003, p.340).

A existência de espaços residenciais fechados é discutida por Gomes, em seu livro "A condição Urbana" (2006), que os compreende como antítese da cidade real, inserindo o indivíduo numa espécie de "ilha utópica" determinada pelo nível de renda de seus "consumidores". Para o autor, nesse tipo de espaço, cidadania e consumo se misturam e se associam. Seus efeitos seriam uma cidadania fragmentada, assim como o espaço urbano, tornando-se "um simulacro da condição de cidadania" (GOMES, 2006, p.187).

Estão condenados aos ritos narcísicos do encontro com o igual, condenados ao tédio do esperado, marginalizados da verdadeira vida social, que ocorre fora de seus limites. Esses espaços, cópias da cidade, funcionam de fato como a sua antítese, na medida que recusam a diferença a liberdade de entrada, o encontro com o diverso, a construção de uma verdadeira individualidade dentro de uma coletividade variada e múltipla. (GOMES, 2006, p.187).

Para Barbosa (2001), a segregação socioespacial resulta de uma complexa relação entre o objetivo e o subjetivo, sendo que este segundo, ou seja, os aspectos simbólicos desse processo, ainda necessitariam de análises mais aprofundadas. Portanto, a segregação diz respeito a interações entre distâncias espaciais de diferentes segmentos sociais, como também a construção imaginada do "outro" e seu respectivo *habitat*, contribuindo para a naturalização da estrutura social e por consequência à estrutura urbana da cidade contemporânea (SARAVI, 2008).

Os determinantes simbólicos remetem tanto para os padrões culturais como os elementos psicológicos que afetam os processos de segregação espacial a partir das percepções dos indivíduos e das identidades coletivas. Estes determinantes atuam tanto em grupos que pretende se segregar, seja porque vêem como sendo favorável a defesa coletiva ou porque o vêem como um símbolo de status, como também

em grupos que induzem a segregação dos outros, que eles consideram não desejáveis (BARBOSA, 2001, p.12 apud SARAVI, 2008, p.98)<sup>7</sup>.

#### **1.4 Espaço público, segmentação e cidadania**

A segmentação que se apresenta nos espaços de moradia e consumo acima descritos, também ocorre nas lógicas de apropriação e consumo do espaço público nas cidades contemporâneas. Esta segmentação possui como elemento de sua reprodução a privatização e territorialização desses espaços por determinados segmentos sociais

diferença e desigualdade vão se articular no processo de apropriação espacial, definindo uma acessibilidade que é, sobretudo simbólica. É inevitável a constatação de que acessibilidade e alteridade têm uma dimensão de classe evidente, o que vai determinar os processos de territorialização (e, na maior parte dos casos, privatização) dos espaços públicos urbanos. (SERPA, 2011, p.10).

A territorialização é identificada por Serpa (2011) como consequência da transformação histórica em que prevalece a ideia de que “as significações sociais são geradas pelos sentimentos de seres humanos individuais. Essa transformação camuflou duas áreas da vida social. Uma é o âmbito do poder, a outra é o âmbito das aglomerações em que vivemos” (SENNETT, 2018, p.486). Neste sentido, “a comunidade se torna uma arma contra a sociedade, cujo maior defeito é tido como sendo sua impessoalidade” (idem).

As conclusões apontadas por Silva (1994) no que diz respeito à implantação do Parque do Povo, como fator de valorização imobiliário do entorno, são também referendadas por Serpa que, a partir de pesquisa comparativa entre dois espaços públicos, respectivamente, nas cidades de Paris e Salvador, conclui que os mesmos são implantados à partir de políticas de intervenção urbana que buscam, em grande

---

<sup>7</sup> Tradução nossa de: Los determinantes simbólicos se refieren tanto a los patrones culturales como a los elementos psicológicos que afectan los procesos de segregación espacial a través de las percepciones sobre los individuos y las identidades colectivas. Estos determinantes actúan tanto en grupos que pretenden segregarse, ya sea porque lo ven como algo favorable para defenderse colectivamente o porque lo ven como un símbolo de status, como también en grupos que inducen la segregación de otros, a los que consideran no-deseables.

medida, uma dinamização da economia urbana local, e assim, acentuam o processo de segregação socioespacial (SERPA, 2011).

O discurso oficial defende a ideia de que os novos equipamentos têm fomentado um novo comportamento nas atividades de lazer dos baianos (até então restritas à praia). No entanto, poucos se beneficiam dos novos parques e praças. A população de baixa renda não dispõe de carro particular nem de transporte coletivo eficiente. Assim, os novos equipamentos - em geral distantes dos bairros periféricos - vem segregar ainda mais os mais humildes. (SERPA, 2011, p.27).

Apesar de termos partido de um exemplo local, a lógica explicitada acima é um tema que vem sendo debatido por diversos autores e alcança uma grande diversidade de escalas. Santos (1995), ao analisar a Região Metropolitana de São Paulo, nos convida a refletir sobre os efeitos do planejamento urbano como produtor de desigualdades, quando este não possui uma gestão popular. O autor alerta para um tipo de planejamento que transforma o Estado em um agente de socialização capitalista, em que seus investimentos em bens coletivos acabam por favorecer um número reduzido de beneficiários, "o que faz do Estado um motor de desigualdades" (SANTOS, 1995, p.118).

Embora Santos (1995), em seu texto, tivesse como foco os equipamentos coletivos utilizados diretamente na produção capitalista, como infra-estruturas, faz apontamentos sobre o Projeto Cura, também utilizado para o financiamento do Parque do Povo, em Presidente Prudente. Para o autor, esse tipo de projeto "acaba por levar a expulsão dos pobres dos centros das cidades, em benefício de camadas restritas da sociedade" (SANTOS, 1995, p.131). Portanto, é bastante factível transpormos essa lógica para equipamentos de lazer que possam dinamizar o mercado imobiliário local, como descrito nos parágrafos anteriores.

Desse modo, o que impropriamente é chamado de equipamento coletivo consagra e impõe uma divisão do trabalho cada vez mais iníqua, dentro da cidade. Há uma repartição desigual dos lucros, dos riscos e das perdas, ligadas a diferenças de poder político na determinação da escolha dos equipamentos públicos e de sua localização, e a diferenças de poder econômico, levando a diferenças no uso efetivo desses equipamentos. (SANTOS, 1995, p.132).

Lojkine (1997) também se refere à implantação de equipamentos coletivos, dos mais distintos usos, incluindo áreas verdes destinadas ao lazer, como uma das causas

da produção de processos de segregação urbana, seja pela quantidade, localização, como também, pela qualidade desses equipamentos públicos.

Ainda mais crítico em relação à produção e consumo do espaço público, Delgado (2011) é categórico em afirmar que as acepções utilizadas pelos autores mais influentes que abordam o tema do espaço público, como Arendt, Habermas e Sennett, não se encontram em acordo com a compreensão utilizada na atualidade, pois haveria uma sobreposição de duas diferentes interpretações. A primeira compreende o espaço público como um conjunto de lugares aos quais se tem livre acesso, enquanto a outra compreende o espaço público como âmbito no qual determinada forma de vínculo social se desenvolve. Delgado (2011) radicaliza a crítica sobre este espaço afirmando que ele desempenha a função, dentro de uma "ideologia cidadã" de dominação, de camuflar os conflitos sociais próprios do capitalismo. Desse modo, o Estado tem nas praças, ruas e demais espaços públicos a materialização de um ideal mediador de conflitos. Portanto, sua reflexão conflita com os demais autores apresentados, para os quais o encontro com o diferente e desigual torna-se um dos fundamentos para uma cidadania democrática. Para o autor

A noção de espaço público, como uma concretude física onde se dramatiza a ilusão de cidadania, funcionaria como um mecanismo através do qual a classe dominante consegue fazer que não apareçam as evidentes contradições que as sustentam. (DELGADO, 2011, p. 24).<sup>8</sup>

Uma outra interpretação comum sobre as potencialidades políticas desses espaços está conectada à capacidade de realizar-se como *locus* de manifestações e mobilizações sociais em torno de alguma reivindicação ou contestação do poder vigente:

Essas manifestações têm como eclosão associada, comumente, a um evento catalizador. Como estratégia global, tal associação contribui para ampliar a mobilização e alargar adesão ao movimento, mas, simultaneamente, implica uma diminuição da expressão individual dos manifestantes, bem como uma limitação da possibilidade de aparecimento de dissenso, de hesitações. A uniformização dos participantes com cores e adereços identificadores é um dos elementos que simbolicamente homogeneiza a manifestação (...). Via de regra,

---

<sup>8</sup> Tradução nossa de: La noción de espacio público, en tanto que concreción física en que se dramatiza la ilusión ciudadanista, funcionaria como un mecanismo a través del cual la clase dominante consigue que no aparezcan como evidentes las contradicciones que las sostienen.

manifestações desta natureza são consideradas o fundamento da ação política. (GOMES e RIBEIRO, 2018 p. 8).

Neste sentido nos alinhamos a uma terceira interpretação, que considera que a capacidade política de transformação social está conectada à possibilidade de convívio da maior heterogeneidade possível nos espaços públicos (GOMES e RIBEIRO, 2018 p. 11). Os efeitos dessa transformação só podem ser observados a partir de um determinado distanciamento histórico, pois dependem da formação de um corpo social que testa e realinha os limites da convivência, a partir das tensões cotidianas.

Estes espaços podem se caracterizar pela presença de trocas e encontros que tencionam e reafirmam as relações contratuais formadoras da sociedade civil. As diferentes expectativas e interesses de segmentos sociais distintos são superados para que ocorra uma possibilidade de civilidade e diálogo (GOMES, 2006, p.163). Para Gomes (2006, p.153), tais superações estão imbricadas com a noção de nação e, conseqüentemente, de Estado, em que um corpo de pessoas com certa coesão são “solidárias em face de um destino comum vivido dentro dos limites de comunidades políticas que são em grande parte narradas como comunidades históricas”.

Do ponto de vista simbólico, poderíamos dizer que esse espaço é composto pelo espetáculo da tensão entre a diferença e a possibilidade de coabitação. Ele é assim a condição fundamental de expressão da individualidade dentro de um universo forçosamente plural. Ele depende diretamente, pois, da afirmação permanente do contrato social que o funda. (GOMES, 2006, p.166).

Desse modo, compreendemos a cidadania como a atuação política diante do reconhecimento da diferença entre distintos segmentos sociais, num determinado contexto histórico e espacial. Tal atuação se dá a partir da coexistência, das tensões, conflitos e reconhecimento do outro como concidadão, portanto, portador dos mesmos direitos e obrigações institucionais.

Innerarity (2010) compartilha dessa interpretação, entendendo o espaço público como essencial à democracia, mas questiona se é necessário um espaço físico que remete aos modelos históricos: grego, medieval, renascentista e burguês. Para o autor, os valores que integram a vida urbana podem ser vivenciados em

qualquer sítio. Portanto, trata da formação do corpo social mais identificado à uma mentalidade moderna que ao ato de morar na cidade.

A emancipação da natureza ou da comunidade, o autogoverno e a integração social são objetivos que já não requerem a forma da cidade: a opinião política realiza-se fundamentalmente pelos meios de comunicação e não nas praças e nas ruas; a organização democrática já não é propriedade exclusiva das cidades, é um princípio de organização do estados; com a globalização, o mercado já não é um lugar urbano; a diferença entre o privado e o público já existe igualmente no campo; fora da cidade, também se pode viver subtraído ao poder da natureza. (INNERARITY, 2010, p.140-141)

O autor aponta outras mediações para a interação política, como por exemplo os meios de comunicação. Caldeira (2000, p.339) também reconhece as mídias eletrônicas como importante elemento na diminuição das distâncias e fronteiras, e redução dos aspectos segregacionistas e antidemocráticos. Porém, afirma que ela tem papel coadjuvante na redução dos aspectos segregacionistas e antidemocráticos, sendo os movimentos sociais os protagonistas da ampliação pelos direitos de cidadania da classe trabalhadora na cidade de São Paulo.

As novas morfologias urbanas do medo dão formas novas à desigualdade, mantêm grupos separados e inscrevem uma nova sociabilidade que contradiz os ideais do público moderno e suas liberdades democráticas. Quando o acesso à certas áreas é negado a algumas pessoa e quando grupos diferentes não interagem no espaço público, as referências a ideais de abertura, igualdade e liberdade como princípios organizadores da vida social não são mais possíveis, mesmo como ficção. (CALDEIRA, 2000, p.340).

Ainda que haja um recuo da cidadania, como constatado por Serpa (2011), Caldeira (2003) e Innerarity (2010), presente em diversos processos urbanos evidenciados a partir da segregação, autosegregação e fragmentação socioespacial, envolvendo, portanto, as práticas espaciais, inclusive aquelas vinculadas à utilização dos espaços públicos, estes continuam “vivos”. Mas sua utilização e apropriação foram se alterando de acordo com os processos de estruturação e reestruturação das cidades ocorridos nas últimas décadas. Neste sentido, o Parque do Povo, principal espaço de lazer público da cidade de Presidente Prudente, caracteriza-se pela intensa utilização, com alguma variação dependendo do trecho analisado, além de grande diversidade de usos, incluindo aqueles exclusivamente gratuitos, como a prática

esportiva em suas quadras, pista de ciclismo ou *skate*, até usos associados ao consumo privado, como o consumo em quiosques de venda de alimentos e bebidas (SOBARZO, 2004).

A não morte do espaço público [...] encontra a explicação nesta leitura: o espaço público continua sendo uma dimensão importante de convívio e sociabilidade, mesmo em se tratando de uma sociabilidade segmentada. Ainda que práticas no plano da dominação assumam o espaço público na sua abstração como um espaço primordial da circulação, como uma moeda de troca eleitoral ou o desapareciem nas práticas sociais, no plano da apropriação, a vida dos menos favorecidos valoriza o espaço público na sua cotidianidade e o reproduz, assim como eles se reproduzem dia-a-dia. Podemos pensar essa relação como um contínuo produzir, apropriar-se e reproduzir do espaço e da sociedade. (SOBARZO, 2004, p.189).

A constatação de Sobarzo (2004) se alinha aos argumentos apresentados por Dimenstein e Scocuglia (2017) em seu estudo sobre as práticas espaciais de idosos no centro da cidade de João Pessoa - PB, que apontou para a existência de um espaço público bastante transformado, porém com certo nível de apropriação pelos sujeitos pesquisados.

buscamos discutir as novas possibilidades de compreensão da cidade contemporânea, das ferramentas e formas de registro de aproximação e identificação das experiências efêmeras, vistas aqui como positivas, enquanto formas que contestam as ideias pessimistas sobre a condição contemporânea de resistência e crítica à ideia de empobrecimento da ação urbana, de perda da corporeidade nos espaços públicos. (DIMENSTEIN e SCOCUGLIA, 2017, p. 417).

O conjunto de autores citados demonstra como a produção do espaço urbano nas últimas décadas, marcada pela segmentação socioespacial, está imbricada com o medo, e como resultante, há redução do encontro com a alteridade, assim como limitação da cidadania. Portanto, ainda que o conflito entre agentes econômicos e sociais, entre políticas públicas e estratégias privadas sejam componentes fundamentais para a compreensão do fato urbano, não se pode desconsiderar que as práticas espaciais dos cidadãos têm um componente subjetivo, inclusive para auxiliar na melhor compreensão das estratégias dos agentes privados ou na formulação de políticas públicas de maior eficácia. Com base nessa argumentação é que justificamos

o nosso interesse em compreender as relações dos moradores de espaços residenciais fechados com os três espaços público pesquisados nas duas cidades. Diante disso, no capítulo seguinte, apresentamos uma breve discussão sobre afecções e cidade e a construção de uma metodologia para a pesquisa dessas relações.

Acreditamos, assim, firmemente que, no debate sobre a democracia, a geografia está apta a demonstrar que não pode haver cidadania sem democracia, não pode haver cidadania sem espaços públicos, e o espaço não pode existir sem uma dimensão física (GOMES, 2006, p.168)

## **2 AFETO, CIDADE E UMA NOVA METODOLOGIA PARA COMPREENDER O COTIDIANO DE ESPAÇOS PÚBLICOS**

Este capítulo é dividido em três partes. Na primeira, apresentamos todo o percurso metodológico que embasou nosso reconhecimento e análise das práticas espaciais que ocorrem nos três espaços pesquisados. Na segunda, apresentamos um debate teórico sobre cidade e afeto partindo das reflexões elaboradas por Espinosa, avançando até chegar as hipóteses colocadas por Safatle (2016) e Dunker (2009), buscando compreender como os afetos são importantes para compreender as práticas espaciais dos cidadãos. Esta segunda subsidiará a terceira parte, na qual propomos uma metodologia que possibilite a apreensão dos elementos que produzem afetos positivos e negativos na utilização do espaço público.

### **2.1. O percurso metodológico**

Nosso trabalho é composto por diversas etapas metodológicas, cada uma delas com objetivos específicos visando, ao final, compreender e analisar as práticas espaciais existentes nos espaços pesquisados, com especial atenção àquelas realizadas por sujeitos sociais moradores de espaços residenciais fechados. A partir disso, podemos elencar quatro metodologias por nós utilizadas. A primeira, foram trabalhos de campo preliminares a fim de compreender as dinâmicas mais gerais das áreas pesquisadas descritas no capítulo anterior. Posteriormente, aplicamos enquetes em horários específicos para verificar indícios da utilização dos três espaços pesquisados por moradores de espaços residenciais fechados, além de reforçar a compreensão sobre os aspectos gerais das áreas e, em alguma medida, apreender as impressões que os usuários possuem de cada uma delas.

As informações produzidas nesses dois procedimentos colaboraram com o desenvolvimento do roteiro de entrevistas, nossa terceira metodologia utilizada, apresentada em seguida. As entrevistas foram realizadas com moradores de espaços residenciais fechados e, preferencialmente, que utilizam uma das áreas públicas pesquisadas.

Por fim, trabalhamos na elaboração de uma quarta metodologia, o Percurso Comentado, o qual descreveremos na terceira parte deste capítulo. Nesta metodologia caminhamos junto a um morador de espaço fechado por uma das áreas

pesquisadas, enquanto ele tece comentários sobre o espaço público em que é realizado o percurso<sup>9</sup>.

### *2.1.1. Trabalhos de campo*

Nesta parte, apresento uma síntese dos trabalhos de campo realizados, porém, seu conteúdo está discutido no capítulo seguinte do trabalho, em que analisamos as dinâmicas gerais dos três espaços pesquisados.

É importante ressaltar que além dos trabalhos realizados de maneira sistemática, que aqui apresentamos de maneira formal, os espaços pesquisados passaram a fazer parte de nossas práticas espaciais. Isso já ocorria na cidade de Presidente Prudente, em relação ao Parque do Povo, porém, passamos a adotar também, em menor medida, na cidade de Bauru, por se tratar de dois espaços mais distantes de nossa área de moradia e, principalmente, por uma oferta de menor quantidade de possibilidades de usos. Tal prática só foi possível realizar por passarmos a residir as duas cidades.

Mais abaixo, apresento um quadro com os trabalhos de campo que tiveram dados sistematizados, entre eles, observações gerais ou específicas, como também, fotografias e a aplicação das enquetes. Ressalvo que não estamos considerando como trabalho de campo as entrevistas realizadas nos locais de pesquisa, assim como, aquelas realizadas nos espaços residenciais fechados. Optamos por separar essas visitas, apenas por uma questão de organização do material produzido a partir de cada procedimento metodológico.

Os trabalhos de campo tiveram como objetivo principal a identificação das dinâmicas mais gerais desses espaços: usos, frequência, horários de maior e menor concentração. Porém, a experiência também nos possibilitou começar a compreender alguns elementos mais específicos da relação entre as áreas pesquisadas e os usuários, e entre diferentes usuários. Os trabalhos de observação consistiram, principalmente, em percorrer esses espaços públicos a pé e descrever elementos gerais e aqueles mais específicos que mereciam destaque em cada um deles.

---

<sup>9</sup> Esses comentários foram gravados com autorização do colaborador.

Quadro 1. Trabalhos de campo realizados no Parque do Povo, Presidente Prudente

PARQUE DO POVO - PRESIDENTE PRUDENTE - SP		
DATA	DIA - SEMANA	TAREFAS REALIZADAS
03/12/2017	Domingo	Fotos
19/01/2018	Sexta feira	Observações
21/01/2018	Domingo	Observações e Fotos
20/05/2018	Domingo	Fotos
27/09/2018	Quinta feira	Enquetes
30/11/2018	Sexta feira	Observações e Fotos
01/12/2018	Sábado	Observações e Fotos
02/12/2018	Domingo	Observações e Fotos
06/12/2018	Quinta feira	Observações
07/12/2018	Sexta feira	Fotos e Enquetes
09/12/2018	Domingo	Observações, Fotos e Enquetes

Quadro 2. Trabalhos de campo realizados no Parque Vitória Régia, Bauru

PARQUE VITÓRIA RÉGIA – BAURU - SP		
DATA	DIA - SEMANA	TAREFAS REALIZADAS
25/03/2018	Domingo	Observações
16/09/2018	Domingo	Enquetes
25/11/2018	Domingo	Observações e Fotos
27/11/2018	Terça feira	Observações
28/11/2018	Quarta feira	Observações e Fotos
16/12/2018	Domingo	Fotos e Enquetes
20/12/2018	Quinta feira	Fotos e Enquetes

Quadro 3. Trabalhos de campo realizados no passeio público da Av. Getúlio Vargas, Bauru

PASSEIO PÚBLICO DA AVENIDA GETÚLIO VARGAS – BAURU - SP		
DATA	DIA - SEMANA	TAREFAS REALIZADAS
25/03/2018	Domingo	Observações
14/10/2018	Domingo	Enquetes

25/11/2018	Domingo	Observações e Fotos
27/11/2018	Terça feira	Observações e Fotos
28/11/2018	Quinta feira	Observações e Fotos
14/12/2018	Sexta feira	Enquetes
16/12/2018	Domingo	Fotos e Enquetes
20/12/2018	Quinta feira	Enquetes

### *2.1.2. Aplicação de enquetes*

A aplicação das enquetes foi o segundo procedimento de pesquisa realizado em campo. Tivemos como objetivo principal na realização dessa etapa a busca pelos elementos considerados mais importantes pelos próprios usuários que influenciam seus usos desses espaços.

Esta etapa pode ser subdividida em duas partes, a primeira foi a confecção dos questionários que serviram como piloto para esse procedimento metodológico. Em um primeiro momento, consideramos formular algumas perguntas mais fechadas, deixando para o usuário a resposta apenas se considerava “agradável” ou “desagradável” determinados elementos. Porém, nessa etapa foi possível perceber que perguntas abertas poderiam nos trazer maior riqueza de conteúdo. Também precisamos adequar os itens relacionados ao lugar de moradia dos usuários (“condomínio fechado”, “residência” ou “apartamento”). Inicialmente, havíamos incluído uma pergunta sobre a companhia do entrevistado, porém decidimos retirá-la, pois gerava alguns constrangimentos e não possuía conexão direta com nossos objetivos. Por fim, acrescentamos o item sobre a sensação que o colaborador tinha ao usar aquele espaço, mas, para favorecer sua compreensão, a pergunta teve que ser formulada de outra maneira (o que sente ao vir ao parque?), pois perguntar por sensação gerava certa incompreensão, ficando muitas enquetes sem resposta. Essas reformulações atestam a importância do “piloto” em qualquer pesquisa que empregue tal procedimento metodológico, ainda maior no nosso caso, em que a questão metodológica deve merecer atenção especial.

No Capítulo 3, analisamos os resultados das enquetes aplicadas nos três espaços públicos escolhidos para a pesquisa. Sua aplicação se deu em diferentes

períodos, nos fins de semana e também em um dia de semana, no período da noite. A relação entre dia da semana, período e espaço pesquisado se deu de acordo com observações dos trabalhos de campo realizados anteriormente, buscando em grande medida, horários que houvesse uma frequência um pouco maior, porém em dias que os locais estavam em suas dinâmicas mais cotidianas, excluindo dias de eventos que pudessem afetar a compreensão dessa dinâmica mais geral. O questionário final está entre os anexos.

### *2.1.3. Realização de entrevistas*

O terceiro procedimento metodológico foi a realização de entrevistas com moradores de loteamentos fechados ou ex-moradores. Ao todo foram oito entrevistados na cidade de Bauru e oito na cidade de Presidente Prudente. Entre aqueles entrevistados em Bauru, dois moram em loteamentos fechados localizados em cidades vizinhas justapostos aos limites do município de Bauru. Portanto, são loteamentos implantados com a intenção de atrair moradores da cidade de Bauru ou que realizam suas atividades cotidianas nesta cidade.

Tivemos poucas dificuldades no processo de agendamento das entrevistas, pois nossa escolha das duas cidades já considerava a possibilidade de uma rede de contatos que poderiam nos ajudar indicando colaboradores para a pesquisa. Em Bauru, os contatos provenientes de nossas experiências profissionais anteriores foram fundamentais na indicação dos entrevistados, enquanto em Presidente Prudente, estas indicações vieram prioritariamente de uma rede de contatos criada a partir da Universidade durante todo o período de estudos.

A indicação a partir de um contato em comum é bastante relevante para aceitação da entrevista e para diminuir a resistência dos colaboradores em relação à perguntas direcionadas à renda e às práticas espaciais cotidianas, pois há um receio de que seja feito mal uso dessas informações. Porém, cabe ressaltar que, avaliando outras pesquisas e o padrão de vida dos colaboradores, o dado relativo à renda não parece corresponder à realidade.

Priorizamos, sempre que possível, a realização das entrevistas nos locais de lazer utilizados pelos moradores de espaços residenciais fechados. Se estes utilizassem os espaços públicos pesquisados, tentávamos agendar aí as entrevistas.

Quando não, tentamos fazer as entrevistas na área de lazer dos loteamentos. Em último caso, a entrevista foi realizada na residência ou escritório do colaborador. Desse modo, foram realizadas com cidadãos de Bauru, três entrevistas na Avenida Getúlio Vargas, três entrevistas em áreas de lazer dos espaços residenciais fechados e duas em escritórios. Não conseguimos encontrar colaboradores residentes de espaços residenciais fechados que utilizassem o Parque Vitória Régia, por isso, não foi realizada nenhuma entrevista neste local. Em Presidente Prudente, foram realizadas duas entrevistas no Parque do Povo, três nos loteamentos fechados, sendo duas na área de lazer e uma na residência do entrevistado. Duas entrevistas foram realizadas no escritório dos colaboradores.

Quadro 4. Local da realização das entrevistas e perfil dos entrevistados

	Entrevistada(o) / Idade <sup>10</sup>	Profissão	Local de Moradia	Local da entrevista
	Escolaridade	Renda aprox.	Data /Dia/horário	
<b>Bauru</b>				
1	Janaína /59	Comerciante	Resid. Estoril V	Av. Getúlio Vargas
	Superior	25 mil	16.01.2019 - Quarta - 17:50	
2	Mônica / 34 + João (marido)	Empresária	Chácara Odete	Área de lazer do "condom."
	Pós graduação	12 mil	19.01.2019 - Sábado - 11:20	
3	Carolina/42	Engenheira Civil	Resid. Estoril V	Área de lazer do "condom."
	Superior	20 mil	21.01.2019 - Segunda - 18:10	
4	Eduardo/ 53	Comerciante	Cond. Jardins do Sul	Área de lazer do "condom."
	Superior	15 mil	22.01.2019 - Terça - 19:30	
5	Camila /35	Empresária	Resid. Villa Lobos	Escritório da entrevistada
	Pós graduação	20 mil	30.01.2019 - Quarta - 11:30	
6	Natasha / 28 *	Advogada	Resid. Villagio II	Escritório da entrevistada
	Superior	10 mil	30.01.2019 - Quarta - 14:00	
7	Marcelo /47	Designer	Resid. Primavera***	Av. Getúlio Vargas
	Superior	13 mil	31.01.2019 - Quinta - 18:30	
8	Matheus / 43	Empresário	Resid. Recanto dos Nobres***	Av. Getúlio Vargas
	Ensino médio	25 mil	02.02.2019 - Quarta - 9:30	
<b>Presidente Prudente</b>				
1	Pedro / 64 e Carla / 65	Aposentado - Receita F.	Jardim João Paulo II	Área de lazer do "condom."
	Superior	20 mil	07.02.2019 - Quinta - 16:30	
2	Daniel/ 31	Supervisor de vendas	Resid. Jatobá	Residência do entrevistado
	Pós graduação	7 mil	13.02.2019 - Quarta - 10:00	
3	Irene / 24	Estudante	Parque Resid. Damha I	Parque do Povo

<sup>10</sup> Os nomes dos colaboradores são fictícios, no intuito de preservar suas identidades.

	Superior incompleto	12 mil	14.02.2019 - Quinta - 17:40	
4	Gabriela / 58 e Júlio / 68	Zootecnista / Prof. Univ.	Parque Resid. Damha I	Área de lazer do "condom."
	Superior	20 mil	14.02.2019 - Quinta - 19:30	
5	Maria / 50 **	Arquiteta	Jardim João Paulo II	Escritório da entrevistada
	Superior	?	15.02.20 - Sexta - 16:00	
6	Julia /45	Médica e professora	Parque Resid. Damha II	Área de lazer do "condom."
	Superior	25 mil	18.02.2019 - Segunda - 20:30	
7	Fernanda/54	Gestora assit. Social	Parque Resid. Damha I	Parque do Povo
	Pós graduação	14 mil	19.02.2019 - Terça - 17:30	
8	Helena / 46	Advogada	Cond. Bosque dos Tamburís	Escritório da entrevistada
	Superior	15 mil	20.02.2019 - Quarta - 16:20	

\* Mudou-se do condomínio há aproximadamente seis meses.

\*\* Mudou-se do condomínio há aproximadamente dois anos.

\*\*\* Loteamento localizado em outro município, em área justaposta ao limite de município de Bauru.

As entrevistas tinham seu roteiro dividido em cinco partes. A primeira trata de traçar o perfil do entrevistado. Na segunda, tentamos encontrar as justificativas de sua mudança para um condomínio fechado, enquanto na terceira parte, buscamos caracterizar seu uso cotidiano da cidade. Na quarta parte, as perguntas se relacionavam ao seu lazer e ao uso dos espaços públicos e áreas de lazer internas dos espaços residenciais fechados. Por fim, solicitamos uma avaliação dos espaços utilizados.

Apesar de tentarmos seguir o roteiro, esse tipo de entrevista requer alguma adaptação e flexibilidade, de acordo com as respostas do entrevistado. Mas, apesar de fazermos a entrevista com o roteiro em mãos, pudemos perceber durante as transcrições que algumas perguntas relevantes acabaram sendo esquecidas. Isso ocorreu por dois principais motivos: a necessidade de fazer perguntas que estivessem fora do roteiro e a tentativa de manter um diálogo mais aberto com o entrevistado. Segue abaixo o roteiro de entrevistas para a cidade de Bauru. Para a cidade de Presidente Prudente utilizamos um roteiro bastante semelhante, apenas com algumas adaptações.

Quadro 5. Roteiro das entrevistas

<p><b>A. Perfil do(a) entrevistado(a):</b></p> <p>A.1. Idade</p> <p>A.2. Escolaridade</p> <p>A.3. Profissão</p> <p>A.4. Número de componentes da família, idades e profissões respectivas</p> <p>A.5. Renda familiar aproximada</p> <p>A.6. Há quanto tempo moram nesse condomínio?</p> <p>A.7. Onde moravam antes – apartamento ou casa, bairro, se era próprio ou alugado</p>
<p><b>B. Motivação</b></p> <p>B.1. Por que morar neste loteamento?</p> <p>B.2. (Caso tenha mencionado a questão da insegurança, sem tentar explicá-la:) A que você atribui esse aumento da violência na cidade?</p> <p>B.3. Como essa violência aparece no seu cotidiano?</p> <p>B.4. (Caso não tenha sido mencionada) Houve alguma ocorrência violenta com alguém da sua família ou alguém próximo, que influenciasse nessa decisão?</p> <p>B.5. (Caso não tenha sido mencionada) Quais são as medidas de segurança adotadas pelo condomínio?</p> <p>B.6. Você considera adequadas essas medidas?</p>
<p><b>C. Cotidiano e cidade</b></p> <p>C.1. Descreva sua rotina.</p> <p>C.2. O que mudou, nessa rotina, quando mudou para esse loteamento?</p> <p>C.3. (Caso não tenha sido mencionado nas duas respostas anteriores) E seus deslocamentos pela cidade? São feitos de carro? Para realizar que tipos de atividades? Que locais frequenta?</p> <p>C.4. Ainda utiliza a área central da cidade para consumo ou outras atividades? Para quê?</p> <p>C.6 (Se a resposta for positiva) Com qual frequência utiliza a área central?</p> <p>C.7 Essa frequência tem diminuído, aumentado ou se mantido?</p> <p>C.8 Por quais motivos?</p>
<p><b>D. Lazer e cidade</b></p> <p>D.1. Como é o seu lazer cotidiano (diurno e noturno – locais que frequenta)?</p> <p>D.2. O que mudou, nesse lazer, quando você se mudou para esse condomínio?</p> <p>D.3. (Caso não tenha sido mencionado nas duas respostas anteriores) Utiliza espaços públicos de lazer (praças, parques, etc) e as áreas de lazer comum do condomínio?</p> <p>D.4. Utiliza o Parque Vitória Régia ou a calçada da Getúlio Vargas em algum momento?</p> <p>D.5. Por quais motivos utiliza (ou não utiliza) esses dois espaços?</p> <p>D.6. Quais espaços de lazer coletivo utiliza mais, internos ou externos ao condomínio? E qual frequência de uso de ambos?</p> <p>D.7. Por que essa opção (detalhar)?</p> <p>D.8. Quais as principais atividades que realiza neste(s) espaços de lazer (Internos e/ou externos)?</p> <p>D.9. Quais elementos considera positivos/agradáveis no(s) espaço de lazer Internos ao condomínio?</p> <p>D.10. Quais elementos considera positivo/agradáveis na Getúlio Vargas e/ou Vitória Régia ou demais espaços públicos de lazer externos ao condomínio?</p> <p>D.11. Quais elementos considera negativo/desagradáveis no(s) espaço de lazer internos ao condomínio?</p> <p>D.12. Quais elementos considera negativo/desagradável na Getúlio Vargas e/ou Vitória Régia ou demais espaços públicos de lazer externos ao condomínio?</p>

<p>D.13. Se identifica com as pessoas que também utilizam este espaços e seus respectivos comportamentos (Internos e/ou externos)?</p> <p>D.14. Se socializa com as pessoas que também utilizam estes espaços (Internos e/ou externos)?</p> <p>D.15. Quais comportamentos dessas pessoas considera mais agradáveis e mais desagradáveis?</p> <p>D.16. Como você compararia o espaços interno aos externos em relação aos elementos físicos?</p> <p>D.17. Como você compararia o espaços interno aos externos em relação às pessoas e seus comportamentos?</p>
<p><b>E. Avaliação</b></p> <p>E.1. Você está satisfeito com os espaços coletivos que utiliza para lazer? Destacar pontos positivos e negativos.</p> <p>E.2. Para você, como seria o espaço público (ou coletivo) ideal quanto aos elementos físicos e das relações pessoais?</p>

Ao fim dessa etapa, realizamos a transcrição das mesmas. Apesar de trabalhosa, a execução dessa atividade colabora com uma leitura e interpretação mais apurada das informações reveladas pelos entrevistados.

Por fim, elaboramos um procedimento metodológico que pudesse identificar a relação dos entrevistados com as diferentes áreas que integram os espaços públicos pesquisados. Tal procedimento serviria de base para compreendermos a origem dos afetos positivos e negativos gerados no contato desses cidadãos com o espaço público.

A execução consistiu em caminhar com os entrevistados por diferentes áreas dos espaços pesquisados, solicitando que eles descrevessem os aspectos positivos e negativos de cada um deles. Posteriormente, marcamos em uma planta das áreas pesquisadas, cada um dos trechos e referências mais relevantes.

O desafio de tal procedimento foi encontrar moradores de loteamentos fechados que estivessem dispostos a realizar o Percurso Comentado conosco. Como tal dificuldade não havia sido prevista quando o projeto foi elaborado, isso acabou por atrasar o cronograma de execução da pesquisa. Buscamos superar essa barreira solicitando que as entrevistas da etapa anterior fossem realizadas no próprio espaço de pesquisa. Porém, tal tática só nos ajudou nas três entrevistas realizadas na av. Getúlio Vargas e numa entrevista realizada no Parque do Povo. Em compensação, obtivemos ótimas indicações, o que colaborou para a aceitação de outros entrevistados em colaborar com esse procedimento metodológico num período

diferente da realização da entrevista. Ao todo, conseguimos realizar oito Percursos Comentados. Os três já citados na Av. Getúlio Vargas, dois no Parque Vitória Régia, ambos em Bauru, e três no Parque do Povo, em Presidente Prudente.

A despeito das dificuldades iniciais, este procedimento foi essencial para as nossas análises e conclusões, pois tanto a quantidade, quanto a qualidade das informações reveladas pelos colaboradores era sempre superior ao obtido nas entrevistas. Por fim, este procedimento subsidiou nossa proposta de realizar um mapeamento dos afetos gerados em contato com as diferentes áreas dos espaços públicos pesquisados.

## **2.2. Afeto e cidade: a relação entre as práticas espaciais e os afetos**

### *2.2.1. As afecções e os afetos em Espinosa*

Nesta parte do trabalho, pretendemos desenvolver alguns argumentos sobre a importância de discutir a cidade a partir das afecções, tendo como base as reflexões do filósofo Espinosa analisadas principalmente por Chauí (1995). O nosso intuito ao abordar a ótica espinosana na discussão sobre o espaço público, ainda que de maneira um tanto quanto superficial, é colaborar numa compreensão de que as práticas espaciais decorrem de uma sucessão de reações aos demais corpos<sup>11</sup> que nos afetam, buscando nos distanciarmos de uma visão mais isolada e simplificada dessas práticas em relação à totalidade dos corpos com que os cidadãos interagem.

Antes de tratarmos da questão das afecções propriamente, é preciso destacar que Espinosa faz uma leitura de mundo que contrapõe, em alguns aspectos, a tradição filosófica vigente naquele contexto (século XVII). O primeiro é que ele rompe com a ideia de um Deus transcendental que se separa do mundo e dos homens, apesar de possuir características de uma pessoa. Espinosa nomeia Deus como “Substância”, da qual todas os demais corpos do universo são extensão. A “Substância” é o absoluto (CHAUÍ, 1995). Portanto, se todos os corpos ou elementos que compõe o universo

---

<sup>11</sup> Para Espinosa, todo e qualquer elemento existente no universo é um corpo, desde os elementos materiais até os imateriais, como a luz, o som ou o cheiro. Nesta parte do trabalho utilizaremos a definição de corpo proposta por Espinosa.

são extensão da “Substância”, Deus, todos esses corpos estão inescapavelmente relacionados e interagem segundo determinadas leis naturais que são parte constitutiva do Mesmo.

Há, portanto, uma única e mesma substância constituindo o universo inteiro, e essa substância é eterna porque, nela, existir, ser e agir são uma só e mesma coisa. Essa substância é Deus. (CHAUÍ, 1995, p.47).

A Ética demole o edifício teológico-metafísico que se alicerçava na transcendência de Deus ao mundo, isto é, na imagem de um ser supremo separado do mundo, criando-o partir do nada segundo fins incompreensíveis para os humanos. Deus, agora, é a força imanente ao mundo e este O exprime. (CHAUÍ, 1995, p.48).

O homem, como todos os demais corpos, é parte integrante da natureza e as reações produzidas pelos diferentes entes são internas à própria Substância. Ou seja, o homem é apenas um modo específico da própria Substância. Desse modo, Espinosa também se contrapõe à ideia da tradição filosófica de separação entre corpo e mente (CHAUÍ, 1995).

Sobretudo, é um indivíduo dinâmico, pois o equilíbrio interno é obtido por mudanças internas contínuas e por relações externas contínuas, formando um sistema de ações e reações centrípeto e centrífugo, de sorte que, por essência o copo é relacional: é constituído por relações internas entre seus órgãos, por relações externas com outros corpos e por *afecções*, isto é, pela capacidade de afetar outros corpos e ser afetado sem se destruir, regenerando-se com eles e os regenerando. (CHAUÍ, 1995, p.54).

Esta é segunda inovação de Espinosa relevante neste trabalho: a ruptura com a ideia de separação entre corpo e mente. O legado platônico socrático e aristotélico possuem em comum a ideia de que há uma separação entre corpo e alma e que esta é dotada de faculdades com capacidades autônomas de imaginar, pensar, sentir em relação ao próprio corpo. De modo que a harmonia entre corpo e alma decorreria de um comando da faculdade racional. Para Espinosa, não há a separação entre corpo e alma, pois são partes finitas da Substância. Portanto, ele rompe com a tradição que considerava, dentro de uma hierarquia, a alma superior ao corpo, sendo este comandado por ela. Para Espinosa, a alma é a consciência das afecções a que estamos submetidos. Portanto, a alma é a “consciência e consciência de si, ou em linguagem espinosana, ideia do corpo e ideia da ideia de corpo” (CHAUÍ, 1995, p.60).

Há, pois, correspondência entre os acontecimentos corporais e os psíquicos, manifestando a causalidade única da substância. Somos a unidade de um complexo corporal (os milhares de corpos que constituem nosso corpo) e de um complexo psíquico (as inúmeras ideias que constituem nossa mente ou nossa alma). (CHAUÍ, 1995, p.60).

Para Espinosa, as afecções que impactam nosso corpo se transformam em afetos na alma que se realizam como ideias afetivas ou sentimentos. Com isso, a liberdade ocorre quando somos causas adequadas de nossos afetos, ou seja, quando estes são causados em nós segundo nossa potência interna. Portanto, a liberdade se dá quando somos ativos em relação aos demais corpos que nos afetam (CHAUÍ, 1995).

Espinosa nomeia como “*conatus*” a força interna que objetiva preservar a existência do ser. No corpo, esta força se chama apetite, enquanto na alma se chama desejo. Portanto, o desejo é consciência dos apetites corporais. Por isso, Espinosa tem a compreensão de que o desejo é o que constitui a essência do ser humano (CHAUÍ, 1995). Porém, como explica Bove (2010 p. 26), é um desejo sem objeto.

Mas o desejo é compreendido como potência: não como desejo “de algo”, mas a própria potência de afirmar a vida e de produzir efeitos. É a isso que ele chama, em latim, *conatus* – o esforço que cada ente faz para preservar o seu ser.

Desse mesmo modo, as afecções que se dão no corpo são afetos na alma. Ou seja, os demais corpos ao “atingirem” o corpo de um sujeito produzem afecções em seu corpo, essas afecções são transformadas em imagens que se realizam na alma como ideias afetivas ou sentimentos. “Assim, a relação originária da alma com o corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva” (CHAUÍ, 1995, p.64).

Ou seja, o afeto é ao mesmo tempo e indissolivelmente uma afecção ou modificação no corpo, algo sentido como uma sensação, vivência ou experiência, e uma afecção da alma, uma ideia. Para Espinosa, um afeto e uma ideia são duas faces de uma mesma coisa: não se separam, embora possam ser vividos e pensados diferentemente, como dois aspectos de algo idêntico, que é fundamentalmente uma ordem corporal. (BOVE, 2010, p. 29).

Espinosa considera que somos seres não autônomos, pois somos a soma de afetos e desejos, segundo a nossa natureza, portanto, para ele, não existe o livre

arbítrio (BOVE, 2010). Porém, o corpo pode ser afetado e afetar outros corpos de muitas diferentes formas. A ética em Espinosa é a busca por formas harmoniosas de mútua afetação, produzindo uma cadeia de afetos positivos. Tais afetos positivos ampliam a potência de existir. Esta ampliação da potência de existir é chamada por Espinosa de Alegria, e a redução da potência de existir é chamada de tristeza. Junto ao desejo, esses são os três principais afetos que dão origem a todos os demais (CHAUÍ, 1995).

(...) a ética não é senão o movimento de reflexão, isto é, o movimento de interiorização no qual a alma interpreta seus afetos e as afecções de seu corpo, destruindo as causas externa imaginárias e descobrindo-se e a seu corpo como causas reais dos apetites e desejos. A possibilidade reflexiva da alma encontra-se, portanto, na estrutura da própria afetividade: é o desejo de alegria que a impulsiona rumo ao conhecimento e a ação. Pensamos e agimos não contra os afetos, mas graças a eles. (CHAUÍ, 1995, p.71).

### *2.2.2. O afeto na crítica social*

É preciso destacar que a crítica social tem se caracterizado por um *déficit* em relação às questões ligadas a afetividade (SAFATLE, 2016), portanto, a ação política e por consequência a criação das políticas públicas têm se baseado quase que exclusivamente na tentativa de convencimento racional dos agentes sociais, pautada na suposta autonomia decisória do indivíduo. Este *déficit* é também reconhecido por Thrift (2004), ao ressaltar a forte presença do afeto como elemento fundamental das cidades. Para o autor, há três motivos em que essa negligência pode ser considerada um “crime”. A primeira se deve ao fato de que o afeto está presente na “atmosfera” urbana, tornando-se parte de um ciclo reflexivo, de uma sucessão de reações. A segunda é que os conhecimentos ligados à afetividade estão sendo utilizados consciente e politicamente. E, por fim, porque os afetos são parte de como as cidades são entendidas e transformadas (TRIFT, 2004). Ele nos alerta para uma compreensão de uma microbiopolítica em que os afetos tem sido utilizados para a política de modo específico.

Mas o que está sendo introduzido agora é uma microbiopolítica, um novo domínio extraído do meio segundo de atraso que se tornou visível e disponível para ser trabalhado por um série de instituições. Esse domínio já era implicitamente político, principalmente através da dinâmica das posições corporais que fazem parte de suas múltiplas

habilidades de antecipação. Agora, tornou-se explicitamente político através de práticas e técnicas especificamente voltadas para o afeto. (THRIFT, 2004, p.67)<sup>12</sup>.

Diante desse déficit em relação às questões ligadas à afetividade, buscamos um diálogo com Dunker (2009), que discute a relação entre a subjetividade dos cidadãos e os espaços residenciais fechados, utilizando esses espaços como uma metáfora para compreender uma sociedade que executa uma excessiva contratualização em busca de um ideal de felicidade. O agente político que controla a felicidade é o “síndico do condomínio”, ou seja, a felicidade passa a ser idealizada através de um conjunto de regras em um “espaço de excepcionalidade, erigido como defesa à barbárie exterior” (DUNKER, 2009, p.3).

A lógica do condomínio, elevada à dignidade de razão política indubitável e forma de vida universal, baseia-se, tanto em sua face liberal quanto em sua face disciplinar na administração do descontentamento. Ela funciona pela indução de uma espécie de descrença calculada das formas de racionalização da vida. Se a felicidade tornou-se um fato político depois de Napoleão, podemos dizer que o descontentamento tornou-se o mote de uma época que não mais aspira sacrifícios em nome de um futuro comum, apenas conforto. Uma época em que o agente do ato político torna-se realmente um síndico. (DUNKER, 2009, p.7).

Em duas das hipóteses propostas por Bannister e Fyfe (2001), a explicação do medo na cidade pode dialogar com a reflexão de Dunker (2009). A primeira, ao apontar o medo como uma falta de controle sobre a garantia de proteção do indivíduo, seja por ele próprio ou por terceiros. E uma segunda em que o medo estaria conectado às características físicas e sociais do espaço urbano, ou seja, os espaços com menor familiaridade estariam mais propensos a gerar medo naqueles indivíduos. Em ambos os casos, o controle do “síndico do condomínio” serviria para atenuar esses descontroles e o afastamento do desconhecido. Para os autores,

Atualmente, a política do medo é experimentada na paisagem urbana de maneira talvez menos evidentes, mas não menos significativas. As ruas da cidade, locais e símbolos de protestos e políticas democráticas,

---

<sup>12</sup> Tradução nossa de: But what is being ushered in now is a *microbiopolitics*, a new domain carved out of the half second delay which has become visible and so available to be worked upon through a whole series of new entities and institutions. This domain was already implicitly political, most especially through the mechanics of the various body positions which are a part of its multiple abilities to anticipate. Now it has become explicitly political through practices and techniques which are aimed at it specifically.

continuam sendo fonte de suspeita para aqueles que tem medo de desafios à ordem social. (BANNISTER E FYFE, 2001, p.811)<sup>13</sup>.

O medo que resulta nos efeitos acima mencionados é compreendido por Safatle (2016) como um dos afetos centrais da vida contemporânea, juntamente ao desamparo e a esperança. Para o autor, as ações do homem são impulsionadas não pela racionalidade mas pela reação às afecções. Para ele, "há uma adesão social construída através das afecções", portanto, um "circuito de afetos" que é pano de fundo das ações do homem, de sua organização e "fundamento dos vínculos sociais". O Estado que deveria ser garantidor da segurança e mediador de conflito, coloca-se como um gestor da insegurança social (SAFATLE, 2016, p.14-18).

Se não é a adesão tácita a sistemas de normas que produz a coesão social, então devemos nos voltar aos circuitos de afetos que desempenham concretamente esse papel. Eles nos permitirão compreender tanto a natureza de comportamentos sociais quanto a incidência de regressões políticas, desvelando também como normatividades sociais fundamentam-se em fantasias capazes de reatualizar continuamente os mesmos afetos em situações materialmente distintas umas das outras. (SAFATLE, 2016, p.16).

Os "circuitos de afetos", que permeiam a sociedade, impactam diretamente na construção do indivíduo e encerram a ideia de que estes são sujeitos autônomos em relação às próprias escolhas (SAFATLE, 2016). Neste sentido, somos colonizados por forças que utilizam esses afetos como forma de nos empurrar para os espaços residenciais fechados, como um tipo de servidão voluntária, em que um conjunto de regras condominiais se impõe como forma de assegurar a ideia de felicidade (MEJÍA, 2015).

A esperança e o medo são afetos que possuem a mesma base fundamental, pois estão no campo da projeção de um futuro imaginado, mas enquanto o medo é gerado por uma ameaça futura que comprometeria a segurança, a esperança é uma projeção futura de melhoria. Neste sentido, a esperança quase não colabora para a superação do estado de medo permanente (SAFATLE, 2016).

---

<sup>13</sup> Tradução nossa de: Today, the politics of fear are played out in the urban landscape in perhaps less overt but no less significant ways. City streets, those sites and symbols of democratic protest and politics, continue to be a source of anxiety to those in authority fearful of challenges to the social order.

Para que possa haver uma diminuição do medo como afeto é necessário o desenvolvimento de afetos que estejam fora de uma projeção futura, ou seja, afetos que colaborem para uma percepção ampliada do agora - o momento exato em que a vida acontece, afastando a necessidade das idealizações (SAFATLE, 2016). Portanto, é necessária uma abertura para a possibilidade de novos afetos e, por consequência, o afastamento de uma ordem conhecida garantida pelo “síndico do condomínio”. Ou seja, a possibilidade de ser afetado pelo desconhecido depende de um distanciamento do excessivo regramento.

### *2.2.3. Homogeneidades sociais, materiais e afetivas*

Com os processos de segregação e fragmentação socioespacial, a cidade tem se tornado um mosaico de áreas homogêneas internamente, com uma tendência de redução dos encontros entre sujeitos moradores dessas diferentes áreas. Essa homogeneidade ocorre tanto em seu conteúdo social como em parte da morfologia urbana, mais precisamente, nos elementos materiais que são os formadores das paisagens urbanas (STOIAN, 2019).

A paisagem urbana é a via pela qual o cidadão cria seus referenciais do que conhece como cidade. Em uma realidade paisagística de cidade segregada, essa compreensão do todo urbano fica cada vez mais comprometida (STOIAN, 2019, p.14).

Ao mesmo tempo, essa homogeneidade torna-se também restritiva de novos afetos correspondentes ao encontro entre os diferentes sujeitos sociais, e destes com as diferentes morfologias urbanas. Bannister e Fyfe (2001) ressaltam a importância de se preservar espaços da cidade em que possam haver encontros entre diferentes classes, raças, idades, religiões e culturas. Tal elemento é fundamental na formação da atividade crítica de discussão das instituições que mediam as organizações sociais. Os encontros são necessários para reduzir a desconfiança do diferente. Desse modo, todo o aparato de segurança pode contribuir para aumentar a sensação de segurança, mas também acabam gerando uma certa paranóia entre aqueles que vivem sob essa arquitetura defensiva (ELLIN, 1996, p.153 *apud* BANNISTER E FYFE, 2001, p.81).

Tais argumentos dialogam com os de Caiafa (2002), que afirma ser nos espaços das grandes cidades que se tem uma oportunidade, e por vezes uma imposição, à possibilidade de ser afetado por estranhos. A autora ainda defende que

é a partir de "colisões" com outrem que se constrói as diferenciações que possibilitam a comunicação, sendo outrem todos elementos que produzem efeitos de constituição de uma alteridade no próprio sujeito afetado.

A experiência com a variedade de estímulos nas ruas, com esses desconhecidos que cruzam nosso caminho - e com quem uma comunicação em alguns casos pode se estabelecer - modeliza afetos, perceptos, produz enfim, subjetividade. Para admitir os processos urbanos como componentes subjetivos é preciso conceber uma subjetividade fora do sujeito, em constante atualização e processualidade, à mercê de componentes heterogêneos. (CAIAFA, 2002, p.93).

Caiafa (2002) também destaca que estamos sujeitos a riscos e violências nas cidades, mas que a experiência com o diverso é uma possibilidade para a construção de novas identidades. Esta construção pode ser a chave para uma produção do espaço urbano em que o medo se torna secundário na experimentação do aqui e agora.

### **2.3. Construindo uma metodologia para compreender os afetos nas práticas espaciais**

Nesta parte do trabalho buscamos avançar na construção de uma metodologia que seja coerente com o nosso foco de pesquisa, e que possa, acima de tudo, estar imbricada ao quadro teórico no qual nos apoiamos. Neste sentido, faz-se necessário compreender com maior profundidade outros afetos que produzam respostas positivas em direção à ampliação da noção de cidadania. Para essa compreensão é imprescindível identificar os afetos que impulsionam o indivíduo/cidadino para os espaços públicos, com especial atenção às relações entre os espaços e as práticas dos sujeitos sociais e a sua articulação com esses "circuitos de afetos".

Diante disso, nos debruçamos sobre duas diferentes conceituações de cartografia. A primeira, mais conhecida entre os teóricos das questões espaciais, é a cartografia como forma de representação de realidades físicas ou políticas, o mapa euclidiano. A segunda conceituação é a cartografia social, segundo Prado Filho e Teti (2013, p.47), que

liga-se aos campos de conhecimento das ciências sociais e humanas e, mais que mapeamento físico, trata de movimentos, relações, jogos de

poder, enfrentamentos entre forças, lutas, jogos de verdade, enunciações, modos de objetivação, de subjetivação, de estetização de si mesmo, práticas de resistência e de liberdade.

A realização de uma cartografia social, como proposta por Pardo Filho e Teti (2013), está muito além de nossas possibilidades de formação, porém, a partir de sua ideia central, podemos iniciar um mapeamento que sirva, de algum modo, como uma mínima contribuição para a construção dessa cartografia social. Nosso objetivo está relacionado à espacialidade, portanto, são alguns pontos de relação entre as duas cartografias (a euclidiana e a social) nosso principal interesse. Buscamos empiricamente conhecer como os espaços públicos por nós pesquisados produzem afetos em determinados sujeitos sociais. E, em alguma medida, compreender as relações que contribuem para a formação destes afetos. Desse modo, nos propomos a produzir um mapeamento que integre essa intrincada cartografia social em sua correspondente espacial. Ao mesmo tempo, buscamos identificar através desta cartografia social, alguma possibilidade de tendência contra majoritária relacionada às práticas espaciais, permitindo construir alternativas de intervenção que possam minorar os efeitos da fragmentação socioespacial.

Temos, então, duas principais frentes analíticas fortemente interligadas, implementadas para alcançar o objetivo: a primeira é a apreensão dos elementos produtores dos afetos nos sujeitos sociais em cada parte do espaço público, e, se são afetos positivos ou negativos. A segunda é a compreensão das relações que contribuem para a formação destes afetos. Para cada uma delas, empregamos diferentes procedimentos metodológicos. Para apreensão dos afetos, propomos um Percurso Comentado, o qual explicaremos em seguida, e uma detalhada análise de seus resultados. Para a compreensão da construção desses afetos, utilizamos as entrevistas e sua posterior análise, apoiada em vasta bibliografia sobre o tema da segregação e fragmentação socioespacial.

Nosso Percurso Comentado tem como inspiração a Teoria da Deriva, formulada como uma forma de conhecer o espaço urbano e desenvolvida, inicialmente, como proposta e posteriormente como prática, pelo grupo Internacional Situacionista (I.S.) na década de 1950, liderado por Guy Debord, baseada em uma psicogeografia.

A psicogeografia seria o estudo das leis exatas e dos efeitos precisos do meio geográfico, planejado conscientemente ou não, que agem diretamente no comportamento afetivo dos indivíduos. O adjetivo psicogeográfico, que guarda uma imprecisão interessante, pode, portanto, ser aplicado aos dados estabelecidos por esse gênero de pesquisa, aos resultados de sua influência sobre os sentimentos humanos e até, de um modo mais geral, a qualquer situação ou conduta que pareçam provir do mesmo espírito de descoberta. (DEBORD, 2003, p.39).

A Deriva, segundo Debord (2003), consiste em um caminhar pelo espaço urbano deixando-se levar pelas "solicitações do terreno". Deve ter a duração de tempo que compreende entre "dois períodos de sono", e pode se prolongar por alguns dias. Seu recorte espacial pode variar, sendo desde uma grande cidade, quanto um quarteirão, ou mesmo um espaço mais reduzido, como uma estação de trem. Portanto, a Deriva assemelha-se a um *flaneur* com algumas determinações metodológicas.

Mais recentemente, inspirado por Debord, Careri (2014), em suas derivas pelas cidades europeias e posteriormente na América Latina, aborda o medo que sente em seus percursos e como a experiência estética do caminhar com os sentidos abertos para a alteridade pode também nos levar ao encontro de novos afetos. Tais derivas abrem a possibilidade de novas maneiras de compreender o espaço urbano

A arte da errância segue a arte dos encontros, a arte da construção de um espaço limiar, do estabelecimento de uma fronteira além do Espaço Tempo na qual enfrentar o conflito com o diversos com uma saudação de não beligerante. (CARERI, 2014, p.174).<sup>14</sup>

As Derivas podem ser importantes ferramentas de percepção espacial, pois estabelecem uma experiência estética com o sensível em que o imaginário dá lugar a experimentação do fato urbano, ou seja, afastam-se as projeções e imaginações do que seriam determinados espaços e abre-se para uma experiência do presente. Para que essa busca por uma experimentação do espaço possa ter maior precisão científica, Debord (2003) sugere que as Derivas devem ser realizadas por um grupo

---

<sup>14</sup> Tradução nossa de: Al arte del errar le sigue el arte de los encuentros, el arte de la construcción de un espacio de umbral, del establecimiento de una frontera más allá del Espacio y del Tiempo, donde poder afrontar el conflicto con lo diverso con un saludo de no beligerancia

de pessoas, que compartilhariam e analisariam suas impressões para que se possa chegar a conclusões comuns.

Ainda que a Deriva feita em grupo possa atenuar os efeitos das percepções puramente individuais de cada participante, ela continua sendo um método que não é capaz de captar as significâncias encontradas no trajeto por diferentes segmentos ou sujeitos sociais que compõe a população urbana, tornando a Deriva um procedimento bastante limitado para os objetivos dessa pesquisa, ou seja, compreender lógicas tanto mais gerais, quanto mais específicas das práticas espaciais de determinados sujeitos sociais.

Buscamos solucionar esta limitação fazendo da Deriva um procedimento a ser executado pelos sujeitos sociais que estamos investigando, moradores de espaços residenciais fechados que continuam utilizando os espaços públicos de lazer. Tal como proposto, estes sujeitos relataram suas experiências e descreveram esta realidade apreendida ao caminhar pelos espaços públicos. O percurso percorrido foi mapeado para uma análise dos elementos com que cada colaborador se deparou durante o caminhar. Seus relatos foram apreendidos através da gravação de áudio, além de observações anotadas por nós, sendo então, um Percurso Comentado. Para dar maior subsídio à interpretação e favorecer a produção das informações, produzimos cartogramas das condições mais gerais dos espaços em que foi realizado o Percurso Comentado.

Marre (1991) propõe que em pesquisas qualitativas, como a nossa, se tenha dois principais conceitos quanto à amostragem: a diversificação dos entrevistados, para que se possa obter maior profundidade e riqueza dentro do tema proposto e a saturação que se obtém através da repetição das informações. Apesar da preocupação, a dependência da colaboração nos impediu de chegar ao nível de saturação, mas não impediu que chegássemos à conclusões embasadas com as informações que produzimos durante os Percursos Comentados. Também é preciso levar em conta que nossa pesquisa também está em busca de elementos de exceção em relação às práticas espaciais mais hegemônicas, portando, por menor que seja a amostragem, ela já vem nos dando subsídios para um debate a respeito de determinadas afetações na utilização dos espaços públicos pelos sujeitos que são nosso foco de pesquisa.

Após o Percurso Comentado, fizemos a transcrição do áudio e sua análise junto às informações obtidas em entrevistas realizadas anteriormente. Estas entrevistas abordaram suas práticas espaciais cotidianas e alguns elementos objetivos e subjetivos nos quais se baseia sua motivação.

Assim como a Deriva de Debord (2003), o Percurso Comentado pode ser praticado numa grande diversidade de espaços. Porém, para nossa pesquisa, ele se deu em recortes espaciais já definidos: o Parque Vitória Régia e o passeio público da Avenida Getúlio Vargas, em Bauru, e o Parque do Povo, em Presidente Prudente.

A identificação dos afetos produzidos em nossos colaboradores pelos encontros com demais corpos presentes no espaço público é um elemento primordial para nossa cartografia, juntamente com o mapeamento físico da área do Percurso Comentado, sendo possível reconhecer como estes afetos se relacionam com a espacialidade, chegando a uma Cartografia de Afetos. Desse modo, podemos identificar os afetos e os corpos que os produzem, atraindo nossos colaboradores para os espaços públicos, com base na proposição de Espinosa, segundo a qual, o que direciona o sujeito para ação é o desejo pelo afeto alegria. Portanto, faz-se necessária a compreensão de quais são esses corpos e como a sua imagem, refletida na alma, produz alegria nos sujeitos sociais que pesquisamos.

### **3. CARACTERÍSTICAS E DINÂMICAS GERAIS DAS ÁREAS PESQUISADAS**

Esta seção tem como objetivo informar ao leitor as principais características físicas e dinâmicas mais gerais das áreas pesquisadas. Para isso, utilizamos plantas elaboradas por nós a partir de arquivos obtidos junto à Prefeitura Municipal de cada cidade, além daqueles cedidas por outros pesquisadores, fotos e descrições baseadas em trabalhos de campo realizados em diferentes períodos do dia e da semana, de acordo com o que descrevemos no capítulo anterior desse trabalho.

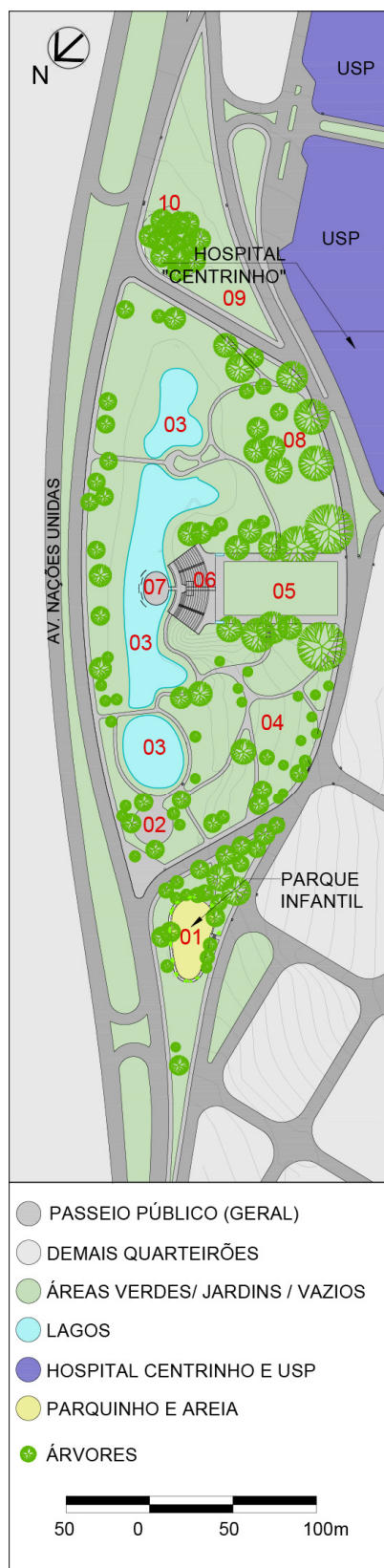
Em função da necessidade de não perder de vista o nosso foco de pesquisa, a motivação que impele os moradores de loteamentos fechados à utilizarem espaços público de lazer, nem todos os aspectos e dinâmicas mereceram atenção. Diante disso, não entraremos em detalhe sobre a presença de cada um dos perfis de usuários da área, assim como a permanência e localização de vendedores ambulantes, etc. A compreensão das dinâmicas mais gerais está diretamente conectada à necessidade de verificar os períodos em que havia maior possibilidade de encontrarmos o nosso público alvo. Porém, com as informações em mãos, consideramos importante a exposição que se segue, para melhor compreensão geral da área por parte do leitor.

Ainda consideramos que alguns dos trabalhos que consultamos, devido aos seus objetivos mais específicos, não exprimem tais dinâmicas mais gerais dessas três áreas, porém abordam de maneira crítica e reflexiva alguns dos seus elementos. Dentre os trabalhos consultados queremos destacar Mattos (2017), que trata de apreender a percepção da população em relação aos benefícios dos espaços verdes, entre eles o Parque Vitória Régia. Também destacamos o trabalho de Ramos (2017), que aborda as dinâmicas do lazer noturno juvenil nas cidades de Marília e Bauru, buscando identificar a diversidade cultural e as disputas territoriais presentes em suas práticas espaciais. Os trabalhos de Hermoso (2018) e Barreto Netto (2016) buscam compreender as práticas espaciais existentes em determinada área do Parque do Povo, em Presidente Prudente, e a relação com o Prudenshopping.

#### **.3.1 Parque Vitória Régia**

O Parque Vitória Régia (Cartograma 6) possui área de aproximadamente 50 mil metros quadrados segmentados em três partes por vias que fazem o acesso da pista principal da Avenida Nações Unidas à pista marginal.

Cartograma 6. Parque Vitória Régia, Bauru



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dados: Prefeitura de Bauru.

Cada uma das partes possui características e usos distintos, o que influencia diretamente no perfil de seus respectivos usuários.

A primeira quadra possui como principal elemento um parque infantil (1) com brinquedos em metal e madeira, alguns deles bastante deteriorados, além do “tanque de areia” também mal conservado (Figura 6). Possui ainda uma ATI. Esta é a parte com maior uso cotidiano do Parque em diversos horários do dia, porém é no final da tarde dos dias de semana e aos domingos que o seu uso fica mais intenso. Frequentado, quase que exclusivamente por famílias que trazem os filhos para atividade de recreação, possui um bom nível de arborização, possibilitando uma permanência mesmo em dias ensolarados.

Junto a essa parte é frequente a permanência de vendedores ambulantes, desde gêneros alimentícios, na maior parte dos dias, como também, nos dias de maior movimento, há instalação de um pula-pula para a diversão das crianças

A segunda quadra do Parque, devido ao relevo bastante acidentado, pode ser dividida em diferentes ambientes. O primeiro, logo após a via que tangencia o parque infantil, tem a .

única área de bancos de concreto (2), uma primeira parte do lago (3) e uma grande área gramada (4), cortada por alguns caminhos de blocos de concreto. Nesta área é quase inexistente a utilização nos dias de semana, porém, ao final da tarde, temos algum movimento de pessoas praticando caminhada e algum educador físico oferecendo serviço de treino e, em número muito reduzido, pessoas repousando na grama. O movimento nesta área é mais intenso aos domingos, quando aumenta o número de usuários descansando no gramado. Este é o setor que sofre maiores alterações quando ocorrem *shows*, pois é nele que se instala o palco, como ocorre durante a Virada Cultural (Figura 7) ou no aniversário da cidade.

Os eventos atraem uma grande diversidade de público e ocupam quase que totalmente este setor do Parque. A menor arborização contribui para a realização desses eventos, por outro lado, diminui a frequência daqueles que querem descansar na grama e se proteger do sol e do calor.

Figura 6. Vista parcial dos equipamentos infantis do Parque Vitória Régia, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2019).

Figura 7. Palco para show e público jovem no Parque Vitória Régia, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

O platô central (5) não possui nenhum elemento mais significativo além dos dois banheiros que estão desativados devido ao estado de deterioração (Figura 8). Nesta área, também ocorrem, esporadicamente, alguns eventos específicos. Aos finais de semana serve de ponto de encontro de jovens atraídos pelo lazer noturno, porém, com baixa intensidade. A inexistência de arborização e as más condições do gramado, contribuem para a menor intensidade de usos.

Figura 8. Banheiro abandonado do Parque. Vitória Régia, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Posterior a este platô, fica a arquibancada (6) e o palco do anfiteatro (7), principais elementos que dão identidade ao Parque Vitória Régia (Figura 9). Na arquibancada é frequente a presença de usuários sentados em atividades de contemplação ou interação (Figura 10). A maior quantidade de usuários foi observada em um domingo em que ocorria um evento do jogo Pokémon Go. Os jogadores se concentram nessa área devido à existência de um “estádio de batalha”, conforme informado por um usuário do jogo. Além desse evento, também fomos informados por um usuário do Parque, que eventualmente ocorrem as chamadas “Batalhas de MCs”, evento de RAP que costuma reunir uma grande quantidade de jovens, porém, em nossas pesquisas de campo, não pudemos presenciar esse tipo de evento no Parque. Por fim, a escadaria também é utilizada por pessoas em atividades físicas nos finais de tarde, principalmente entre segunda e sexta-feira.

Figura 9. Vista parcial do Parque Vitória Régia – lago, arquibancada e anfiteatro, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Figura 10. Vista parcial da arquibancada do anfiteatro no Parque Vitória Régia, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

O próximo setor (8) é composto por um grande gramado e a primeira parte do lago. Neste trecho, muitas árvores de grande porte juntamente ao gramado bem conservado colaboram para maior presença de usuários em atividade de descanso e contemplação. Estas atividades ocorrem com maior frequência aos domingos, após às 16 horas, porém, em número bastante reduzido, é possível observar usuários nesse tipo de atividades nos mais variados dias e horários. Além disso, é comum a frequência de famílias, além de outros cidadãos passeando com cachorros ou efetuando atividade de caminhada, sendo esta última, mais comum aos fins de tarde. Portanto, esta parte possui um uso quase que exclusivamente cotidiano, pois os eventos maiores modificam com maior intensidade as outras áreas já citadas.

O último segmento do Parque Vitória Régia (9) quase não possui uso, exceto quando se tem praticantes de *slak line* se aproveitando da curta distância entre as árvores e da maior regularidade do relevo. Esta área também possui uma pequena área de grande adensamento vegetativo (10), de difícil acesso. Porém, as calçadas da via que dividem essas duas últimas áreas recebem, no início da noite, vários vendedores ambulantes, enchendo as calçadas com banquetas e até mesas para servir seus clientes (Figura 11). Pudemos observar esta prática em vários dias da semana, mas não conseguimos identificar um padrão.

Figura 11. Vista parcial de via com a presença de vendedores ambulantes no Parque Vitória Régia, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Pudemos observar que os consumidores dos produtos ofertados pelos vendedores ambulantes praticamente não se relacionam com as demais áreas do Parque e podemos apontar como um importante elemento para a ocorrência desse fato, a reduzida iluminação, principalmente na parte à esquerda da via, demonstrada na Figura 11, em que há uma maior quantidade de árvores de grande porte. Esta baixa relação entre consumo nos arredores e uso do Parque também ocorre nos segmentos anteriores. Apenas um bar situado em frente ao parque infantil estabelece uma relação mais estreita, colocando uma parte de suas mesas nas calçadas do Parque Vitória Régia (Figura 12), o que é favorecido pelo fato de ter um funcionamento mais intenso nos finais de tarde, enquanto ainda é dia e há luz natural.

Figura 12. Vista parcial de via com a presença de vendedores ambulantes. Parque Vitória Régia, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

### 3.2 Passeio público da Avenida Getúlio Vargas

Esse passeio público, que pode ser observado no Cartograma 7, se estende de maneira contínua por aproximadamente três quilômetros. Além do simples passeio, também inclui duas praças, Copaíba e Panathlon e um conjunto de quadras de areia, duas de vôlei e uma de futebol. Ao longo do passeio há a presença de vendedores ambulantes em diferentes períodos do dia e da semana, porém, não demos atenção a essa dinâmica pelos motivos já apresentados.

Por ser uma área contígua ao Aeroclube de Bauru, o passeio público se estende para além da Avenida, circundando grande parte do mesmo, incluindo uma pista de *skate* no lado oposto à área pesquisada. Optamos por limitar nossa pesquisa ao passeio público da Avenida Getúlio Vargas pelo fato de ser a área com maior fluxo e perfis mais heterogêneo de usuários. A maior parte pratica caminhada nessa área, fazendo o retorno nos cruzamentos com a Rua Ignácio Alexandre Nasralla e com a Avenida Odilon Braga.

O local se tornou um importante ponto de encontro para caminhada devido à sua ininterruptão por vias de veículos, além da boa largura do passeio público, facilitando o tráfego de pedestres de vários perfis etários. A implantação de ATIs nas praças Panathlon (Figura 13) e Copaíba, e das quadras que ocorreram mais recentemente, colaborou com o direcionamento de usos ligados às práticas de atividades físicas, incluindo o oferecimento de serviços por profissionais de educação física para a realização de treinos.

Figura 13. Vista geral da Praça Panathlon, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Cartograma 7. Passeio Público avenida  
Getúlio Vargas, Bauru



Fonte: Elaborado pelo autor.  
Dados: Prefeitura de Bauru

Entre as segundas-feiras e os sábados, em horário comercial, o passeio público é utilizado quase que exclusivamente por pessoas que estacionam seus veículos nas proximidades e se dirigem ao outro lado da Avenida Getúlio Vargas, em que prevalecem edifícios comerciais. Por ser um importante eixo viário de acesso aos loteamentos fechados, a área tem recebido um grande volume de investimentos do mercado imobiliário, gerando um processo de verticalização. Porém, em nossa área de pesquisa isso comparece em menor medida, pelo fato deste trecho já estar praticamente todo ocupado anteriormente à implantação de novos empreendimentos.

A partir das 17 horas, inicia-se um movimento de pedestres que praticam caminhada e corrida (Figura 14). Esse movimento vai se ampliando até às 21hs e, posteriormente, se reduz até aproximadamente a meia noite, quando restam poucos transeuntes realizando o percurso. O perfil etário também varia de acordo com o horário. No fim da tarde e início da noite, há maior presença de usuários com aparentemente 40 a 60 anos. Porém, com o avançar da noite, vai se ampliando a quantidade de jovens. Nas quadras de areia, prevalece, desde as primeiras horas da noite, um perfil de usuário mais jovem que das demais áreas.

Figura 14 . Vista parcial do passeio público da Av. Getúlio Vargas, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Durante os dias de semana, tem se tornado comum a utilização de algumas áreas por profissionais de Educação Física para o oferecimento de serviços como organização de grupos de corrida ou outros treinos. O movimento desses profissionais se inicia por volta das 18 horas e segue por aproximadamente duas horas. Apesar de não haver regulamentação de uso da área para esses fins, ocupam partes da Praça da Copaíba, inclusive com a utilização de caixa amplificadora de som para atrair novos alunos. Na Figura 7 podemos observar parte do passeio público e da praça ocupada pelos equipamentos de um desses profissionais.

Figura 15 . Vista parcial Praça da Copaíba, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

No início da noite, aumenta a movimentação de vendedores ambulantes, começando por pequenos carrinhos de venda de água e água de coco, presentes desde o fim da tarde, até os chamados *Food Trucks*. Como informado anteriormente, não registramos a regularidade e posição de cada um desses vendedores, mesmo assim é possível afirmar que há alguma diferença entre esses dois principais tipos. Os primeiros colaboram com uma concentração de usuários de prática esportiva em determinados pontos do passeio público, enquanto os segundos acabam por atrair um público que se dirige para a Avenida com objetivo de consumir nesses locais. Esta última dinâmica também se relaciona com a presença de consumidores de bares do entorno, sendo a Avenida Getúlio Vargas e seu entorno o principal eixo de consumo de lazer noturno da cidade, incluindo, além dos bares, cafés, restaurantes e pizzarias e , nos últimos anos, também as lojas de conveniências. Porém, este tipo de uso é mais intenso às sextas e sábados.

Ramos (2017) identifica que, a partir da década de 1980, com intensificação na década de 1990, a expansão oferta de comércio e serviço voltado para o lazer noturno, seguindo uma tendência do mercado imobiliário, se direciona para a Zona Sul da cidade. Em um primeiro período, entre 1980 e 1990, essa ampliação ocorreu na

Avenida Nações Unidas, enquanto nas décadas seguintes, a Avenida Getúlio Vargas “emerge como um dos principais núcleos de lazer noturno de Bauru” (RAMOS, 2017, p.187)

Há indicativos de uma certa setorização desse tipo de comércio de lazer noturno. Enquanto na Avenida Getúlio Vargas predominam estabelecimentos voltados para um público de alta e média renda, na Avenida Odilon Braga tem se ampliado a presença de estabelecimentos voltados para o público de menor poder aquisitivo. Entre estes estabelecimentos, cabe destacar, uma loja de conveniência, colaborando para a presença de jovens que consomem bebidas na própria Avenida (Figura 8). Há, nesta área, um fluxo de jovens que circulam entre a Avenida Odilon Braga e a Praça da Copaíba. Ali, muitos se sentam na grama para o consumo de bebida e utilização de *narguilé* numa dinâmica de interação com os demais presentes (Figura 9).

Figura 16 . Fluxos de jovens na Avenida Odilon Braga, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2019).

Figura 17 . Jovens reunidos na Praça da Copaíba, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2019).

Por ser uma área de lazer noturno, a Avenida, muitas vezes, é palco de eventos específicos, como a comemoração de títulos de time de futebol. Um exemplo ocorreu após a conquista do título do campeonato brasileiro pelo Palmeiras, em que a Polícia Militar fechou uma das vias para a segurança dos torcedores (Figura 18). Outro evento que movimentou a área, foi a espera pela chegada dos caminhões decorados da Coca Cola com temática natalina (Figura 19), neste caso, com uma presença maior de famílias. Portanto, a Avenida Getúlio Vargas e seu entorno exercem um bom nível de centralidade no lazer noturno bauruense.

Figura 18 . Torcedores comemoram título de campeonato na Av. Getúlio Vargas, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Figura 19 . Famílias assistem a passagem de caminhões de Coca Cola decorados. Av. Getúlio Vargas, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Aos domingos e feriados, a dinâmica da Avenida se altera devido ao fechamento de um dos lados da via, direção bairro-centro entre o cruzamento com a

Avenida Nossa Senhora de Fátima e a Rua Ignácio Alexandre Nasralla, que ocorre das 7 às 12 horas. Porém, o maior fluxo de pessoas se dá entre as Avenida Odilon Braga e a Rua Ignácio. Esse fechamento, iniciado em 2009 pelo projeto Recreiovias da Prefeitura Municipal (JCNET, 2015), possibilita uma maior diversidade e intensidade de usos, como também de públicos, devido à grande dimensão dos espaços disponibilizados. Se no passeio público, durante os dias de semana, prevalece o uso pedonal, com o fechamento, o espaço também recebe bicicletas, *skates* e até veículos elétricos. Esporadicamente ocorrem alguns eventos promovidos por diferentes entidades, incluindo a própria Prefeitura Municipal ou o Governo do Estado, que podem ser campeonatos de vôlei de areia (Figura 20), passeio ciclístico, entre outros.

Figura 20 . Realização de evento esportivo nas quadras de vôlei de areia. Passeio público da Av. Getúlio Vargas, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Também vale destacar que neste período há maior presença de vendedores ambulantes ao longo da via, e a realização de uma mini-feira com diferentes produtos, artesanato, gêneros alimentícios e vestuário. São 12 pequenas barracas que colaboram para a diversidade e intensidade de usos na Avenida (Figura 21).

Figura 21. Vista parcial da Avenida Getúlio Vargas e mini-feira, Bauru



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

### 3.3 Parque do Povo

O Parque do Povo de Presidente Prudente possui dimensões bastante superiores às áreas descritas até aqui, por isso, optamos por reduzir a nossa área de análise. Para isso, verificamos quais são os setores com maior oferta de equipamentos e, por consequência, maior diversidade de usos. Seguindo esses critérios, nossa análise se concentrou nos segmentos do Parque entre as avenidas Coronel José Soares Marcondes e Manoel Goulart, porém englobamos a chamada Praça do Vale, por ser importante elemento na dinâmica mais geral de uso do Parque. Portanto, os segmentos localizados entre as avenidas Coronel Soares Marcondes e Brasil não foram considerados em nossas análises. Mas, a partir das primeiras observações de campo, pudemos notar que esta área possui certa homogeneidade material e na dinâmica de utilização.

Cartograma 8. Parque do Povo entre avenidas Cel. José Soares Marcondes e Saudade, Presidente Prudente



Fonte: Elaborado pelo autor.  
Dados: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente.

Começamos nossa análise a partir da Avenida Cel. José Soares Marcondes. O intenso fluxo de veículos da Avenida, e sua grande largura também colaboraram para que delimitássemos nossas análises a essa área. Estas características também contribuíram para que muitos usuários que estão efetuando a prática de caminhada ou corrida façam o retorno em direção à Avenida da Saudade. Esta primeira quadra, como pode ser observado no Cartograma 6, tem como principal característica um bom nível de arborização. Em relação ao mobiliário, possui apenas alguns bancos e poucos brinquedos infantis. Em nossas observações, percebemos uma tendência à baixa utilização na parte interna desta quadra, ocorrendo nas calçadas da margem o maior fluxo de usuários. Este fluxo é mais intenso nos períodos em que há maior quantidade de usuários praticando caminhada ou corrida. Isto ocorre entre segunda e sexta-feira, nos finais de tarde e início da noite, e aos domingos, durante a manhã, nos finais de tarde e início da noite. Ao final desta quadra, na Avenida 11 de maio, há presença esporádica de consumidores de uma tabacaria situada no lado oposto da via, indicando uma relação entre o Parque e o comércio do

entorno, situação que pôde ser observada em diferentes trechos.

Na quadra seguinte há maior diversidade de equipamentos e mobiliários. Uma ATI, duas quadras cobertas, um pequeno parque infantil, dois campos de futebol (Figura 22) e um quiosque onde funciona um bar, são os principais elementos desse segmento. Estes contribuem para dinâmicas e usos bastante diversificados. Nos períodos já citados em que ocorre a prática de caminhada, é comum observar a utilização da ATI. Enquanto as quadras cobertas possuem dinâmica própria, servindo tanto à prática esportiva para que foram projetadas, futebol de salão e basquete, como também, de ponto de encontro entre jovens e, eventualmente, como pista de *skate* devido a excelente regularidade de seu piso, o quiosque do bar tem seu uso mais frequente entre o final de tarde e o avançar da noite. Os campos de futebol também se enquadram nessa lógica de horários, pois são usados tanto como escola de futebol, como para lazer, a partir do aluguel para usuários em geral.

Figura 22. Vista parcial campo de futebol no Parque do Povo, Presidente Prudente



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Cartograma 9. Parque do Povo entre avenidas Celestino Figueiredo e João Gonçalves Foz



Fonte: Elaborado pelo autor.  
 Dados: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente.

A quadra seguinte (Cartograma 7) é a de uso mais intenso e diversificado de todo o Parque, pois possui grande quantidade de equipamentos e mobiliários. Sua implantação se deu em quatro diferentes níveis. Na parte superior ficam os quiosques destinados à venda de produtos alimentícios e bebidas, onde a maior concentração de usuários pôde ser observada aos domingos, entre as 17 e 22 horas, prevalecendo famílias e jovens. Há certa variedade na oferta de produtos, pastel, açaí, água de coco, entre outros. Em um nível um pouco abaixo fica localizado o parque infantil. Apesar de haver outras áreas com brinquedos, é nesse trecho em que há a maior diversidade e concentração, fomentando uma frequência mais intensa de usuários. Segue uma dinâmica mais geral de uso do Parque, com maior quantidade de usuários nos fins de tarde, principalmente aos domingos. Nos finais de semana é ofertado às famílias alguns brinquedos infláveis, como escorregador e pula-pula, além de cama elástica. Isso contribui ainda mais para a concentração de famílias nesta área (Figura 23). Portanto, o uso do parquinho infantil e quiosques se articulam e se retroalimentam.

Figura 23. Vista parcial Parque do Povo – parque infantil, Presidente Prudente



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Ainda neste nível, ocorrem eventualmente, apresentações artísticas. Podemos observar em diferentes finais de semana, a apresentação de música e um pequeno espetáculo circense promovido pelo Coletivo Cultural do Galpão da Lua (Figura 24). Estes eventos são abertos e totalmente gratuitos e, devido ao seu conteúdo, acabam também interagindo com as demais atividades do entorno, atraindo famílias que estavam nesta área pelo parque infantil e/ou pelo consumo nos quiosques.

Figura 24. Vista parcial Parque do Povo – evento cultural, Presidente Prudente



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2017).

Mais abaixo há uma pista de ciclismo, porém seu uso é mais diversificado. Há uso por ciclistas e eventualmente pedestres. Nos dias de semana foi possível observar seu canteiro central sendo utilizado para treinos, enquanto nos finais de tarde dos domingos essa área é parcialmente ocupada por jovens em atividade de descanso, contemplação e interação. Nas tardes de domingo, esta área e, principalmente, no nível mais abaixo, há uma grande quantidade de jovens reunidos para esses fins. Muitas vezes sentados na grama ou em cadeiras de praia, reunidos em torno de um *narguilé*, eles conversam, fumam e dançam, quase sempre ao som de *funk* que sai de caixas portáteis trazidas pelos mesmos (Figura 25). Próximo ao pôr do sol, essa concentração de jovens alcança sua maior quantidade.

Figura 25. Vista parcial do Parque do Povo – encontro de jovens, Presidente Prudente



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2017).

Ainda nesta quadra do Parque, está a pista de *skate*, utilizada preponderantemente por jovens, sendo que a maior intensidade de uso também ocorre nas tardes de domingo. Ao lado da pista, pudemos observar que esporadicamente ocorre evento de música eletrônica, realizado por um grupo de *djs* independentes. Além deste evento, a Virada Cultural e outros *shows* promovidos pela Prefeitura Municipal também são realizados nesta quadra. Este trecho ainda possui duas pequenas quadras esportivas, uma de futebol e outra de vôlei, que possuem

uma frequência de uso semelhante às outras áreas do Parque. Quando nos aproximamos da Avenida Celestino Figueiredo, observamos grupos de jovens sentados nas calçadas em cadeiras de praia, fumando *narguilé*, bebendo tereré e/ou outros tipos de bebidas, enquanto observam o movimento de carros e pessoas. Essa mesma prática acontece com certa frequência na quadra seguinte.

A quadra seguinte se caracteriza pela baixa presença de equipamentos e mobiliários, composta apenas por uma ATI e um parque infantil. Portanto, seu uso também é menos intenso, quase limitado a esses equipamentos, principalmente aos domingos. Por isso, nesta área, o uso do Parque do Povo para caminhada ou corrida se destaca. Isso ocorre principalmente pela manhã e finais de tarde, com maior intensidade neste último período, durante toda a semana. Aos domingos, há também uma quantidade significativa de usuários sentados e deitados na grama sobre lençóis no talude que divide o parque do Centro Olímpico. Ao final desta quadra, há a Praça do Centenário, inaugurada em 2018, que possui uma linguagem que se diferencia do restante do Parque, seja pela jovem vegetação ainda baixa, ou pela predominância de área impermeável. Nesta parte pudemos observar educadores físicos orientando treinos nos dias de semana (Figura 26), além de um público bastante diversificado.

Figura 26. Vista parcial Praça do Centenário, Presidente Prudente



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Cartograma 10. Parque do Povo entre avenidas João Gonçalves Foz e Manoel Goulart



Fonte: Elaborado pelo autor.  
 Dados: Prefeitura Municipal de Presidente Prudente.

O terceiro e último segmento do Parque que analisamos compreende o trecho entre as avenidas João Gonçalves Foz e Manoel Goulart (Cartograma 8). Devido à intensa relação com o Parque, incluímos em nossas análises a Praça do Vale. Este segmento se caracteriza pela quase inexistência de equipamentos e pela implantação de alguns órgãos municipais ocupando parte do espaço do Parque. No início da quadra há um banheiro ao lado de um posto da Polícia Militar desativado nos últimos meses. Na sequência, há o quiosque de *wi-fi*, onde há certa concentração de jovens nos horários de maior utilização do Parque. Esse movimento se intensifica quando há ocorrências ligadas ao jogo Pokémon Go, pois trata-se de um local onde podem ocorrer as batalhas virtuais que atraem jogadores (Figura 27). Em seguida, há um estacionamento em que pudemos observar três diferentes usos. Em uma sexta feira, no início da noite, um pequeno encontro de automóveis antigos. Este local também é usado pelo “trenzinho” (veículo de passageiros destinados à passeios infantis) para o embarque e desembarque, atraindo em determinados períodos, uma grande quantidade de famílias. E uma terceira dinâmica pode ser observada nessa

área, desde a abertura de um novo bar, há uma concentração de jovens em ambos os lados da via, principalmente às sextas e sábados após às 20 horas (Figura 28) , gerando uma relação intensa entre o bar e o Parque. Essa mesma interação também ocorre em alguns domingos específicos na frente de um estabelecimento mais próximo à Avenida Manoel Goulart. Portanto, nestes casos, o Parque torna-se quase uma extensão dos estabelecimentos, porém há alguns indícios de serem públicos distintos, principalmente no primeiro caso. Consideramos como indícios dessa diferenciação o som dos automóveis no estacionamento do Parque, o consumo de bebidas compradas fora do estabelecimento de frente e o consumo de *narguilé*.

Figura 27. Vista do quiosque do wi-fi com concentração de jogadores do Pokémon Go.  
Parque do Povo, Presidente Prudente



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018).

Figura 28. Vista parcial do estacionamento e concentração de jovens em frente ao novo bar. Parque do Povo, Presidente Prudente



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2019).

Ao lado do estacionamento, há alguns mobiliários destinados à prática esportiva que acabam atraindo usuários. Ao longo desta quadra, também pudemos observar o oferecimento de treino por profissional de Educação Física e treino de líderes de torcida universitária. Na parte superior, mais próxima à Avenida Onze de Maio, há um platô que tem um uso esporádico. Nesta área, observamos famílias e jovens fazendo piquenique e profissionais realizando ensaio fotográfico.

Na proximidade da Avenida Manoel Goulart, se destaca a grande frequência de jovens dedicados ao lazer noturno. Essa dinâmica ocorre principalmente às sextas-feiras, a partir das 19 horas, e tem sua concentração máxima por volta das 22 horas<sup>15</sup>. Esse público acaba realizando um fluxo que conecta esse setor do Parque, o Prudenshopping e a Praça do Vale<sup>16</sup>. Na Praça do Vale, às sextas, a partir das 20 horas, ocorre a Batalha do Vale, um encontro de MCs (Mestre de Cerimônia) que realizam batalhas de rima de *rap* no seu anfiteatro, gerando uma interação entre os dois públicos, aqueles que

<sup>15</sup> Tal dinâmica é alvo de atenção nos trabalhos de Hermoso (2018) e Barreto Netto (2016).

<sup>16</sup> Nome popular dado à Praça Oscar Figueiredo Filho.

diretamente envolvidos com a Batalha e aqueles que vieram para o lazer (Figura 29 e 30).

Figura 29. Vista do anfiteatro pouco antes da Batalha do Vale. Praça do Vale, Presidente Prudente



Fonte: Arquivo pessoal do autor (2019).

Figura 30. Vista do anfiteatro durante a Batalha do Vale. Praça do Vale, Presidente Prudente



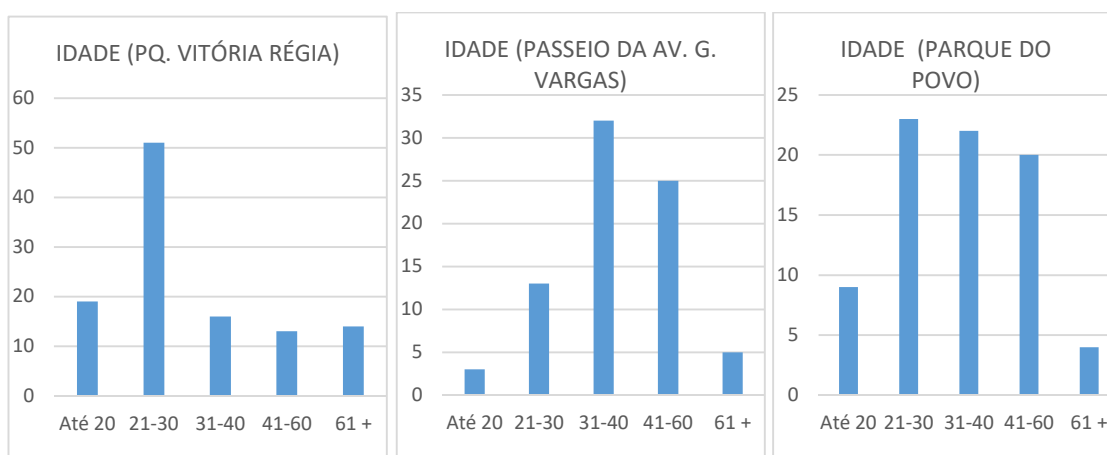
Fonte: Arquivo pessoal do autor (2019).

Destacamos nessa seção do capítulo as dinâmicas mais gerais, algumas mais localizadas e outras que ocupam toda a extensão do Parque, entre elas, a prática de caminhada ou corrida, principalmente nos finais de tarde e início de noite e domingos pela manhã. Foi nessa atividade que encontramos a maior quantidade de usuários moradores de loteamentos fechados. No próximo capítulo, apresentamos nossas reflexões e embasamento teórico para proposição de uma metodologia que nos permitisse identificar as principais motivações que atraem esses cidadãos para a utilização do espaço público.

### 3.4 Identificando os usuários e suas principais relações com o espaço

Os principais objetivos esperados ao aplicarmos as enquetes foram: fornecer subsídios para elaboração do roteiro de entrevistas, colaborar na análise das respostas dos entrevistados e verificar em que medida seria possível encontrar usuários dos espaços pesquisados, residentes em espaços residenciais fechados. Porém, as respostas obtidas nesse procedimento merecem atenção também em função das semelhanças e diferenças encontradas entre os três espaços pesquisados. Cabe ressaltar que as respostas, organizadas em gráficos, não correspondem a uma distribuição equivalente estatisticamente, pois nosso objetivo não era desvendar o perfil de usuários das áreas, mas confirmar ou não a nossa hipótese de utilização das áreas de pesquisa por moradores de espaços residenciais fechados de alto padrão.

Figura 31. Resultado referente à idade dos(as) respondentes das enquetes

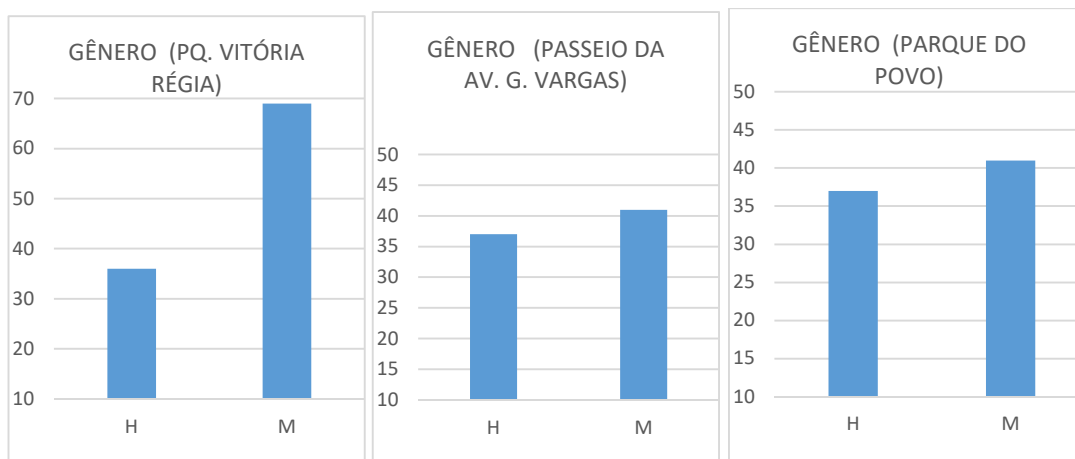


Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

Quanto à idade dos colaboradores, fica demonstrado o perfil mais jovem daqueles que utilizam o Parque Vitória Régia, enquanto no passeio da Avenida Getúlio Vargas, temos um perfil médio um pouco mais velho. Isso se deve principalmente ao tipo de atividades principais que se pode realizar em cada uma das áreas. Como descrito na parte anterior, no Parque prepondera a utilização como espaço de contemplação e descanso, enquanto no passeio da Avenida Getúlio Vargas prepondera a utilização como espaço de caminhada e corrida. No Parque do Povo, encontramos maior diversidade nos perfis, o que

relacionamos à grande quantidade de possibilidade de atividades que o Parque oferece.

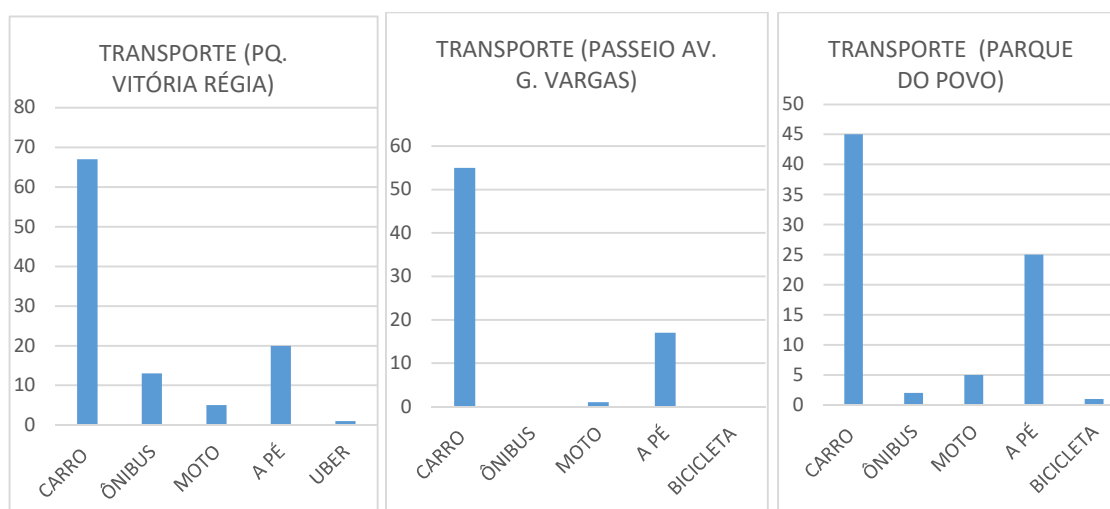
Figura 32. Resultado referente ao gênero dos(as) respondentes das enquetes



Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

Nos três espaços pesquisados houve maior número de colaboradoras mulheres, sendo a maior diferença encontrada no Parque Vitória Régia.

Figura 33. Resultado referente ao modo de locomoção dos(das) respondentes das enquetes

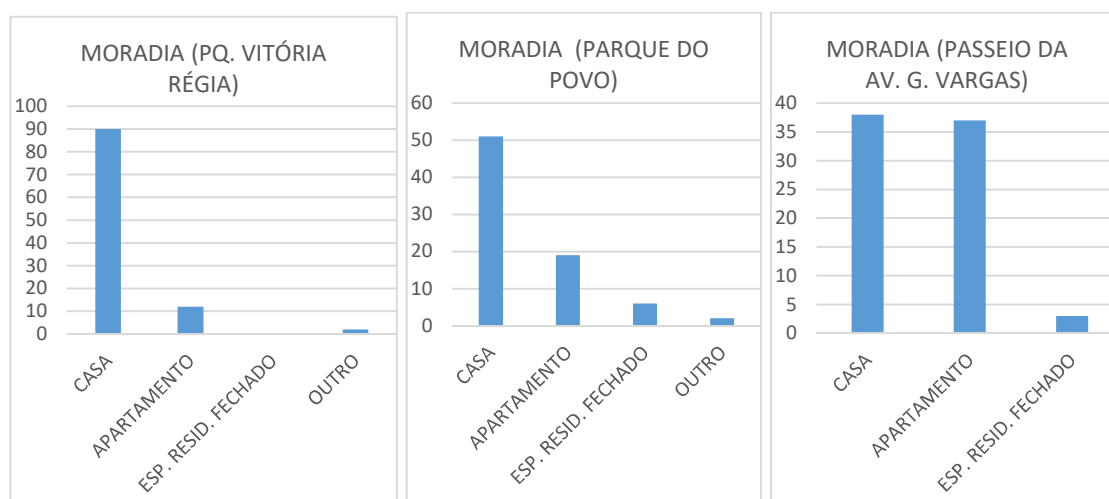


Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

Nos três espaços pesquisados a quantidade de usuários que se locomoveram até o local por carro supera em muito os demais meios de transporte. Vale destacar que o Parque Vitória Régia é aquele com maior número

de pessoas que se locomoveram de ônibus, enquanto no passeio da Av. Getúlio Vargas não encontramos nenhum colaborador que se locomovesse por esse meio de transporte. Podemos compreender que isso se deve tanto à quantidade de linhas disponíveis para acessar essas duas áreas, como também suas características e finalidades de uso. Parece pouco provável alguém se deslocar de ônibus para prática de caminhada em alguma área distante de seu local de moradia. Quanto ao Parque do Povo, cabe destacar a quantidade de pessoas que chegam a pé. Isso se deve tanto a localização mais central do Parque, quanto às dimensões das duas cidades e as atividades disponíveis.

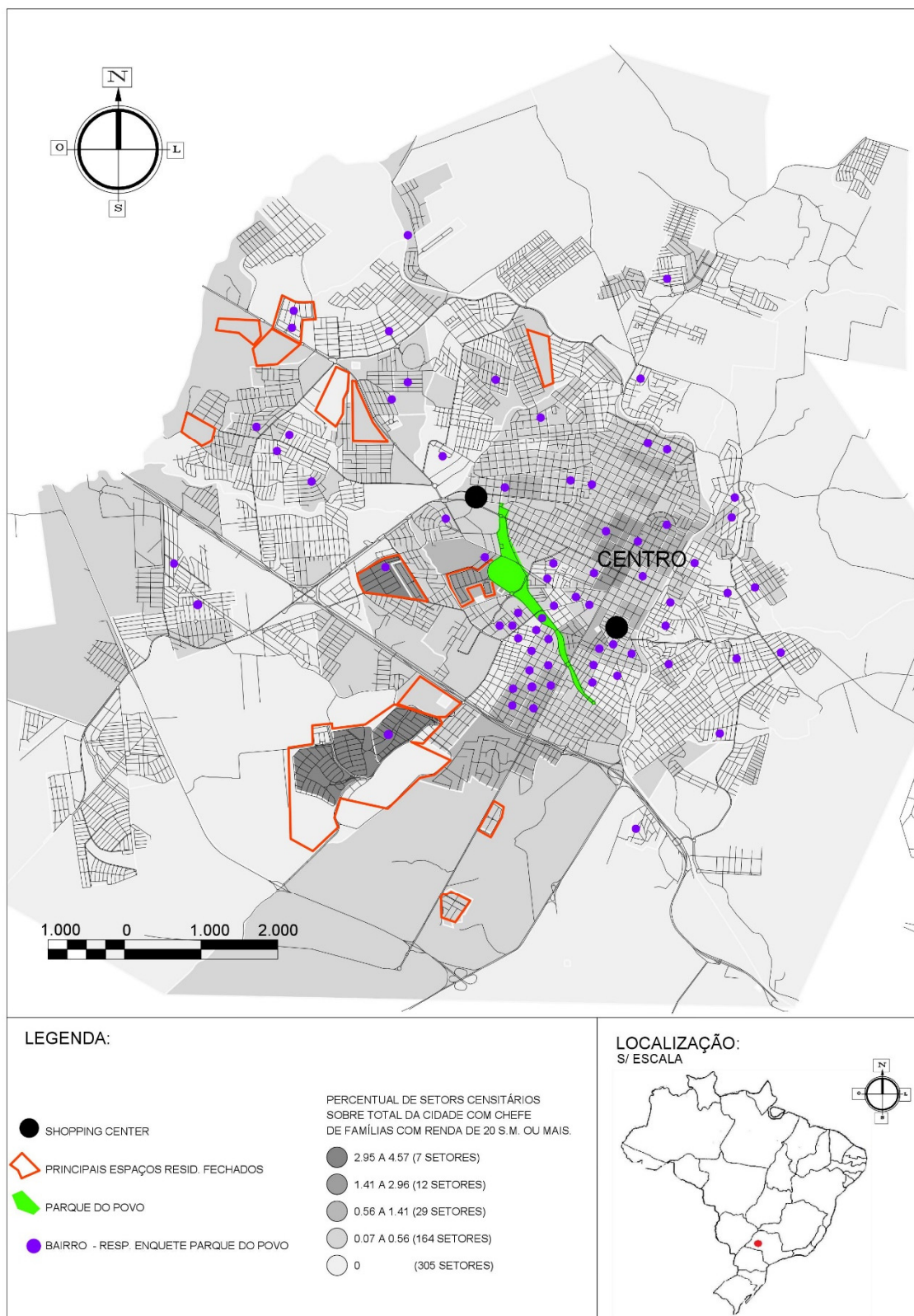
Figura 34. Resultado referente ao tipo de moradia dos(as) respondentes das enquetes



Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

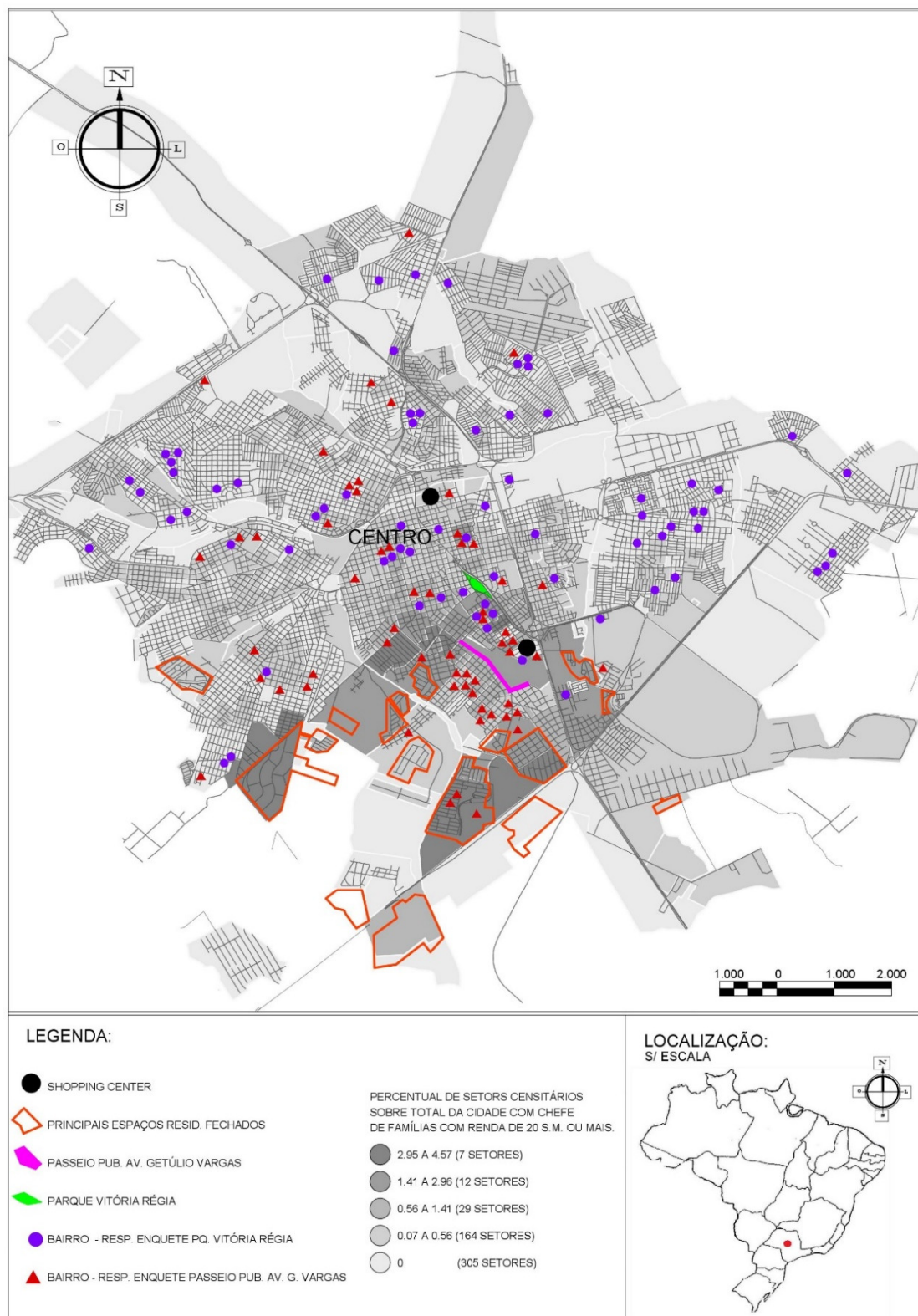
A partir das enquetes, pudemos observar que a utilização desses espaços pelos moradores de loteamentos fechados é bastante restrita. Mesmo buscando por esse perfil, no Parque Vitória Régia, não encontramos nenhum, enquanto no Parque do Povo e no passeio público da Av. Getúlio Vargas, foram encontrados alguns. Com essa constatação, nossa hipótese de que há presença dos sujeitos sociais pesquisados nesses espaços se confirmou, porém, com limitações.

Cartograma 11. Local de Origem e Renda (por Setor Censitário) – Frequentadores do Parque do Povo - Presidente Prudente



Fonte: Elaborado pelo autor. Dados: IBGE (2010).

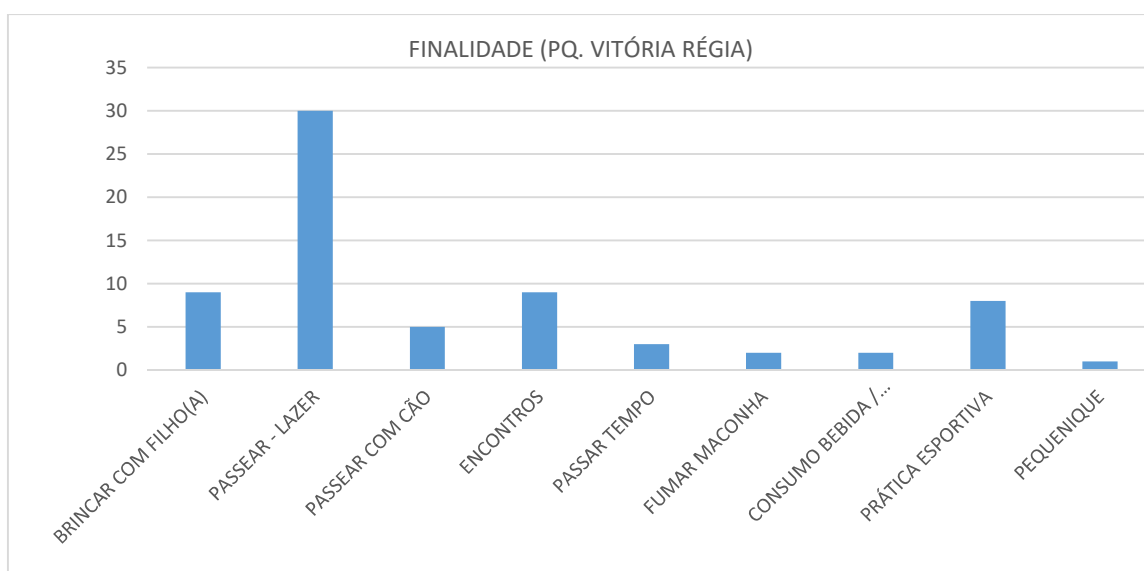
Cartograma 12. Local de Origem e Renda (por Setor Censitário) – Frequentadores do Parque Vitória Régia - Bauru



Fonte: Elaborado pelo autor. Dados: IBGE (2010).

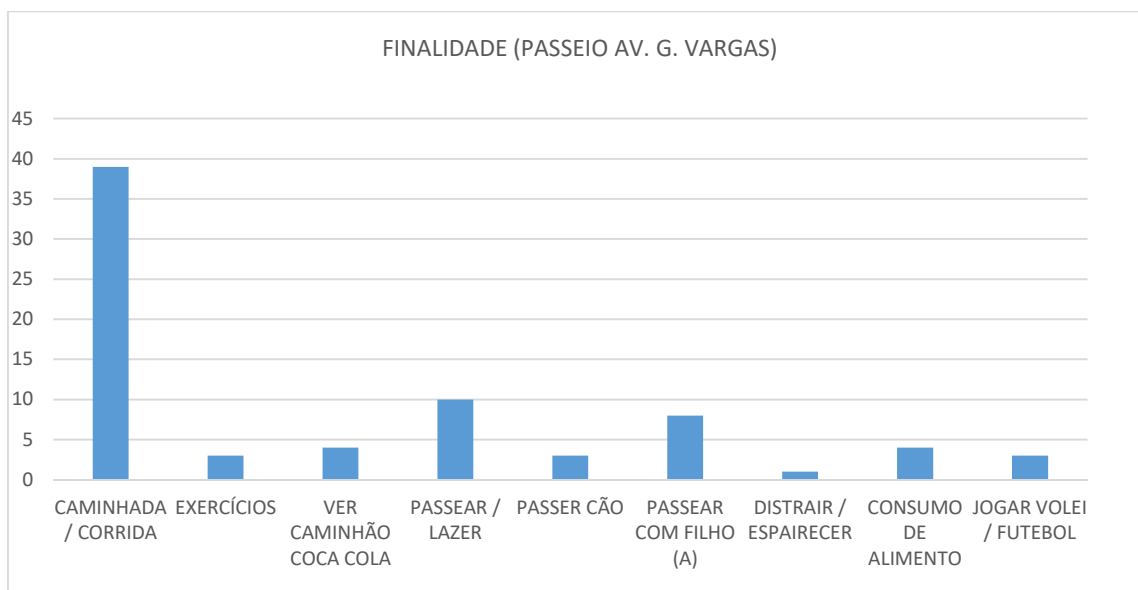
Nos Cartogramas 11 e 12 localizamos o espaço aproximado de moradia dos colaboradores que responderam às enquetes. Podemos observar que no Parque do Povo há uma relativa pulverização de frequentadores por toda a cidade, porém com maior concentração nas suas proximidades. O mesmo ocorre em relação ao passeio público da Avenida Getúlio Vargas. Em ambos os espaços, pudemos encontrar colabores que moram em espaços residenciais fechados. No Parque Vitória Régia houve menor concentração em relação à origem dos colabores e nenhum morador proveniente de espaço residencial fechado.

Figura 35. Resultado referente à finalidade da permanência dos(as) respondentes das enquetes no Parque Vitória Régia, Bauru



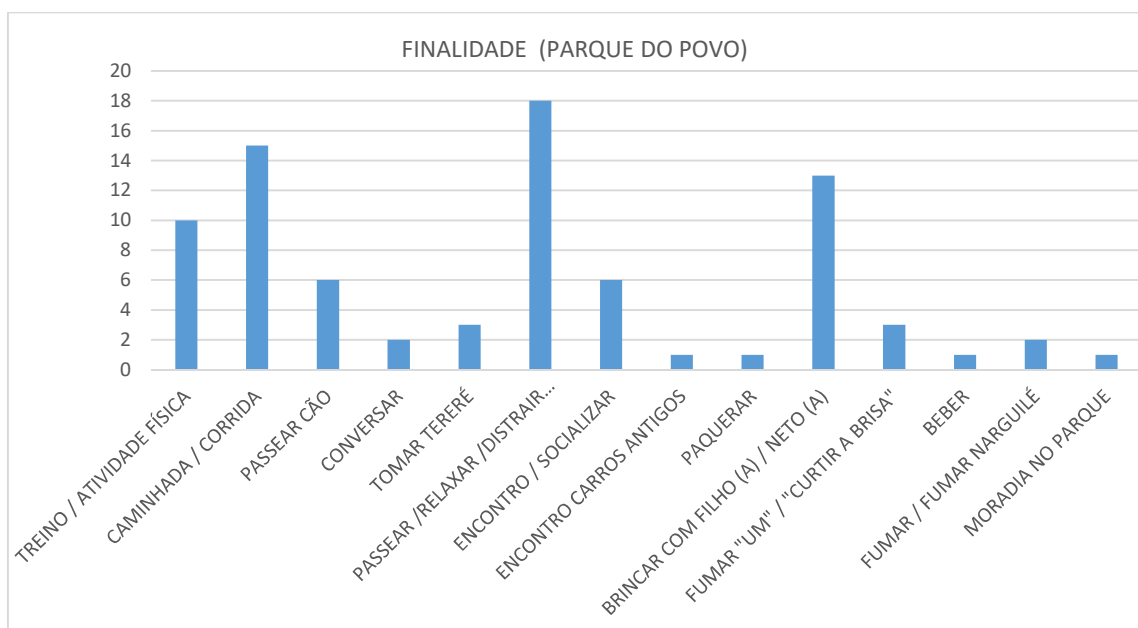
Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

Figura 36. Resultado referente à finalidade da permanência dos(as) respondentes das enquetes no passeio público da Avenida Getúlio Vargas, Bauru



Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

Figura 37. Resultado referente à finalidade da permanência dos(as) respondentes das enquetes no Parque do Povo, Presidente Prudente



Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

Os gráficos reforçam as informações que apresentamos anteriormente nesse capítulo, sobre as dinâmicas gerais das áreas pesquisadas, sendo o Vitória Régia mais voltado ao descanso e à contemplação, enquanto no passeio público da Avenida Getúlio Vargas preponderam as atividades de caminhada e

corrida. No Parque do Povo, as finalidades são mais diversificadas devido à grande oferta de equipamentos de diferentes usos.

Também buscamos identificar os elementos mais atrativos e mais rechaçados de cada uma das áreas. Consideramos que essa informação é bastante importante ao analisar as entrevistas. Para isso, nos concentraremos em duas principais colunas de respostas da enquete, “o que gosta” e “o que não gosta”, em cada um dos espaços públicos pesquisados.

Em uma primeira tentativa de sistematização dessas informações, fizemos uma subdivisão entre cinco tipos de respostas por nós consideradas como parâmetros: 1. projeto e desenho; 2. conservação e manutenção; 3. práticas espaciais; 4. sujeitos; 5. indefinido. Como nem sempre há precisão na adequação das respostas a tais parâmetros, tomamos o cuidado de contextualizar a resposta para dar a elas maior sentido, ao longo da análise.

O primeiro e o segundo parâmetros dizem respeito aos elementos físicos das áreas pesquisadas. Como “projeto e desenho” estamos considerando a presença ou falta de elementos materiais, problemas em sua implantação ou características físicas mais gerais. Por exemplo, “falta acessibilidade”, “falta água”, “falta arborização”, “amplitude”, “tamanho”. Como “conservação”, estamos considerando os elementos que são mencionados devido ao seu estado. Por exemplo, “calçamento”, “pavimento ruim”, “limpeza e cuidado”. As respostas ligadas ao tema da segurança, seja para o aspecto positivo, seja para o negativo, não se encaixam apenas em um dos parâmetros, portanto, faremos considerações à parte sobre elas.

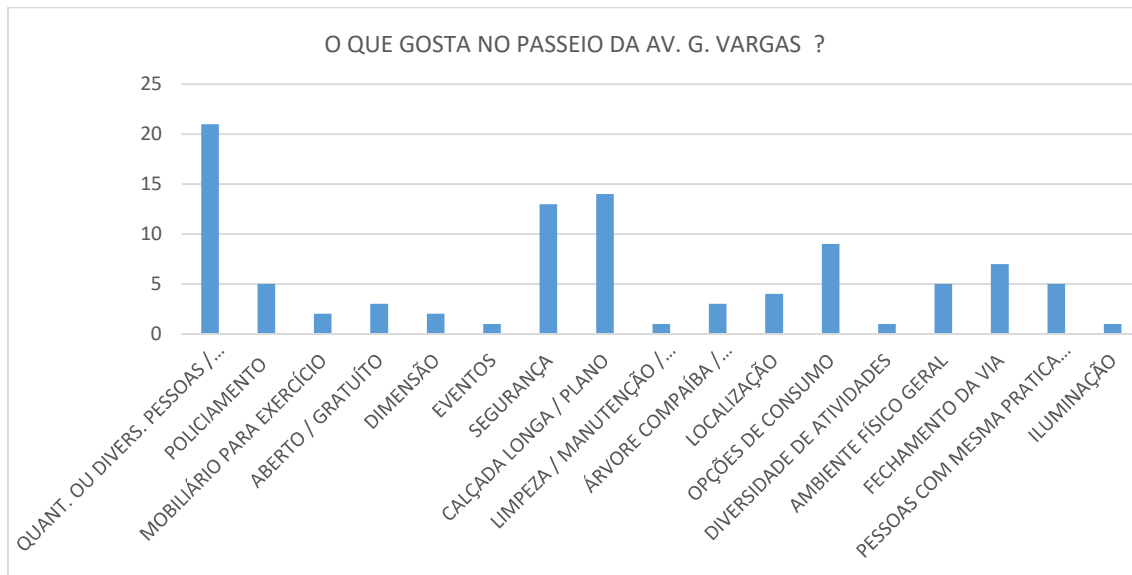
O terceiro e quarto parâmetros estão também relacionados. Porém, enquanto o terceiro diz respeito à atividade executada, o quarto diz respeito às respostas que mencionam o sujeito praticante da atividade ou determinado sujeito social específico. Para o terceiro, temos como exemplos “pessoas andando de bicicleta”, “pessoas que não recolhem a sujeira do cachorro”, enquanto para o quarto, temos como exemplos “maconheiro”, “nóia”, “pessoas diferentes”, etc.

Figura 38. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes gostam no Parque Vitória Régia, Bauru



Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

Figura 39. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes gostam no passeio público da Avenida Getúlio Vargas, Bauru



Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

Figura 40. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes gostam no Parque do Povo, Bauru



Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

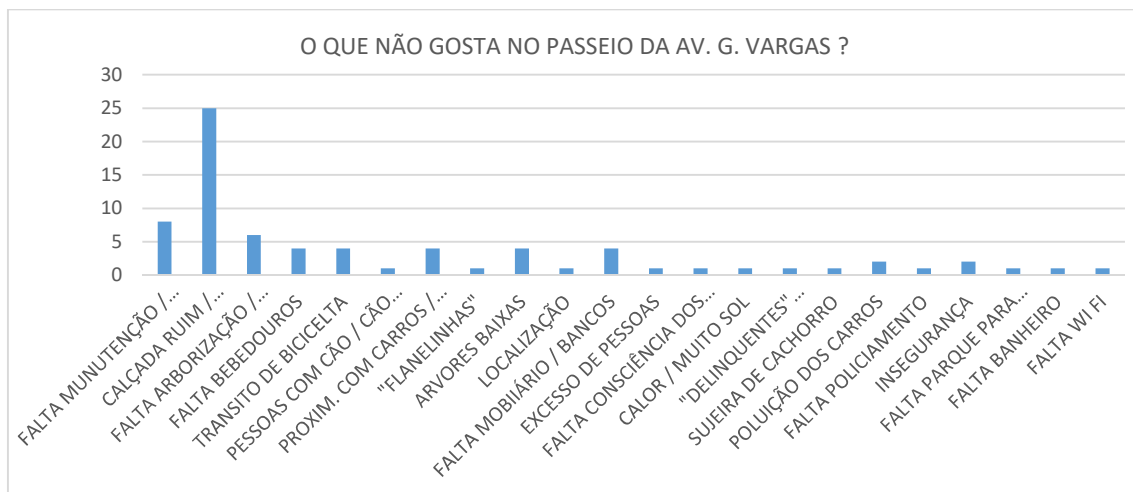
Entre as respostas para a pergunta “o que gosta?”, elas mencionam principalmente os aspectos físicos, dificultando a separação entre os dois parâmetros correspondentes: “conservação” e “desenho e projeto”. Mesmo assim, enquanto no Parque Vitória Régia e no Parque do Povo, as respostas se direcionavam para elementos ligados à massa vegetativa e à natureza, no passeio público da Avenida Getúlio Vargas foi exaltada a sua linearidade e falta de interrupção por vias destinadas aos automóveis. Nas três áreas houve muitas respostas positivas em relação à “diversidade de pessoas” ou afirmações de que gostam de vir para “ver gente”, sendo respostas mais encontradas no caso do passeio público da Avenida Getúlio Vargas.

Figura 41. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes não gostam no Parque Vitória Régia, Bauru



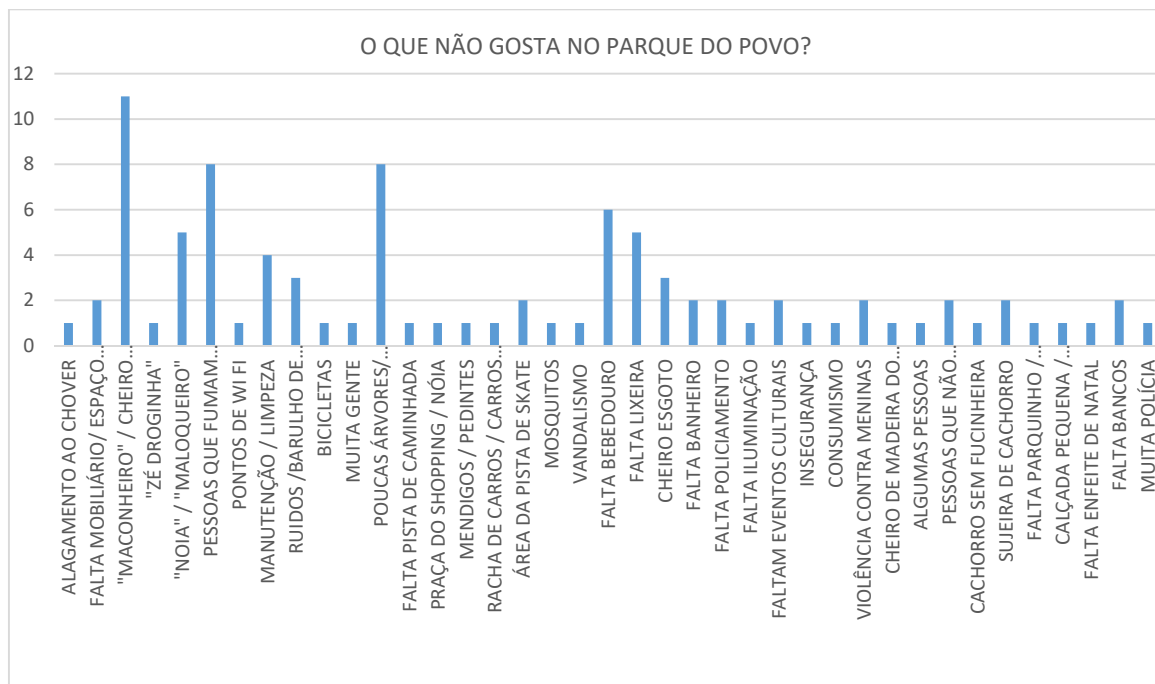
Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

Figura 42. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes não gostam no passeio público da avenida Getúlio Vargas, Bauru



Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

Figura 43. Resultado referente aos elementos que os(as) respondentes das enquetes não gostam no Parque do Povo, Presidente Prudente



Fonte: Produzido pelo autor. Dados: Enquetes de 2018.

Em relação à pergunta “o que não gosta?”, há maior discrepância entre as áreas. No Parque Vitória Régia, as respostas foram mais diversificadas. Grande parte delas elencavam os elementos físicos, sendo mais frequente “falta de manutenção”, “falta de lixeira” e “falta de banheiro”. Os comportamentos mais rechaçados foram em relação aos usuários que deixam lixo no Parque e àqueles ligados aos donos de cachorro, como no passeio da Avenida Getúlio. Algumas respostas também rechaçavam a presença do que chamavam de “nóias”<sup>17</sup>.

No passeio público da Avenida Getúlio Vargas, em relação à mesma pergunta, prevalecem respostas referentes aos parâmetros “conservação” ou “desenho e projeto”, sendo a maior crítica voltada ao estado de conservação do próprio passeio público.

<sup>17</sup> Gíria empregada para se referir, de modo pejorativo, às pessoas dependentes de drogas ilícitas.

Muitas respostas mencionaram comportamentos, como é o caso das disputas entre ciclistas e pedestres ou críticas aos donos de cachorro por não recolherem as fezes do animal, ou por não mantê-los em coleiras.

No Parque do Povo, algumas reclamações se repetem, como por exemplo, em relação à falta de banheiros e de manutenção. Sobre os comportamentos, além dos mencionados para o Parque Vitória Régia, houve muitas menções ao uso de drogas e também ao uso do *narguilé*. Ainda houve rechaço frequente à determinados sujeitos, chamados “nóias”, “maloqueiros”<sup>18</sup>, “maconheiro”<sup>19</sup>, “zé droguinha”<sup>20</sup>, etc.

Apesar de muitas respostas semelhantes terem sido obtidas nas três áreas, há diferenças importantes. A principal delas diz respeito ao conflito potencial entre sujeitos sociais que utilizam as áreas. Isso é mais evidente no Parque do Povo, em que suas dimensões e diversidade de equipamentos e mobiliários atraem uma grande diversidade de públicos. As menções a sujeitos específicos, mencionadas acima, demonstram uma certa tensão na ocupação do espaço do Parque. Apesar da aparente tranquilidade, diferentes grupos vivenciam pequenos choques identitários e comportamentais. Tais tensões também foram reconhecidas por Barreto Netto (2016, p.76), ao identificar que 29% dos jovens que frequentam o Parque relataram algum tipo de conflito a partir das diferenças, podendo chegar à agressão física.

A questão da insegurança e do policiamento também compareceu nas respostas obtidas, porém, enquanto alguns usuários se diziam inseguros e gostariam de um policiamento mais ostensivo, outros gostariam de maior liberdade. Alguns queixaram-se de ser sempre abordados pela Polícia Militar, das revistas de rotina. Nossa análise não pretende aprofundar nesse tema, porém observamos que a atuação das forças de segurança nesses espaços funciona como um modo de mediação entre os diferentes perfis de usuários e

---

<sup>18</sup> Gíria empregada para se referir, de modo pejorativo, às pessoas com estereótipos relacionados às práticas marginais.

<sup>19</sup> Gíria empregada empregada para se referir, de modo pejorativo, às pessoas usuárias de drogas ilícitas.

<sup>20</sup> Gíria empregada empregada para se referir, de modo pejorativo, às pessoas usuárias ou dependentes de drogas ilícitas.

deles com o espaço público de maneira mais geral, ao mesmo tempo em que evidencia a heterogeneidade dos frequentadores e corrobora a importância de se evitar qualquer idealização em relação à uma suposta harmonia, possibilitando sua caracterização como “lugar de conflito e dissenso, de encontro com o outro, da alteridade e da diversidade, mas também a dimensão da convivialidade, de uma urbanidade no sentido urbanístico de espaços livres abertos, de visibilidade e acessibilidade irrestritos” (DIMENSTEIN; SCOCUGLIA, 2014, p.418).

## **4 DO ENCLAVE FORTIFICADO AO ESPAÇO PÚBLICO**

Neste capítulo, apresentamos a análise dos resultados de dois principais procedimentos metodológicos: as entrevistas e os Percursos Comentados. Iniciamos pelas entrevistas que fizemos com dezesseis diferentes cidadãos moradores de espaços residências fechados. Posteriormente, apresentamos as fichas elaboradas a partir do Percorso Comentado e, por fim, as interpretações e análises sobre tais Percursos.

### **4.1. O discurso dos autosegregados e a cidade**

Os parágrafos seguintes foram estruturados de acordo com o roteiro das entrevistas realizadas com moradores de espaços residenciais fechados que frequentam duas das áreas pesquisadas<sup>21</sup>, estando agrupados pelos seguintes temas: 1. motivação para a mudança e segurança, 2. frequência aos diferentes espaços urbanos, 3. uso de espaços públicos de lazer e 4. idealização de espaços públicos.

A maior parte dos entrevistados apresentou a violência como a principal motivação para a mudança para loteamentos fechados, porém, relatou poucas experiências de violência em suas casas para justificá-la<sup>22</sup>. Na maior parte das vezes, foram citados furtos ocorridos quando os entrevistados não estavam em suas casas. Houve, inclusive, quem apontou a segurança como motivação, porém afirmou nunca ter tido nenhum problema, como foi o caso da Janaína (59 anos, Residencial Estoril V, Comerciante, Bauru) que disse: “nunca entrou um ladrão. (...) Nem pichar muro, picharam”.

O discurso sobre criminalidade acaba sendo mais presente que as experiências próprias, demonstrando que o medo vai sendo produzido a partir de elementos comunicacionais em maior medida que as experiências pessoais. Nesse sentido, corroboramos as proposições de Caldeira (2003) sobre a “fala do crime” que organiza o mundo, mesmo que nossos entrevistados não tenham um caso para contar que seja determinante na elaboração de um antes e um depois

---

<sup>21</sup> Como já foi mencionado, não encontramos moradores de espaços residenciais fechados que frequentem o Parque Vitória Régia, em Bauru.

<sup>22</sup> Nesse sentido, corroboram os resultados encontrados por Sposito e Góes (2013) em outras cidades médias paulistas.

de tal ocorrência. Nesse sentido, é significativo o caso de Mônica (34 anos, Empresária, Chácara Odete – Bauru), que relata casos de assaltos e até sequestro na proximidade de seu espaço anterior de residência, contudo, sua experiência limitou-se ao furto do seu veículo na garagem. O medo dessa entrevistada é tal que, ao estabelecer moradia em um espaço residencial fechado, se direcionou para uma residência que não estivesse justaposta ao muro, pois acredita que essas são mais vulneráveis.

O único caso citado de assalto com abordagem violenta ocorrida antes da mudança para o espaço residencial fechado foi de Camila (35 anos, empresária, Resid. Villa Lobos – Bauru), porém o ocorrido se deu na proximidade da faculdade onde estudava seu namorado, sem nenhuma relação com o espaço de residência.

Em contrapartida, houve relatos de violência posterior à mudança para o espaço residencial fechado. Matheus (43 anos, empresário, Resid. Recanto dos Nobres – Bauru) relatou um assalto ocorrido em sua casa, no qual ficaram rendidos por assaltantes por algumas horas. Natasha (28, advogada, Resid. Villaggio II) também relatou a invasão de sua casa enquanto dormia, porém não teve contato com o ladrão. Eduardo (53, comerciante, Cond. Jardins do Sul – Bauru) relatou um assalto ocorrido com outro morador. A partir dessas informações, podemos identificar indícios de que a vida interna aos muros não garante uma segurança tão superior aos demais espaços urbanos<sup>23</sup>, porém, para confirmar isso, seria necessário uma pesquisa mais profunda apenas sobre esse tema.

Cabe destacar também que dois entrevistados, um em cada cidade, atribuíram como motivação de construir no “condomínio” o investimento econômico rentável, demonstrando uma característica frequente entre famílias de classe média, importante para que se compreenda a produção do espaço urbano. Nestes casos, a segurança do “condomínio” aparece como um elemento secundário, porém atrativo.

---

<sup>23</sup> Tal como já observado por Caldeira (2003) e Sposito e Góes (2013), por exemplo.

Em relação à diferenciação e ao afastamento dos indesejáveis como motivador para a mudança para os espaços residenciais fechados, eles praticamente não compareceram nas entrevistas. Apenas Eduardo (53, comerciante, Cond. Jardins do Sul) elencou como um dos motivos a ausência de “pedintes”. Contudo, nossas respostas não chegam a se contrapor aos resultados obtidos por Caldeira (2003) e Goes e Sposito (2013) no que diz respeito à essa motivação, pois nossa pesquisa não pretendeu se aprofundar nessa questão.

Quanto ao tema 2, frequência aos diferentes espaços urbanos, mais uma vez nossa pesquisa se alinha aos resultados encontrados por Sposito e Góes (2013) e Dal Pozzo (2015), ao confirmar uma redução da utilização da área central por nossos entrevistados. A preferência por *shopping center* e eixos viários específicos se mostraram preponderantes nas respostas obtidas por nós.

Em relação aos espaços públicos de lazer, o nível de ruptura ou de segmentação socioespacial se mostrou menor que em relação aos espaços de consumo, indicando que a cidade, como produto da economia capitalista, possui nuances em sua segmentação de acordo com a intensidade com a qual se insere nesta lógica de produção. Ou seja, as áreas que estão inseridas nas lógicas de consumo - moradia, comércio e serviços - estão mais imbricadas à lógica de segmentação socioespacial que as áreas de uso público e gratuito. Esta tendência fica mais explícita quando comparamos a utilização dos espaços públicos de lazer pelos moradores dos loteamentos fechados com o consumo de lazer noturno. Neste segundo, a segmentação mencionada se evidencia.

As práticas espaciais ligadas ao consumo e lazer se mostraram bastante relacionadas aos espaços de moradia, juntamente com a segmentação de classe, pois parte dos entrevistados descreveu uma paulatina mudança de seus locais de consumo e lazer, após a mudança para o espaço residencial fechado.

A maior parte dos entrevistados ainda frequenta os espaços públicos, porém, nenhum afirmou utilizar o Parque Vitória Régia, exceto um entrevistado que informou frequentar o bar que ocupa as calçadas do Parque para a

colocação de mesas. Desse modo, o entrevistado utiliza o Parque indiretamente, através do consumo em tal bar.

O passeio público da Avenida Getúlio Vargas é usado eventualmente, assim como o Parque do Povo. Nossos entrevistados responderam que na maior parte das vezes, a utilização é para atividades físicas e, com menor frequência, aqueles que ainda têm filhos pequenos, utilizam para o lazer dos mesmos. Contudo, a maioria dos entrevistados afirmaram utilizar com maior frequência a área de lazer interna ao “condomínio”.

Os aspectos continuidade, relativa planície e encontro com pessoas foram elencados como principais motivos para a utilização do passeio público da Avenida Getúlio Vargas e do Parque do Povo. Neste último, ainda foi bastante mencionada a ampla presença de área verde, enquanto no primeiro, a ausência de interrupção do passeio público para a passagem de carros foi valorizada. Desse modo, se observa que, apesar do grande investimento dos agentes imobiliários na produção de espaços de lazer com alta qualidade, alguns elementos dos espaços públicos não podem ser substituídos ou reproduzidos nessas áreas internas dos espaços residenciais fechados.

Ao solicitarmos que refletissem sobre o espaço público ideal, apresentando suas características, os entrevistados citaram segurança, banheiros, boa manutenção, arborização/natureza, equipamentos esportivos, iluminação, afastamento dos veículos, oferta de alimentos por vendedores ambulantes etc. A maior parte indicou que esse espaço deveria ser aberto, acessível a todos. Outros, em Presidente Prudente, fizeram uma aproximação com as características do Parque do Povo, sugerindo que este pouco difere desse ideal<sup>24</sup>, o que corrobora as críticas atuais feitas em relação à tese da “morte” e/ou “crise” dos espaços públicos (SOUZA, 2018, p.183), assim como indica a necessidade de se atentar para as mudanças ou “novas finalidades” à eles atribuídas, tal como proposto por Souza (2018, p. 204).

---

<sup>24</sup> Um dos colaboradores com os quais fizemos o “percurso comentado” no Parque do Povo, em Presidente Prudente, empregou a expressão “lugar ideal”, para se referir ao mesmo.

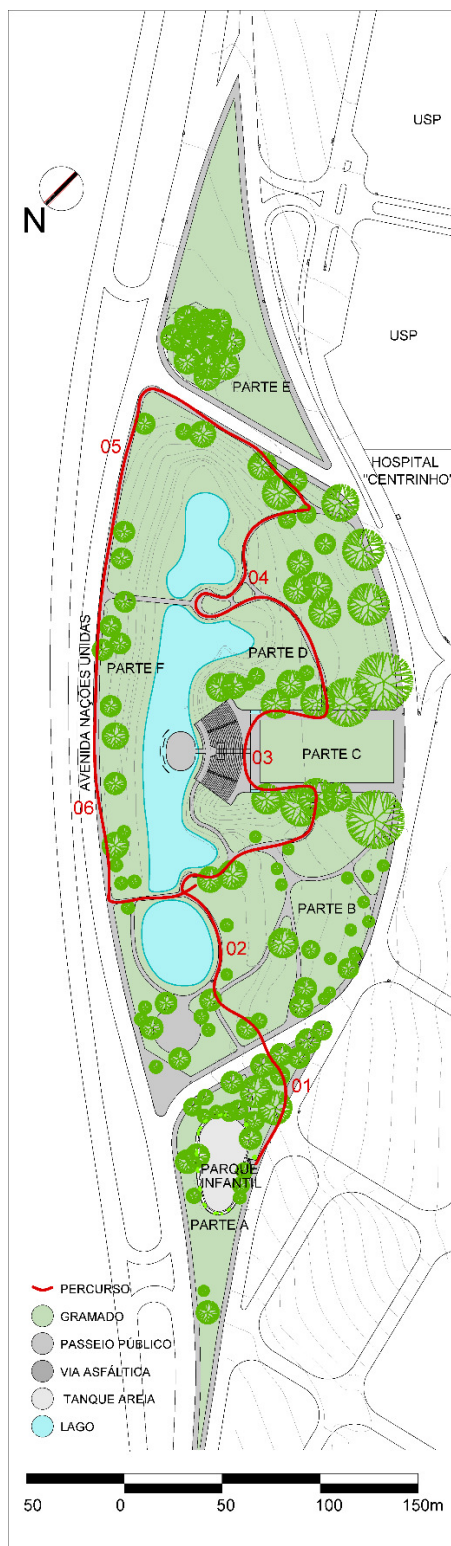
## **4.2. Percurso Comentado**

.Nesta parte do trabalho, apresentamos os Percursos Comentados realizados com oito diferentes moradores de espaços residenciais fechados, sendo três, no passeio público da Avenida Getúlio Vargas, sempre durante o dia, dois deles no período de maior utilização da área, e um com um fluxo bastante reduzido de pessoas, num sábado pela manhã. Quanto aos colaboradores, foram Marcelo (47, designer, Residencial Primavera), Matheus (43, empresário, Residencial Recanto dos Nobres) e Janaína (59, comerciante, Residencial Estoril V). No Parque Vitória Régia realizamos dois Percursos Comentados. Nossas colaboradoras foram Mônica (34, empresária, Chácara Odete) e Carolina (42, engenheira civil, Chácara Odete). Ambos foram realizados em finais de semana, por volta das 18:00 horas, o primeiro num domingo e o segundo num sábado. No Parque do Povo, foram realizados Percursos Comentados com três cidadãos, moradores de três diferentes loteamentos fechados: Irene (24, estudante, Parque Residencial Damha I); Pedro (64, aposentado, Jardim João Paulo II); Daniel (31, supervisor de vendas, Residencial Jatobá).

#### 4.2.1. Parque Vitória Régia

### Cartograma 13 . Percurso Comentado no Parque Vitória Régia com Mônica (34, Chácara Odete, Bauru)

Data: 20.01.2019 / Hora 18:00



Fonte: Elaborado pelo autor.

**01** - Olha o parquinho. A gente já veio aqui várias vezes trazer as crianças. Tem época que a pontezinha de madeira está quebrada. E o parquinho é o lugar mais movimentado daqui. A grande questão ali é a falta de cuidado. É um parquinho legal que tem bastante brinquedo. Tem o sorveteiro. Mas, é muito mal cuidado.

**02** - Acho que de positivo é a arborização. Em um dia de outono ou primavera, que não esteja tão quente, dá pra trazer uma toalha e fazer um piquenique. Já vi várias pessoas fazendo. Acho ótimo. É bem espalhado, diferente da praça, que era o lugar que eu frequentava. Lá era pequeno, então você não consegue fugir do que está acontecendo. São várias opções. Se tiver gente onde você estava pensando em ficar, você fica em outro lugar. Tem muito lixo. Mais que na praça. As pessoas não têm essa noção de zelo pelo patrimônio público. Tem pichação. Poderia estar mais bem cuidado. Mas, eu adoro ver toda essa movimentação: uns caminhando, outros sentados, uns com crianças, outros com namorados. Eu gosto de lugares assim.

**03** - Eu gosto de vir aqui e só ficar olhando. Sempre tem gente. Essa diversidade que eu gosto. Tem gente com cachorro, tem de tudo aqui. De manhãzinha sempre tem gente fazendo exercício. Tem o barulhinho da água, é um lugar bem gostoso. Principalmente pra quem mora em prédio, isso aqui é uma delícia. A gente vinha de domingo de manhã. Sentir a brisa, ver o sol, andar na areia... Coisas que sempre gostamos e que a vida na cidade te impede de praticar isso. Criança acha o que fazer aqui, porque dá pra escalar árvore, dá pra subir e descer escada, dá pra descer o morro, dá pra jogar plantinha para o peixinho, dá pra ir no teatro, dá pra ir no playground. Tem bastante atividade.

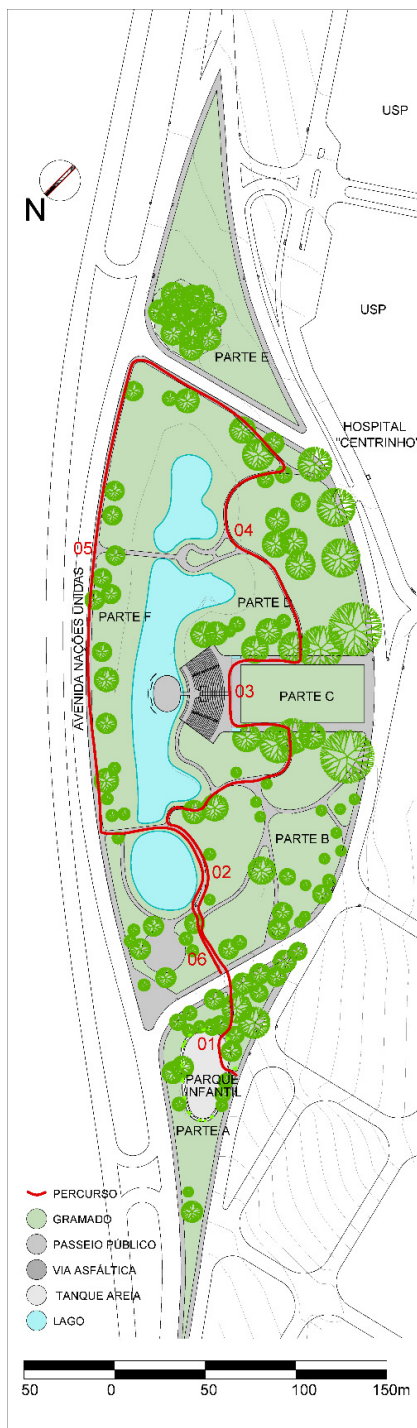
**04** - De negativo o problema é a grama alta, esse monte de mato na beira do rio. Pode ser um pouco perigoso. Eu nunca viria aqui a noite. Não viria sozinha, mesmo de dia. Não traria as crianças sozinha. A gente já viu gente se escondendo nesse mato alto pra fazer transação de droga. É um lugar aberto ao público, e todo tipo de público. Eu me sinto um pouco vulnerável aqui. Mesmo assim é um lugar super agradável. Tem sombra. Tem vento. Tem água. Tem passarinho. Tem tudo. Bem localizado. Tem bar, barraquinha. Posso fazer muitas atividades. É super completo.

**05** - Esse era um lado que eu quase não vinha. Eu só vinha desse lado antes de ter filho. Meu filho tem sete anos, então fazia muito tempo que não vinha sozinha. Eu só vinha quando caminhava. Com as crianças acho perigoso por ser muito perto da rua. Aqui não tem muita atividade para as crianças.

**06** - Eles estão na pontinha. Eu me lembro de fazer isso em Itápolis, jogar a folhinha de um lado e ver passar do outro. Eles ficariam quatro horas aqui entretidos sem nenhuma tecnologia. Eu gostaria que aqui fosse um lugar mais bem cuidado, mais seguro e que eu pudesse usar mais. É um lugar lindo, tinha tudo para ser um cartão postal se fosse um pouco mais bem cuidado.

## Cartograma 14 . Percurso Comentado no Parque Vitória Régia - Carolina (42, Chácara Odete, Bauru)

Data: 26.01.2019 / Hora 18:10



Fonte: Elaborado pelo autor.

**01** – Penso que o aspecto negativo é que sendo um lugar público está em contato com uma violência que é cada vez maior. É difícil ter uma manutenção excelente. Mas é mais positivo que negativo.

Não (viria no parquinho infantil). Acho aqui muito aberto. Por causa dos carros. Por causa do que acabou de acontecer<sup>25</sup>. E tenho outras opções. O condomínio ou Bosque da comunidade.

**02**- Gosto porque é arborizado. Porque tem o lago. O calçamento não é muito bom. Para quem tem problema de mobilidade é complicado. Ser bem arborizado, ter o lago e trajeto curvilíneo é bastante positivo. E faltam bancos.

**03**- Os banheiros também não são conservados. Ficaram abandonados. Não tem uma rampa para acessibilidade.

Aqui, eu sempre achei lindo. Esse anfiteatro ao ar livre. É um formato que agrega. Tem uma acústica boa. É o cartão postal de Bauru. Agrega a comunidade quando tinha as apresentações.

**04** - Esse lado acho mais triste porque o lago assoreou. O lago era oxigenado. Aqui não está descuidado, mas é menos cuidado. O calçamento está bem mal conservado e não está preservado o original. A água também parece estar poluída. Do jeito que está dá uma certa sensação de abandono. Não dá uma sensação de bem estar. Assim, perde sua função.

**05** - O barulho da avenida, se for praticar uma caminhada ou uma corrida, eu acho desagradável. Para isso eu prefiro um ambiente que tenha menos carro. Hoje os carros são menos poluentes, mas um tempo atrás, incomodava com o barulho e com a poluição.

**06** - Comentários gerais: Nessa parte da direita eu gosto do lago. Gosto do Anfiteatro, das formas do anfiteatro. Ali tem obras de arte, gosto muito disso com o verde. As dimensões e a distribuição são muito boas. A localização, também.

A parte da esquerda (Parte D) achei bem desagradável. Por causa do lago, por causa do calçamento. A questão do pavimento, da falta de acessibilidade, me incomoda muito. Acho que é obrigação ter acessibilidade nos espaços públicos.

<sup>25</sup> Ao iniciar o Percurso Comentado fomos abordado por uma mulher que afirmou ter brigado com ex- marido e que necessitava usar um celular para falar com a filha.

Ao fazer uso do celular da nossa colaboradora, passou a discutir com a filha a respeito do ex-marido.

#### 4.2.2. Passeio Público Getúlio Vargas

Cartograma 15. Percurso Comentado no passeio da Av. Getúlio Vargas - Janaína (59, Resid. Estoril V Bauru)

Data: 16.01.2019 / Hora 18:30



Fonte: Elaborado pelo autor.

**01** - Acho negativo o estado da calçada. Poderia dar uma ajeitada nessas árvores. Poderia dar uma arrumada. Tem que conservar. Você tem que desviar (das árvores). Muito desnível (na calçada). Por isso eu não deixo minha mãe vir caminhar sozinha aqui. Minha mãe tem oitenta e oito. Antes ela vinha sozinha, agora eu tenho medo de deixa-la vir sozinha. Agora, quando ela quer vir, eu acompanho. Poderia ser mais bem conservada

**02** - Veja que perigoso está isso aqui (alertando para uma calçada levantada devido à queda de uma árvore).

Tem muita gente que usa aqui, isso é muito bom. Tem muita gente que vem aqui. Não sei tem algum problema de segurança a noite. Não sei se tem caso de assalto de celular.

**03** - Acho que é bonito aqui. É gostoso. É mais cuidada essa parte. Tem os aparelhos que vejo gente utilizando. Vem um pessoal fazer atividades. Aqui está mais bonito que onde estávamos (Praça Panathlon).

**04** - É melhor retornar aqui antes da Polícia Federal que não tem aquela subidinha.

Cartograma 16. Percurso Comentado no passeio da Av. Getúlio Vargas - Marcelo (47, Resid. Primavera, Bauru).

Data: 31.01.2019 / Hora 19:00



Fonte: Elaborado pelo autor.

**01** - É um paisagismo básico. Tem umas árvores, mas já quebra um pouco com o que a gente vê da outra quadra pra frente. Não desmerecendo o trabalho paisagístico, mas o fato de aleatoriamente plantasse árvores nativas e exóticas já mudaria completamente isso.

É uma avenida estreita que tem essa linha com ipês. É uma árvore muito bonita, mas dá flor em uma época do ano e depois ficam apenas as folhas. Não é uma árvore frondosa, não é própria pra sombra. A Praça da Copaíba já quebra (a aridez da avenida). A avenida fica larga. Tem arbusto. Tem árvore mais alta. É o tipo de coisa que quebra um pouco com a monotonia das fachadas. Bauru é uma cidade muito pobre em termos arquitetônicos.

**02** - Aqui tem as quadras. Naturalmente são bem ocupadas. Mas o que foi feito inicialmente não é repostado, vai ficando cada vez mais depreciado. Uma falta de manutenção que é comum.

**03** - A partir daqui já não tem elemento nenhum. Tem essa pracinha com o equipamento público mais antigo da Avenida. É uma coisa minúscula e não cumpre a função dela. E a partir daqui não tem mais nada.

**04** - Das partes que a gente circulou acho agradável apenas a Praça (da Copaíba). Justamente por ser mais arborizado. Um espaço mais aberto. Sai dessa coisa de apenas carro e comércio. Aqui tem a dinâmica das pessoas mas é um lugar decadente. Uma coisa que é nova mas já é decadente devido ao estado de manutenção. A reposição não é devidamente feita. Aqui (nas quadras) tem uma dinâmica bacana devido ao uso que as pessoas fazem, mas o espaço é feio.

**05** - Com mais de vinte anos era para essas árvores serem maiores. E não vai crescer muito porque tem os fios em cima. O espaço é projetado, mas nunca se realiza. Só cumpre a função porque as pessoas usam.

Cartograma 17. Percurso Comentado no passeio da Av. Getúlio Vargas - Matheus (43, Resid. Recanto dos Nobres, Bauru).

Data: 02.02.2019 / Hora 9:40



Fonte: Elaborado pelo autor.

**01** – Um bom espaço para fazer caminhada. São largos. São de fácil acesso. Tem aparelhos para as pessoas fazerem ginástica. A gente vê lixeira no meio do caminho. Isso é bem positivo. De negativo acho que a jardinagem não é tão bem cuidada. É o que atrai as pessoas de dentro dos apartamentos para ver a natureza. Então, se estivesse mais bem cuidado, atrairia mais pessoas.

**02** - Os pontos de água são importantes. Até um certo horário as pessoas vão até lá em cima (contornando a Polícia Federal). Depois as pessoas ficam só até aqui (Polícia Federal) por questão de segurança.

Tem pessoas utilizando os aparelhos, porque quando tem o pessoal usa. Mas tem que ter cuidado.

**03** - Essa calçada é boa para o pessoal correr. O pessoal não precisa correr na rua. Tem a ciclovia também, mas é uma pena que só libera aos domingos. Poderia ser diário. Se tivéssemos mais respeito dos motoristas com os ciclistas, mais gente utilizaria as bicicletas para trabalhar. O pessoal poderia correr e caminhar com mais segurança.

**04** – Já trouxe minha filha nas quadras para brincar. Estamos vendo pessoas jogando. Aproveitando os espaços. Famílias utilizando. É muito importante. Se tem esses lugares, as pessoas utilizam.

Acho negativo a falta de cuidado e de manutenção. O poder público vem dar manutenção quando tem eventos que serão transmitido pela televisão. Não tem banheiro. Não tem uma sombra para as pessoas ficarem descansando.

**05** - Comentários gerais: Poderia ter mais infraestrutura. Poderia ter mais quadras para as pessoas utilizarem. Acho que a praça da Copaíba é o mais agradável. Gosto por causa da sombra. Mas, todos os ambientes possuem uma função. Precisaria de maior manutenção e cuidado.

### 4.2.3. Parque Do Povo

Cartograma 18. Percurso Comentado no Parque do Povo - Pedro (64, Jardim João Paulo II, Presidente Prudente) – Parte 1

Data: 07.02.2019 / Hora 17:15



Fonte: Elaborado pelo autor.

**01** – Início do percurso, na frente à portaria do Jardim João Paulo II.

**02** - Nessa área tem muita gente que usa para tirar fotografia. Para fotografar aniversário de criança. O Parque todo tem uma estrutura muito boa para reunir os amigos. A prefeitura cuida bem do Parque, a grama está sempre baixa. Da pra usar bem. Aqui tem sempre um que vem para usar droga, por ser uma área meio reservada. Quase todo dia. Algo que até incomoda bastante. É ruim, principalmente o cheiro. Você sabe que quando começa atrair esse público, começa a atrair outras coisas ruins para o local. Se ele quer usar, use em um lugar particular dele, não no Parque.

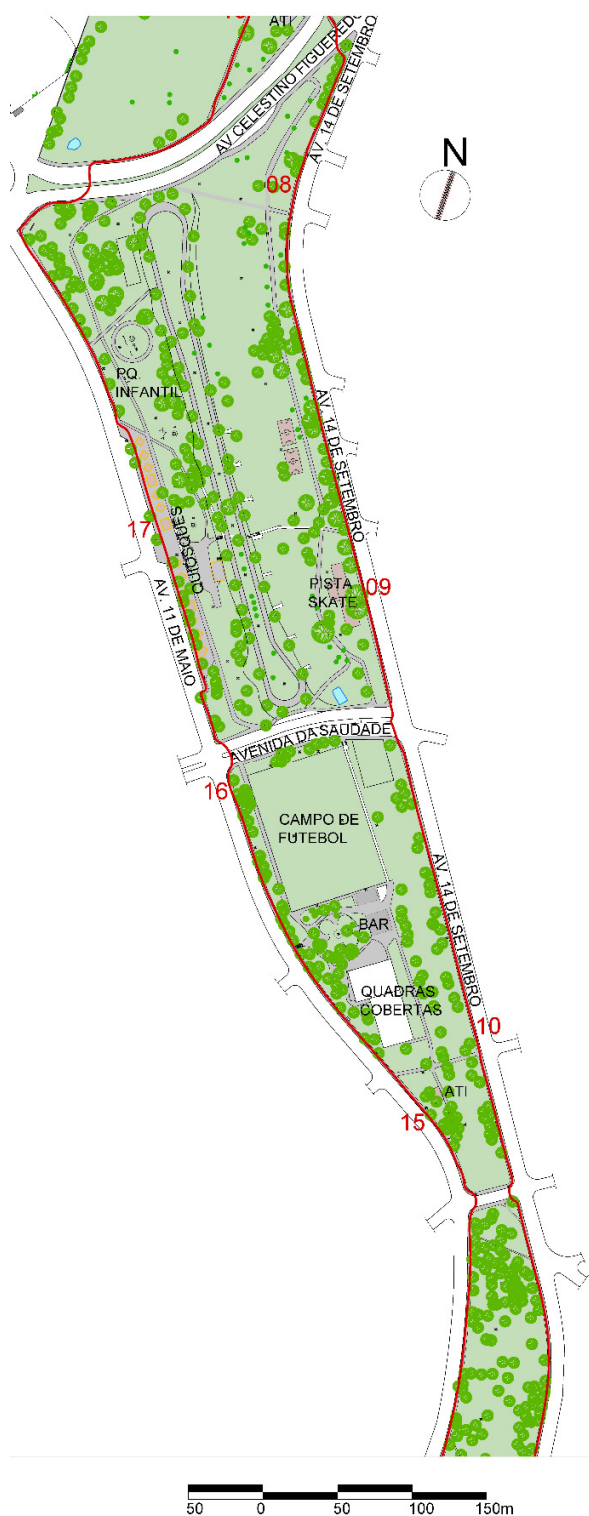
**03** – Nessa fase do ano, tem o pessoal no sinaleiro pedindo moedinha (estudantes egressos). Acho negativo até para a faculdade. Poderiam fazer um trote solidário, não essa coisa para desmerecer.

**04** – Pra mim o positivo é o Parque em si, a área que ele disponibiliza para ter opções de caminhada. A parte negativa é sempre esse pessoal. As vezes tem morador de rua. Mas isso é difícil de combater.

**05** – Acho interessante os locais para exercício. Também tem a área do wi fi. O que acho negativo é o bebedouro que deveria estar funcionando. Acho que isso faz falta. Dependendo da hora alguns trânsitos de bicicleta incomoda. Nesse momento, não. Acho que o poder público poderia criar uma rota de bicicleta para não incomodar. As vezes acontece acidente de trombar com pessoas.

**06** - Achei essa reforma da calçada desnecessária. Precisava de alguns reparos. A instalação do piso tátil não necessitaria refazer toda a calçada. Tinha que ter manutenção. Acho que acabou ficando igual o que estavam. Não precisaria revestir os bancos de madeira com granitos. Algumas placas acabam soltando.

Cartograma 19. Percurso Comentado no Parque do Povo - Pedro (64, Jardim João Paulo II, Presidente Prudente) – Parte 2



Fonte: Elaborado pelo autor.

**08** - Prefiro andar pelo lado externo do Parque porque é mais contínuo, vai até o fim do Parque. Eu prefiro a caminhada longa. Pois rodar a mesma paisagem acaba cansando mais rápido. É gostoso ver a paisagem. Sair do trabalho e vir aqui diminui a tensão.

**09** – No domingo eu ando mais de manhã. No horário das cinco às seis horas são as mesmas pessoas utilizando. A pista de skate é muito interessante pra quem quer utilizar. Acho que Prudente usa bem esse Parque. É um lugar ideal, tem muitas atividades para fazer.

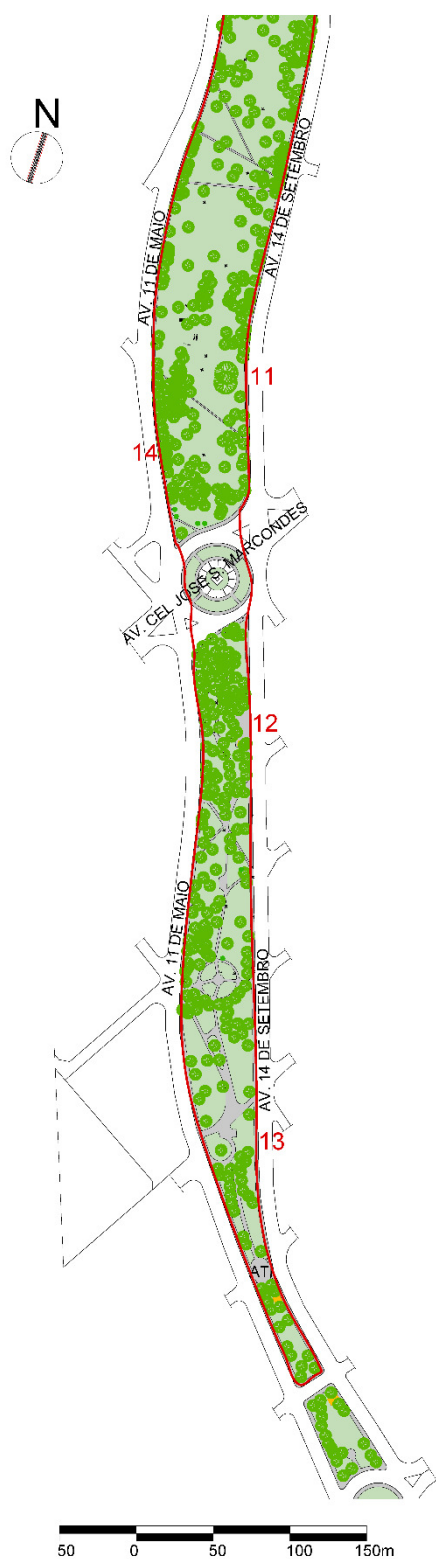
**10** – Tem a academia da terceira idade que sempre tem gente utilizando. De ruim tem um pessoal que fica na quadra fumando maconha, ou moradores de rua que ficam por ali. Gosto também da quantidade de árvores, ainda mais em Prudente que é uma cidade muito quente.

**11** – Essa “seringueira”, uma arvores centenária (ressaltando a importância da arborização). Gosto da quantidade de árvores, ainda mais em Prudente que é uma cidade muito quente.

**12** – Por aqui não tem muita diferença em relação ao outro trecho. Mas a construção desse gazebo mudou o visual do Parque. Essa trepadeira caindo é muito bonita. Tem também uma academia que é muito utilizada e uma pista externa para quem quer ficar mais longe da rua.

**13** – O parquinho também é muito utilizado. Ficou bom nessa reforma. As ATIs foi uma boa invenção do poder público ter colocado. Muitos idosos passaram a utilizar.

Cartograma 20. Percurso Comentado no Parque do Povo - Pedro (64, Jardim João Paulo II, Presidente Prudente) – Parte 3



**14** - Eu ando uma hora e vinte, terminando por volta das 19:30. Não sinto insegurança em nenhum local. Nunca tive problema. Nunca ocorreu nada comigo. O que acontece no Parque é mais tarde.

**15** - Acho que a sensação de segurança vem pelas pessoas que estão usando o Parque. As pessoas que utilizam estão com o mesmo objetivo de cuidar da saúde. A Polícia Militar vem em alguns pontos, mas não fica o tempo todo. A segurança vem dos usuários. Não vejo perigo ou ameaça.

**16** - Aqui no campinho sempre tem gente jogando. A grama sintética é boa porque está sempre verde.

**17** - O negativo daqui são esses banheiros sem manutenção. Os comerciantes poderiam ajudar a cuidar disso. É uma praça de alimentação, eu acho muito agradável.

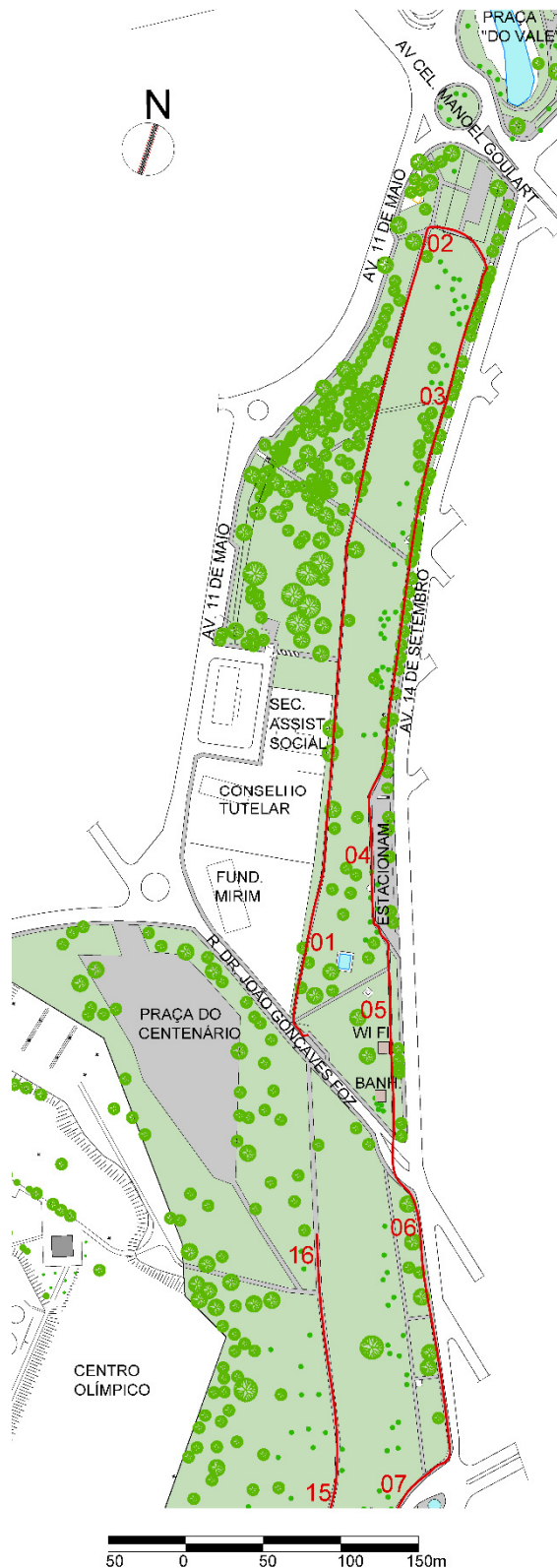
**18** - Gosto de ir aqui por baixo para ter maior contato com a natureza. Tem algumas frutas, mas não chegam a ficar grande, porque o povo come antes. É bom ter essas árvores frutíferas no Parque.

**19** - Fim dos comentários. Continuamos caminhando juntos até a Av. Manoel Goulart e retornamos até a portaria de entrada do Jardim João Paulo II.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Cartograma 21. Percurso Comentado no  
Parque do Povo - Daniel (31, Resi. Jatobá,  
Presidente Prudente) – Parte 1

Data: 22.02.2019 / Hora 17:30



Fonte: Elaborado pelo autor.

**01** - Optava por esse caminho por ser uma área mais plana. Começava por volta das seis ou sete horas. Gosto daqui porque é bem arborizado. Gostava dos bebedouros, mas agora não tem mais. Pra correr é bom porque não tem problema com calçada. O ruim aqui é quando alaga. Não precisa ser chuva forte, que já alaga. Pra correr é ruim no horário das sete horas a quantidade de gente. Mas, não alterava o trajeto por causa da concentração de jovens no final do Parque. O horário que corria ainda não tinha iniciado a concentração

**02** - Acho que falta lixeira no Parque. O gramada também ficava, por vezes, sem cortar. Sempre virava aqui nessa parte. Acho interessante os bancos para descansar.

**03** - Acho que as calçadas quase não mudaram com a reforma. Pra eu correr não mudou muita coisa. O que mudou foi a retirada das lanchonetes (ao lado do estacionamento). Eu usava bastante. Gostava também de ver o movimento dos bares. Já sabia como estava antes de sair. A iluminação também não era tão boa.

**04** - Preferia correr mais ao lado da rua porque do outro lado (ao lado da Fund. Mirim) é muito escuro. Ficam umas pessoas por ali que não sabemos o que estão fazendo.

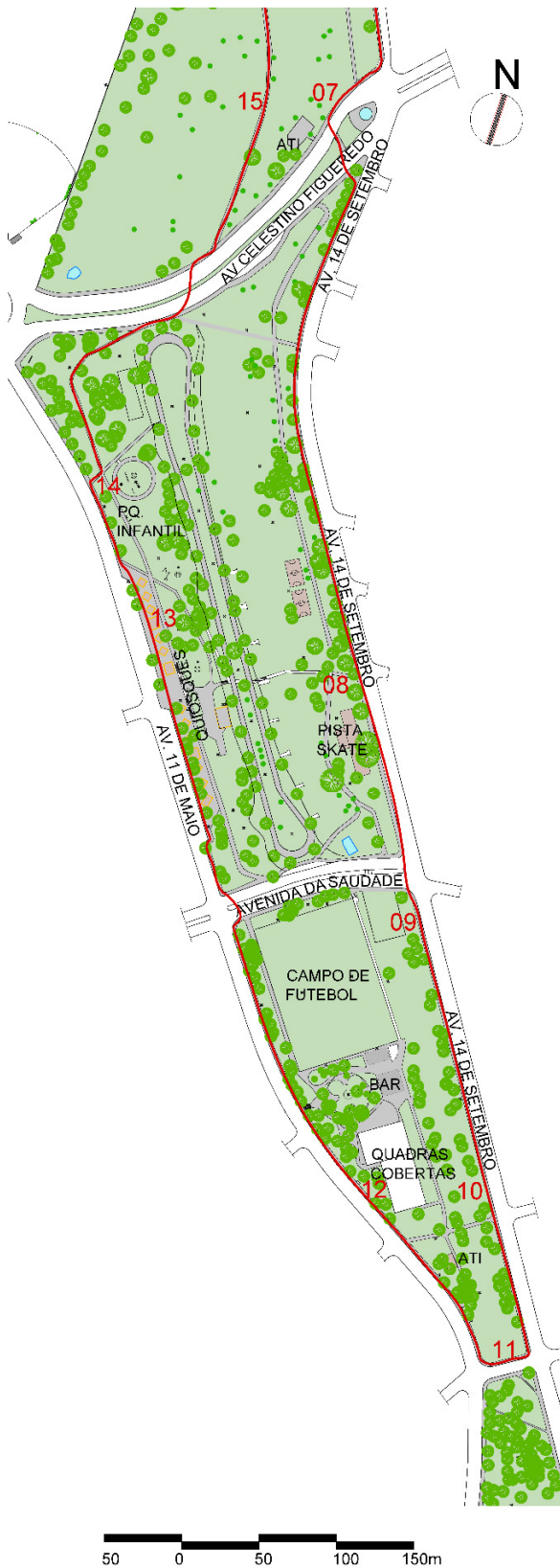
**05** - Aqui quando chovia ficava um cheiro horrível. Eu não utilizava, mas acho bacana ter o wi fi. Muito bom para o Parque, para as pessoas utilizarem. Tinha o bebedouro que agora está quebrado. Tem o banheiro, mas não é muito utilizável. E o posto policial fechou? (sim).

**06** - Preferia passar por esse lado por causa das arvores, mesmo que fosse mais difícil de desviar das pessoas que estivessem mais lentas. Esse considero um trecho mais neutro. Tem a questão de não ter lixeira.

**07** - Esse trecho é um ponto ruim. Pra não parar a corrida eu subia e depois voltava. Atravessava quando o fluxo parava. E na sequencia ia por fora.

**08** - Quando eu corria tinha um fluxo maior de pessoas por causa da escola, então era ruim para correr. Tem half (pista de skate). Acho um ponto legal. Acho importante que tenha isso no Parque. Talvez a pichação incomodaria alguém, mas aqui, eu acho que fica bom.

Cartograma 22. Percurso Comentado no Parque do Povo - Daniel (31, Resi. Jatobá, Presidente Prudente) – Parte 2



**09** – Aqui era ainda pior pra atravessar. Eu gostava daqui porque é uma área mais plana, com uma leve descida. E como não tem grama, ficava mais difícil ultrapassar as pessoas pela grama.

**10** - Eu vinha jogar futebol com meus amigos. A gente jogava no condomínio, e vinha na quadra pra jogar contra os meninos mais novos. Aqui acho que a pichação é um problema, principalmente aqueles que são somente escritos.

**11** – Eu ia até a Av. Cel Marcondes. O ruim era a subida, mas é interessante ter isso pra quem pratica a corrida. E tem muitas árvores, fica até mais fresco para correr. Também é um trecho longo sem travessia de carro. Além disso não tinha bebedouro.

**12** – Por aqui eu passava caminhando, pois já tinha terminado o meu percurso de corrida. E gostava de passar lentamente observando o pessoal jogando (quadras e campo). Essas árvores maiores era outro ponto que me agradava bastante. Aqui também era ruim desviar as pessoas.

**13** – Gosto bastante da questão das lanchonetes. Gostava de vir tomar açaí. Pra correr era ruim o fluxo mas compensava pela diversidade. Os banheiros também estão muito sujos e de deprecados.

**14** – O parquinho eu ainda uso para trazer minha sobrinha. Uso mais o condomínio, mas quando estou na casa dos meus pais e ela pede, eu trago ela aqui.

**15** – Aqui era um ponto bom pra correr, mas se estivesse mais escuro eu evitava. Acabava preferindo ir por fora. Minha mãe sempre falava das coisas que ouvia no rádio. Gostei da praça nova. Já cheguei a ir aí. E ficou mais claro.

**16** – O que eu mais gostava de usar o Parque é o fato de ser extenso. Tem toda essa diversidade, nunca é o mesmo cenário. Tem um carro diferente, pessoas diferentes. Também gostava dos bares. E gostava dessa próxima parte por ser plano e era mais fácil de poder desviar das pessoas (mais lentas). Era o mais confortável. De ruim eu destacaria a falta de bebedouro e dos banheiros. Não gostava daquele trecho depois do half (pista de skate).

Fonte: Elaborado pelo autor.



Cartograma 24. Percurso Comentado no Parque do Povo - Irene (24, Pq. Resid. Damha I, Presidente Prudente) – Parte 2



Fonte: Elaborado pelo autor.

**06** – Acho positivo ter uma pista de skate, mas poderiam pintar. Porém aqui o pessoal que faz o uso da pista que faz a pichação. Eles gostam, então não vejo problema.

**07** – A Praça do Centenário achei bem bacana. É bem iluminado. O dia que fui estava lotado. Tocou uma banda. Foi a primeira vez que fui. Acho interessante quando vem uma bateria aqui ensaiar. (Somos interrompidos por uma pessoa pedindo dinheiro) Aqui tem bastante gente pedindo. Mas isso não me afasta do Parque.

**08** – Acho incrível esse espaço enorme. Esse gramadão. Esse espaço verde que fica livre para o pessoal. Mas, se fizessem shows aqui, seria muito legal. O ruim é que não tem banheiro por aqui. O banheiro daqui estava fechado. Acho que também falta água.

**09** – Acho bacana que tem a internet para o pessoal usar. Já usei quando faltou internet na minha casa.

Já não tem mais policial aqui, está fechado. O banheiro que tem aqui, as vezes fica fechado.

Aqui é bastante usado.

Tinha a exposição de carros antigos por aqui. E gostei do aluguel de bicicleta, mas ainda não usei.

**10** – A noite eu não andaria sozinha daquele lado (ao lado da fundação Mirim). Andaria ao lado da Avenida por me sentir mais segura.

Aqui tem a exposição que é bacana.

**11** – Não sei o que dizer sobre a casa do Papai Noel. Antes tinha um pessoal vendendo artesanato. Achava interessante. Agora não tem mais. Aqui que fizemos o treino (treino de moatai). Também fazia bastante slack line.

**12** – Gosto muito dessa praça (do Centenário), é um dos locais que mais gosto. A pista de skate também. Gosto daqui porque está novo e preservado. Não sei porque gosto da pista de skate. Acho que é porque usam.

### **4.3. Interpretações sobre os Percursos Comentados**

Primeiramente, cabe ressaltar que o procedimento metodológico foi de grande relevância na pesquisa. A proposta de colocar nossos colaboradores em contato com as áreas pesquisadas foi importante na produção de informações que complexificam os demais resultados obtidos sobre os nossos três espaços de pesquisa. A partir dos Percursos Comentados foi possível que nossos colaboradores indicassem e revelassem elementos e relações, os quais destacaremos em seguida, que não se recordariam ou comentariam nas entrevistas. Tais apontamentos decorreram do contato direto e imediato com tais elementos, em sua multiplicidade, possibilitando ao pesquisador, identificar elementos produtores de afetos positivos e negativos importantes na compreensão dos espaços públicos.

Apresentamos nossa análise sobre os Percursos Comentados organizada a partir da identificação dos diferentes aspectos relacionados à utilização dos espaços públicos pesquisados, entre eles, a questão da segurança e insegurança, a relação dos colaboradores com diferentes frequentadores e com a materialidade de cada área. Partimos da identificação de afetos positivos e negativos produzidos em nossos colaboradores por tais espaços. Portanto, buscamos compreender quais elementos mais gerais e aqueles mais específicos são os principais produtores de afetos, relacionados a cada elemento com os quais nos deparamos durante o Percorso Comentado, com base na discussão teórica anteriormente proposta.

Inicialmente, percebemos que a complexidade de cada um desses espaços se vincula diretamente à multiplicidade de usos, heterogeneidade dos aspectos físicos e diversidade dos frequentadores, que também caracterizam uma diversidade social e simbólica. Tal diversidade é variável entre as três áreas, sendo o passeio público da Avenida Getúlio Vargas o menos complexo, o Parque Vitória Régia na posição intermediária e o Parque do Povo o mais complexo, portanto, produtor de maior multiplicidade de afetos. Deste modo, o passeio da avenida Getúlio Vargas caracteriza-se por maior homogeneidade, tanto em seu uso como no que diz respeito ao perfil de seus frequentadores durante o período de realização dos Percursos, fornecendo uma menor variedade de estímulos produtores de afetos, gerando respostas mais homogêneas, se comparadas às demais. No Parque do Povo ocorre justamente o contrário, pois há maior heterogeneidade de usos e perfis de

frequentadores, possibilitando o contato de nossos colaboradores com uma grande multiplicidade de estímulos produtores de afetos.

A partir disso, podemos entender que as três áreas com suas características espaciais são produtoras do que chamaremos de diferentes “paisagens afetivas”. A expressão nos parece adequada por compor o termo “paisagem” que diz respeito a uma relação interpretativa do espaço pelos cidadãos (BESSE, 2014), enquanto o termo “afetiva” identifica o tipo desta relação, sendo o afeto aquilo que produz efeito. Ou seja, a paisagem afetiva é tudo aquilo que, em um tempo e espaço específicos produz efeito em um determinado sujeito. O que estamos chamando de “paisagens afetivas” guarda alguma semelhança com o que Anderson (2009 *apud* SHAW, 2014) conceitua como “atmosfera”. Para Shaw (2014, p.13), assim como as paisagens, “a detecção de uma atmosfera é condicionada pelo corpo, e diferentes atmosferas podem ser percebidas por diferentes indivíduos”

Gerados por corpos - de vários tipos - afetando uns aos outros é produzido algo como alguma forma de 'envolvimento'. As atmosferas não flutuam livremente do corpos que se juntam e se separam para compor situações. Qualidades afetivas emanam de um arranjo dos corpos humanos, discursos corpóreos, corpos não humanos e todos os outros corpos que compõem todos os dias a situação. (ANDERSON, 2009 *apud* SHAW, 2014, p.4)<sup>26</sup>.

Diferentemente do que estamos considerando como paisagem afetiva, o autor identifica na atmosfera um certo limite, que pode ser mais ou menos poroso. Se aproximando, em alguma medida, de uma ideia de ambiência. Para nós, o mais importante é a força que determinados entes possuem na produção de afeto. Ressalvamos ainda, que o termo “atmosfera”, na geografia brasileira está mais, ou completamente, relacionado à Geografia Física, portanto, devemos fazer um esforço de melhor qualificar estes termos para nossa área de conhecimento.

A explicitação do que estamos nomeando como “paisagem afetiva” é necessária para o aprofundamento da compreensão dos elementos que a compõem. Afinal, estes elementos e seus afetos correspondentes não podem ser entendidos de

---

<sup>26</sup> Traduzido por nós de: generated by bodies – of multiple types – affecting one another as some form of ‘envelopment’ is produced. Atmospheres do not float free from the bodies that come together and apart to compose situations. Affective qualities emanate from the assembling of the human bodies, discursive bodies, non-human bodies, and all the other bodies that make up everyday situation.

maneira isolada, mas sim dentro de um conjunto mais amplo, produtores da paisagem afetiva. Buscando avançar na análise, observamos que esta complexidade da paisagem afetiva possibilita aos usuários desses espaços uma administração dos afetos indesejados. Desse modo, nos inspirando na metáfora de Dunker (2009), a complexidade da paisagem afetiva possibilita que o sujeito social seja o “síndico do condomínio” em sua relação com o Parque do Povo, realizando uma mediação afetiva em sua prática espacial que envolve a possibilidade de uma modificação da subjetividade de diferentes sujeitos sociais em contato com Outrem (CAIAFA, 2002), de maneira mais controlada. Em contrapartida, o Parque Vitória Régia, com seus usos e perfis mais restritos, se caracteriza pela menor complexidade de suas paisagens afetivas e, por consequência, a possibilidade desse controle mais autônomo por parte dos nossos sujeitos sociais pesquisados é limitada.

Além disso, como já mencionado, tais afetos foram classificados como positivos e negativos diante das múltiplas dimensões da vida urbana, as quais nos servirão como fio condutor da análise a partir daqui. Iniciamos pelo tema da insegurança urbana. Este tema compareceu nas três áreas de diferentes maneiras. No passeio público da avenida Getúlio Vargas e no Parque do Povo de maneira mais indireta, enquanto no Parque Vitória Régia essa questão foi colocada com mais ênfase pelas colaboradoras.

Para evidenciar estas diferenças seguem alguns trechos retirados das fichas dos Percursos Comentados.

I - Aqui tem sempre um que vem pra usar droga, por ser uma área meio reservada. Quase todo dia. Algo que incomoda bastante. É ruim, principalmente o cheiro. **Você sabe que quando começa a atrair esse público, começa a atrair outras coisas ruins para o local.** (Percurso no Parque do Povo - Pedro, 64 anos, aposentado, Jardim João Paulo II)

II - Eu ando uma hora e vinte, terminando por volta das 19h:30. Não sinto insegurança em nenhum local. Nunca tive problema. Nunca ocorreu nada comigo. **O que acontece no Parque é mais tarde.** (Percurso no Parque do Povo - Pedro, 64 anos, aposentado, Jardim João Paulo II)

**III - Tem muita gente que usa aqui, isso é muito bom. Tem muita gente que vem aqui. Não sei se tem algum problema de segurança a noite.** Não sei se tem caso de assalto de celular. (Percurso no passeio pub. da Avenida Getúlio Vargas - Janaína, 59 anos, comerciante, Residencial Estoril V)

IV - Até um certo horário as pessoas vão até lá em cima (contornando a Polícia Federal). **Depois as pessoas ficam só até aqui (Polícia Federal) por questão de segurança.** (Percurso no passeio pub. da Avenida Getúlio Vargas - Janaína, 59 anos, comerciante, Residencial Estoril V)

Pudemos constatar que há homogeneidade no que se refere ao reconhecimento da relevância do tema, porém, o discurso e os elementos que expressam a sensação de insegurança são heterogêneos. A sensação de insegurança comparece mesmo quando não há experiências de violência. Esta sensação se estabelece a partir da sobreposição de diversos elementos, como a midiática dos casos de violência real, a disseminação dos casos de violência real, que produzem um imaginário sobre as áreas pesquisadas, sobretudo, quando há desconhecimento de determinadas áreas ou práticas que ocorrem nestes espaços. Nos trechos acima, os colaboradores dizem nunca ter visto atos de violência, porém, afirmam que tais atos podem ocorrer em outros momentos. Há, portanto, um misto de suspeição e expectativa, seguindo a tendência de um imaginário de cidade violenta. Desse modo, as relações entre a violência representada ou a sensação de insegurança e violência real, debatidas por Sposito e Góes (2013), comparecem também em nossa pesquisa.

[...] o sentido social do medo depende de múltiplos encontros entre o discurso da segurança cidadã e a economia política das cidades [...] a violência objetiva não é por si mesma a única variável que constrói o imaginário do medo[...] a percepção de insegurança é três vezes maior que os casos de violência... (CARRIÓN MENA e NUÑEZ VEGA, 2006, p. 5, 8 e 10, *apud* SPOSITO e GÓES, 2013, p. 200).

Desse modo, constatamos que o medo não nasce da experiência direta da violência. (PEDRAZZINI, 2006, p.102, *apud* SPOSITO e GÓES, 2013, p. 200).

Em primeiro lugar, constata-se que existe *uma insegurança objetiva* que expressa uma relação razoável entre o medo que experimenta um cidadão e seu nível de exposição real a uma ou várias formas concretas

de agressão criminal. Em segundo lugar, detecta-se uma insegurança subjetiva que se expressa como um *medo difuso* e a delinquência que não necessariamente corresponde a vulnerabilidade específica do cidadão que a experimenta. (CURBET, 2007, p.135, *apud* SPOSITO e GÓES, 2013, p.201).

A insegurança pode estar representada de maneira difusa de modo que não esteja diretamente vinculada à criminalidade. Porém, prevalece a sensação de que são situações que não podem ser controladas pelos colaboradores. No passeio da Av. Getúlio Vargas, as más condições do piso foram identificadas como um fator de insegurança para pessoas com mais idade, enquanto no Parque Vitória Régia, a velocidade dos carros seria um dos motivadores para que outra colaboradora não levasse seus filhos para prática de lazer neste espaço. Os trechos reproduzidos abaixo fundamentam tais constatações.

**V - Penso que o aspecto negativo é que sendo um lugar público está em contato com uma violência que é cada vez maior (...).** Acho aqui muito aberto. Por causa dos carros. **Por causa do que acabou de acontecer** (fomos abordados por uma pessoa solicitando usar nosso celular para fazer uma ligação). E tenho outras opções. O condomínio ou o Bosque da comunidade. (Percurso no Parque Vitória Régia – Carolina, 42 anos, engenheira civil, Chácara Odete)

VI - Tem que conservar. Você tem que desviar (das árvores). Muito desnível (na calçada). **Por isso eu não deixo minha mãe vir caminhar sozinha aqui. Minha mãe tem oitenta e oito. Antes ela vinha sozinha, agora eu tenho medo de deixá-la vir sozinha.** Agora, quando ela quer vir, eu acompanho. Poderia ser mais bem conservada. (Percurso no passeio pub. da Avenida Getúlio Vargas - Janaína, 59 anos, comerciante, Residencial Estoril V)

Em contrapartida, outros elementos também produtores de afetos foram identificados, diretamente ou indiretamente, como amenizadores dessa sensação de insegurança. Entre esses elementos podemos destacar, segundo os trechos abaixo, no Parque do Povo, a presença de cidadãos realizando atividades semelhantes ao de nosso colaborador, a iluminação mais potente e, inclusive, a possibilidade de se distanciar de áreas que consideram menos seguras.

VII - Acho que **a sensação de segurança vem pelas pessoas que estão usando o Parque. As pessoas que utilizam com o mesmo objetivo de cuidar da saúde.** A Polícia Militar vem em alguns pontos, mas não fica o tempo todo. **A segurança vem dos usuários. Não vejo perigo ou ameaça.** (Percurso no Parque do Povo - Pedro, 64 anos, aposentado, Jardim João Paulo II)

VIII - Achei legal que mudaram a iluminação Antes, aquelas luzes amarelas, não iluminavam muito bem. **Tinham algumas partes bastante escuras.** (Percurso no Parque do Povo – Irene, 24 anos, estudante, Parque Residencial Damha I)

IX - A noite eu não andaria sozinha daquele lado (ao lado da Fundação Mirim). **Andaria ao lado da avenida por me sentir mais segura.** (Percurso no Parque do Povo – Irene, 24 anos, estudante, Parque Residencial Damha I)

O medo, seja da criminalidade ou de outros aspectos que consideram perigosos, enquanto afetos negativos na complexa paisagem afetiva, é representado por uma diversidade de elementos, desde a presença de usuários de substâncias ilícitas, percebidos à partir do cheiro, incluindo a possibilidade de haver negociação entre usuário e vendedor dessas substâncias nesse espaço, até a falta de iluminação em determinadas áreas, a alta velocidade de carros que passam próximos à área de recreio infantil, até a má conservação dos equipamentos. Enquanto a iluminação mais intensa, a presença do marido, a presença de grande número de frequentadores ou o contato com aqueles que estão realizando práticas semelhantes podem ser considerados produtores de afetos positivos. Há, portanto, uma mediação estabelecida entre os afetos positivos e negativos que determinam suas práticas espaciais nessas áreas.

X - Preferia correr mais ao lado da rua porque do outro lado (ao lado da Fundação Mirim) é muito escuro. **Ficam umas pessoas por ali que não sabemos o que estão fazendo.** (Percurso no Parque do Povo - Daniel, 31 anos, supervisor de vendas, Residencial Jatobá)

XI - Aqui era um ponto bom pra correr (entre a via e o “centro olímpico”), **mas se estivesse mais escuro eu evitava. Acabava preferindo ir por fora. Minha mãe sempre falava das coisas que ouvia no rádio.** (Percurso no Parque do Povo - Daniel, 31 anos, supervisor de vendas, Residencial Jatobá)

Em relação aos dois trechos destacados acima, produzidos junto a um colaborador em Percurso Comentado no Parque do Povo, podemos constatar como as dimensões do parque abrem possibilidade de trajetos diferentes, se aproximando de afetos mais positivos e distanciando-se de áreas que produzem mais afetos negativos. Há, portanto, uma distância capaz de reduzir ou atenuar os afetos negativos diante dos demais afetos positivos que compõe a paisagem afetiva, reafirmando a possível mediação do sujeito na sua relação com a complexidade deste espaço. Em contrapartida, para Monica (34 anos, empresária, Resid. Chácara Odete) que realizou o Percurso Comentado no Parque Vitória Régia, apesar de considerar que as dimensões do Parque permitem um certo afastamento daquilo que considera inconveniente, algo que não podia fazer na praça próxima a sua antiga residência, esse afastamento não é suficiente para gerar a segurança necessária para que ela possa frequentá-lo sozinha.

XII - Lá era pequeno, então você não consegue fugir do que está acontecendo. São várias opções. Se tiver gente onde você estava pensando em ficar, você fica em outro lugar (...) Eu nunca viria aqui a noite. **Não viria sozinha mesmo de dia.** Não traria as crianças sozinha. A gente já viu gente se escondendo nesse mato alto pra fazer transação de droga. (Percurso no Parque Vitória Régia - Mônica, 34 anos, empresária, Chácara Odete)

Mesmo que a generalização de tais opiniões/observações exija cuidado, o mesmo ocorrendo com a busca apenas por diferenças materiais que possam explicar os conteúdos produzidos nos Percursos Comentados, porém, o trecho acima, reforça a ideia de que há uma distância de segurança ou de conforto em relação à elementos como objetos, pessoas ou situações indesejadas. Desse modo, não podemos desconsiderar a dimensão e demais características desses espaços que os tornam mais ou menos atrativo para cada um dos sujeitos sociais. Gehl (2015) contribui com nossa reflexão, a partir de um conjunto de considerações sobre as percepções e dimensões espaciais.

Em grandes distâncias, recolhemos grandes quantidade de informações, mas da distâncias curtas recebemos impressões sensoriais muito intensas e emocionalmente significativas. (GEHL, 2015, p.47).

Supomos que a distância que permite a atenuação dos afetos negativos está relacionada a aspectos pessoais, porém, também se relacionam com especificidades dos espaços pesquisados. Esta relação resulta no modo como o espaço é praticado pelos nossos colaboradores.

XIII - A parte negativa é sempre esse pessoal. As vezes tem morador de rua. Mas isso é difícil de combater. (Percurso no Parque do Povo - Pedro, 64 anos, aposentado, Jardim João Paulo II)

XIV - De ruim tem um pessoal que fica na quadra fumando maconha, ou moradores de rua que ficam por ali. (Percurso no Parque do Povo - Pedro, 64 anos, aposentado, Jardim João Paulo II)

Alguns dos trechos destacados indicam um segundo aspecto a ser observado: a relação entre os nossos colaboradores e cada uma destas três áreas. Por um lado, a identificação de outros cidadãos que realizem práticas espaciais semelhantes às suas favorece a produção de um afeto positivo, gerando, inclusive, uma sensação de segurança, citada anteriormente. É também considerada positiva a possibilidade de observação de demais frequentadores, como destacado no trecho a seguir em Percurso Comentado no Parque Vitória Régia. Porém, como vimos em trecho também destacado anteriormente, outra colaboradora considerou negativo ser abordada por uma pessoa pedindo o celular emprestado durante a realização do Percurso. Portanto, há diferença significativa entre a possibilidade de observação dos demais e o contato com eles a partir de uma abordagem inesperada, pois esta não pôde ser controlada pela nossa colaboradora. Nos trechos I, XIII e XIV também ficaram expressos os incômodos com determinados perfis de sujeitos nele presentes, como os usuários de substâncias ilícitas.

Veremos, logo em seguida, que há uma demanda de nossos colaboradores por um maior ordenamento na utilização desses espaços, de tal modo que a solução para as disputas espaciais não dependeria deles e implicaria no afastamento de tais perfis. Constatamos que no passeio público da avenida Getúlio Vargas essas questões não são mencionadas por nossos colaboradores. Podemos atribuir a isso o fato desta área ter usos menos diversificados e um perfil de usuário menos heterogêneo, de modo

que apenas o desejo de que os ciclistas usassem a rua, ao invés do passeio foi mencionado.

**XV - Eu gosto de vir aqui e só ficar olhando. Sempre tem gente. Essa diversidade que eu gosto.** Tem gente com cachorro, tem de tudo aqui. De manhãzinha sempre tem gente fazendo exercício. (Percurso no Parque Vitória Régia – Mônica, 34 anos, empresária, Chácara Odete)

XVI – Essa calçada é boa para o pessoal correr. O pessoal não precisa correr na rua. Tem a ciclovia também, mas é uma pena que só libera aos domingos. Poderia ser diário. (Percurso no passeio da Avenida Getúlio Vargas - Matheus, 43 anos, empresário, Residencial Recanto dos Nobres)

XVII – Aqui tem as quadras. Naturalmente são bem ocupadas. (...) Aqui tem uma dinâmica bacana devido ao uso que as pessoas fazem, mas o espaço é feio. (Percurso no passeio da Avenida Getúlio Vargas - Marcelo, 47 anos, *designer*, Residencial Primavera)

XVIII - Já trouxe minha filha nas quadras para brincar. Estamos vendo pessoas jogando. Aproveitando os espaços. Famílias utilizando. É muito importante. Se tem esses lugares, as pessoas utilizarem. (Percurso no passeio da Avenida Getúlio Vargas - Matheus, 43 anos, empresário, Residencial Recanto dos Nobres)

Em geral, a permanência de usuários é tida como elemento positivo. Porém, alguns colaboradores queixaram-se pelo fato do excesso de gente prejudicar sua prática esportiva. No Parque do Povo, isso pode ser contornado com menor esforço, enquanto no passeio público da Av. Getúlio Vargas, pode ser necessário procurar um novo espaço para a prática de corrida<sup>27</sup>. Ainda assim, a mesma colaboradora considerou positiva a presença de muita gente na área. Isso fica explícito no trecho III, anteriormente citado, no qual faz questionamento em relação à segurança, logo em seguida. Ou seja, há ambiguidade entre afetos positivos relacionados ao espaço público e sua função, assim como à segurança, e afetos negativos que a impedem de utilizá-lo para determinados fins. A intencionalidade e a expectativa sobre estes

---

<sup>27</sup> Conforme relato da entrevistada Juliana (59 anos, comerciante, Resid. Estoril V).

espaços impactam diretamente no modo como são recebidos os estímulos que produzem tais afetos.

No Parque Vitória Régia a disputa entre diferentes usos também praticamente não compareceu de maneira direta. Apenas no trecho XII, nossa colaboradora apresenta indicação de que estas disputas existam. Porém, para ela, que estava acostumada com uma área de lazer menor, a dimensão do Parque permite o distanciamento necessário.

XIX - Acho que o poder público poderia criar uma rota de bicicleta para não incomodar. Às vezes acontece acidente de trombar com pessoas. (Percurso no Parque do Povo - Pedro, 64 anos, aposentado, Jardim João Paulo II)

XX - A pista de *skate* é muito interessante pra quem quer utilizar. Acho que Prudente usa bem esse Parque. É um lugar ideal, tem muitas atividades para fazer. (Percurso no Parque do Povo - Pedro, 64 anos, aposentado, Jardim João Paulo II)

XXI - Quando eu corria, tinha um fluxo maior de pessoas por causa da escola, então era ruim para correr. Tem *half* (pista de *skate*). Acho um ponto legal. Acho importante que tenha isso no parque. Talvez a pichação incomodaria alguém, mas aqui, eu acho que fica bom. (Percurso no Parque do Povo - Daniel, 31 anos, supervisor de vendas, Residencial Jatobá)

De acordo com os trechos acima apresentados, no Parque do Povo também aparecem algumas disputas em torno de determinados espaços. Costumam ser decorrentes de atividades diferentes, como caminhada e corrida em relação aqueles que estão andando de bicicleta, mas também, entre aqueles que estão caminhando ou correndo em velocidades diferentes. Essa disputa pode ser compreendida como mais um afeto negativo, porém, quase sempre, facilmente contornável. Contudo, a demanda por um maior ordenamento do espaço para limitar a área de cada atividade é algo frequente, inclusive quando se referem aos *grafites* ou pichações existentes no Parque. Suas críticas dirigem-se mais ao local em que se encontrava a pichação do que ela em si. Por um lado, os *grafites* e pichações na pista de *skate* foram compreendidos como parte do cenário que estabelece uma relação direta com os usuários daquele equipamento. Por outro, as pichações fora desse espaço remetem à depredação do patrimônio público. Ou seja, para eles, um certo ordenamento do

espaço é necessário, algo contraditório com a intencionalidade da própria pichação, que se caracteriza por uma linguagem de questionamento da ordem estabelecida.

XXII - As pichações é algo que me incomoda. Porque, pra mim, é diferente *grafite* de pichação. Eu acho isso vandalismo. Ficar escrevendo coisas aleatórias no muro. Tem gente que gosta e acha que é arte (...) Ali na pista de *skate* tinha uma galera filmando e fazendo *grafite*. Achei super legal. (Percurso no Parque do Povo – Irene, 24 anos, estudante, Parque Residencial Damha I)

XXIII - Essas placas que colocaram nas esquinas, eu não entendi nada. O pessoal realmente achou que seria para fazer arte. Se tivesse essas placas para o pessoal pichar, o pessoal não iria pichar o muro. (Percurso no Parque do Povo – Irene, 24 anos, estudante, Parque Residencial Damha I)

A partir do conjunto de considerações apresentadas acima, podemos avançar na compreensão das disputas por esses espaços, identificando dois tipos que se relacionam. Um primeiro diz respeito às práticas espaciais, um segundo tipo envolve mais diretamente os sujeitos praticantes. Há portanto uma busca pela criação de uma certa territorialidade interna à esses espaços, como apontado por Serpa (2011), porém, diferente da territorialidade hegemônica e hermética identificada por ele, o que observamos é uma territorialidade difusa, em que os limites entre os diversos ambientes produzidos pelos usuários não são claros, há tangenciamentos e atravessamento por outros usuários com diferentes perfis. Constatamos que no Parque do Povo e no Vitória Régia ocorre a produção dessas territorialidades difusas.

Outro aspecto observado nas três áreas, durante os Percursos Comentado, é a avaliação da sua materialidade pelos colaboradores. No passeio Público da Av. Getúlio Vargas, eles elencaram como aspectos negativos o relevo, a falta de arborização e o descuido com a mesma, além da má conservação da calçada. Como positivo, a intensa utilização, a Praça da Copaíba como local mais agradável, a oferta de aparelhos para exercícios e as quadras de areia foram mencionadas. No Parque Vitória Régia, destacaram como pontos positivos a presença das áreas verdes e do lago. As duas colaboradoras consideraram bastante agradável a área no topo da arquibancada da qual é possível ver o lago e o anfiteatro. Como elementos negativos, mencionaram a presença dos automóveis que circundam o Parque e sua alta

velocidade, a má conservação geral e, principalmente, dos brinquedos, além da falta de infraestrutura, como banheiros em condições de uso.

No Parque do Povo, nos três Percursos Comentados, sobressaiu como positiva a multiplicidade de equipamentos, entre eles, as academias da terceira idade (ATI), pista de *skate*, campo de futebol, quadras de areia, parquinhos, etc., dentre outros elementos materiais, como a presença de muita área verde, arborização e de bancos para descanso. Nenhum dos equipamentos existentes foi elencado como ponto negativo, indicando que a multiplicidade de atividades em áreas de lazer é bastante valorizada. Porém, a má conservação dos banheiros ou a falta de manutenção dos bebedouros que impedem seu uso foram mencionadas. A grande dimensão também foi citada em mais de um momento, assim como o relevo bastante plano, exceto nas partes em que há interrupção pelas vias, atrapalhando a dinâmica de caminhada ou corrida. Sua dimensão ainda possibilita uma variabilidade de cenários que entretém nossos colaboradores em sua prática esportiva. Em relação a esta característica, cabe destacar a importância do espaço público, pois em áreas privadas não seria possível a oferta de um espaço com tal dimensão e características. Portanto, ainda que os residenciais fechados possam conter espaços de uso coletivo, carecem de tais características.

Outro elemento apontado como positivo é a relação entre o Parque do Povo e os pontos comerciais, sejam eles dentro do próprio Parque, como é o caso de quiosques que, em sua maioria, vendem produtos alimentícios, ou pela relação que estabelece com bares, lanchonetes, academias, etc., em seu entorno imediato. Tal característica já havia sido observada em nossos trabalhos de campo, e neste procedimento obtivemos a confirmação de sua importância, inclusive como um indutor da utilização do espaço público, ao mesmo tempo em que reitera muitas críticas relacionadas à privatização desses espaços e a predominância do consumo sobre eles.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos importante debater alguns resultados obtidos a partir de cada um dos procedimentos metodológicos realizados, com ênfase nas informações produzidas junto aos colaboradores no Percurso Comentado. Porém, cabe ressaltar a importância da articulação entre os diferentes procedimentos metodológicos na busca por identificar as complexidades intrínsecas às práticas espaciais dos cidadãos na produção dos espaços públicos pesquisados. Cada um dos procedimentos pôde fornecer os subsídios para diferentes frentes de produção de informação, mas somente com a análise conjunta foi possível chegar aos resultados aqui apresentados.

Primeiramente, a importância da localização, projeto, desenho e conservação das áreas para uma multiplicidade de usos e, com isso, o atendimento de diferentes segmentos sociais, devem ser destacados. Nessa perspectiva, as três áreas por nós pesquisadas apresentam diferenças que se referem aos usos e dinâmicas, como também, à multiplicidade de perfis dos frequentadores.

A localização pode ser discutida à partir de dois principais parâmetros. O primeiro diz respeito à posição que a área ocupa na cidade e ao conteúdo de seu entorno. O segundo parâmetro diz respeito a sua localização em relação ao conjunto de elementos que caracterizam a mobilidade urbana. Ou seja, como é o acesso dessa área por moradores de diferentes bairros da cidade. Por ambos parâmetros, as três áreas pesquisadas apresentam diferenças consideráveis. O Parque Vitória Régia, apesar de ter em seu entorno imediato bairros de classe média, possui uma localização não tão distante de bairros mais populares e da área central. Além disso, é tangenciado por uma das mais importantes vias de Bauru, com grande fluxo de transporte coletivo. Ambas características permitem o acesso a esse Parque por segmentos sociais de menor nível de renda. A Avenida Getúlio Vargas também possui um entorno em que predominam bairros de classe média, porém, não se insere na rota de transporte coletivo e está a uma distância maior dos setores da cidade onde estão localizados os bairros populares, sendo a principal via de acesso aos espaços residenciais fechados de Bauru.

O entorno comercial dos espaços pesquisados também reforça a sua utilização, com a possibilidade de sinergia entre espaço público e privado na lógica de ocupação

e consumo dessas áreas. As três possuem algumas características que favorecem tal relação, dentre as principais, se destaca a proximidade com *shoppings centers* e com outros estabelecimentos comerciais e *trailers* de venda de alimentos, além de espaços privados de lazer noturno que favorecem o fluxo de pessoas.

Outro elemento importante na dinâmica de uso dos três espaços públicos é a manutenção e conservação. Ainda que a incipiência nesta característica, principalmente no Parque Vitória Régia e no passeio público da Avenida Getúlio Vargas não seja suficiente para afastar frequentadores, este foi um fator considerado relevante pelos cidadãos em todos os procedimentos metodológicos realizados. Mesmo assim, estes apontamentos precisam ser considerados com cuidado, pois a questão da manutenção é muitas vezes observada de maneira relativa, nesse sentido, nas três áreas houve opiniões dissonantes em relação a esse tema.

O terceiro elemento importante a ser levado em conta são seus projetos e desenhos, que possuem características comuns, mas também especificidades. Não realizamos nesta pesquisa um aprofundamento no que diz respeito à influência do desenho arquitetônico sobre as práticas espaciais, porém podemos constatá-la nas três áreas. Enquanto as práticas espaciais do passeio público da Avenida Getúlio Vargas são bastante direcionadas a partir de um desenho que tende a restringir as possibilidades de uma ocupação mais diversificada e criativa, em contrapartida, os dois parques possuem áreas sem fim específico, abrindo a possibilidade de diferentes atividades. Ao mesmo tempo, a multiplicidade de equipamentos do Parque do Povo atrai diferentes públicos para atividades diversificadas. Isso contribui em grande medida para uma heterogeneidade entre seus frequentadores, que é mais restrita nas duas áreas pesquisadas em Bauru.

Cabe acrescentar que existe uma estreita relação entre localização, características da área de implantação e projeto, que resulta nas possibilidades de uso e conseqüentemente na maior ou menor atração dos diferentes perfis de cidadãos para cada uma delas. Diante disso, destaco a dimensão e as características da área de implantação do Parque do Povo. Por ser um parque linear de grandes dimensões, localizado em um fundo de vale, portanto, relativamente plano, se tornou atrativo para práticas de caminhada e corridas, atividades nas quais mais encontramos moradores de espaços residenciais fechados. Além disso, sua dimensão permite uma prática

esportiva menos monótona que em áreas como o passeio público da Avenida Getúlio Vargas, em Bauru. Desse modo, a grande dimensão torna-se um fator fundamental das suas múltiplas potencialidades. Característica que, com raras exceções, só pode ser concretizada pelo poder público.

A grande dimensão do Parque do Povo, em Presidente Prudente, é elemento necessário para que possa haver uma diversidade de sujeitos sociais, por vezes utilizando o parque simultaneamente e com algum nível de proximidade. A distância, mesmo que relativa, torna-se um importante mediador de conflitos entre estes sujeitos sociais, apresentando-se como um tipo de amortecedor de afetos indesejados. Portanto, podemos compreender que existe uma distância de amortecimento afetivo. Essa distância permite ao sujeito social uma filiação aos elementos que produzem em si os afetos positivos e uma certa desconsideração em relação aos elementos que produzem os afetos negativos.

Há, desse modo, em espaços como o Parque do Povo, uma multiplicidade de afetos que possibilita aos sujeitos sociais um certo manejo dos elementos que produzem estes afetos. Remetendo à metáfora empregada por Dunker (2009), compreendemos que a grande dimensão desse Parque possibilita distâncias que produzem uma “paisagem afetiva” na qual o sujeito social pode ser o “síndico de condomínio” da sua relação com este espaço. Tal mediação pessoal relaciona-se à pluralidade material e social presente neste espaço.

Como explicitado no corpo da dissertação, essa multiplicidade que nomeamos como “paisagem afetiva”, permite uma modificação na subjetividade dos diferentes sujeitos sociais de maneira paulatina e parcialmente controlada, a partir da relação com outros corpos e objetos presentes neste espaço. Nesta perspectiva, o Parque Vitória Régia, com sua dimensão reduzida e menor multiplicidade em sua “paisagem afetiva”, tende a potencializar os conflitos entre diferentes sujeitos sociais, implicando no auto afastamento de alguns deles. O passeio público da Avenida Getúlio Vargas também possui uma “paisagem afetiva” bastante restrita, porém, como pudemos observar, são elementos que tendem a produzir uma menor quantidade de afetos negativos.

Conforme discutimos anteriormente, as tensões entre sujeitos sociais presentes na utilização das três áreas e, por consequência, as relações que produzem o reconhecimento dos limites e possibilidades de uso e ocupação dos mesmos podem exercer importante papel no desenvolvimento da cidadania. Tais relações colaboram com a ideia de formação de um corpo social que, mesmo com suas contradições internas, é composto por sujeitos que admitem, dentro dessas tensões na utilização do espaço, os limites de seus desejos por homogeneidade socioespacial. Portanto, reconhecendo no outro os mesmos direitos e obrigações institucionais.

Pudemos constatar que as três áreas estão bastante inseridas na lógica de fragmentação socioespacial presente nas cidades. Porém, encontramos indícios de que o processo de segmentação no uso do espaço público voltado para o lazer é menos intenso que nas práticas espaciais vinculadas ao consumo. Portanto, ainda que tais áreas possam ter sido produzidas imbricadas a processos e estratégias de valorização imobiliária, atualmente, têm potencial para atenuar o processo de fragmentação.

Em um contexto urbano em que lógica da segmentação socioespacial se intensifica e se expande nas diversas práticas espaciais, reforçamos a importância das três áreas pesquisadas como espaços públicos em suas diversas dimensões, legal e das práticas espaciais. Portanto, são compreendidos por nós, como espaços de propriedade pública com livre acesso e grau significativo de ocupação. Esta definição simples e sintética determina a condição mínima para que um espaço seja reconhecido como público. Porém, para que ele possa desempenhar papel mais relevante no que diz respeito aos processos de produção do espaço, e que neste trabalho defendemos, necessita ter atendidos outros requisitos. Entre eles, a ocupação por maior diversidade de sujeitos sociais e certa multiplicidade e liberdade de usos.

Desse modo, cabe o reforço da defesa do espaço público na cidade contemporânea, pois, para nós, ficou clara a importância dessas áreas como *locus* de lazer para muitos cidadãos, ainda que na maior parte do tempo, sua presença seja reduzida. Contudo, é fato que essa dinâmica está atrelada ao cotidiano urbano. Ou seja, se insere numa divisão marcante do tempo de trabalho, estudo e lazer. Diante disso, cabe a reflexão sobre a viabilidade de projetos de áreas públicas que possam

articular diferentes períodos de uso do tempo no cotidiano urbano, com integração dessas áreas aos períodos de trabalho e estudo e não apenas ao lazer.

Contudo, para uma maior força dessas áreas na atenuação da fragmentação socioespacial, haveria a necessidade de ampliar e reforçar os elementos produtores de afetos positivos, envolvendo desde melhorias na materialidade, até nas possibilidades de usos de tais áreas. Neste sentido, o Parque do Povo é o que mais se aproxima dessas características, devido a sua grande dimensão e multiplicidade na oferta de equipamentos, permitindo maior variabilidade de usos, além da boa acessibilidade. Em contrapartida, o Parque Vitória Régia é aquele que menos apresenta elementos produtores de afetos positivos que têm potencial para atenuar a fragmentação socioespacial.

Diante dessas considerações, podemos apontar a necessidade das áreas públicas destinadas ao lazer serem pensadas a partir de uma grande variedade de escalas, pois envolvem relações que vão desde sua função dentro da cidade, até aspectos do desenho que se imbricam com essa função. Portanto, integradas ao planejamento urbano, deveriam compor um sistema de áreas públicas que se relacionam e se complementam. Caberia, neste aspecto, novas pesquisas que pudessem compreender essa dinâmica de maior escala dentro das cidades estudadas.

Obviamente o material produzido não tem esgotado nesse trabalho o seu potencial, portanto, seguiremos com nossas reflexões, e concluímos dando ênfase à importância de se compreender a cidade, a partir da perspectiva de Espinosa, pois o espaço urbano é produzido e produtor dos afetos em uma relação dialética absoluta.

## REFERENCIAS

ABREU, Dióres Santos. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente**. Presidente Prudente: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1972.

BANNISTER, Jon; FYFE, Nick. Introduction: Fear and the City. **Urban Studies**, Glasgow, v. 38, n. 5–6, p. 807–813, 2001.

BARON, Cristina. **Cidade e habitação em Presidente Prudente: 1964-1986**. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010.

BARRETO NETTO, Adolpho. **Centralidades do lazer em Presidente Prudente: fluxos, tensões e territorialidades no Parque do Povo**. 2016. Monografia (Bacharel em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2016.

BESSE, Jean Mark. As cinco portas da paisagem – ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas. *In*: BESSE, Jean Mark. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 11-66.

BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria**. São Paulo: Estação Liberdade: Fapesp, 1998.

BOVE, Laurent. **Espinosa e a psicologia social: ensaios de ontologia política e antropogênese**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. 2010.

CAIAFA, Janice. Comunicação e diferença nas cidades. **Lugar Comum**. Estudos de Mídia Cultura e democracia, Rio de Janeiro, n.18, nov. 2002 / jun. 2003.

CALDEIRA, T. P. R. **Cidade De Muros: Crime, segregação e cidadania em São Paulo**. 2ª Ed. São Paulo: Ed34/EDUSP, 2003.

CARERI, Francesco. Walkscapes ten years later. *In*: CARERI, Francesco. **Walkscapes – o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013. p. 169-174.

CASTELLS, Manuel. **La cuestión urbana**. México: Siglo XXI, 1978.

CATELAN, Márcio José. **Produção do Espaço Urbano em Bauru: do subterrâneo à superfície**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2008.

CHAUI, Marilena. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

COIMBRA, Aline Fernanda. O programa minha casa minha vida em cidades médias: um debate sobre a política pública. 2015. XI Encontro Nacional da ANPEGE. Disponível em: <http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/arquivos/12/395.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2018.

CONSTANTINO, Norma Regina Truppel. **A construção da paisagem de fundos de vale: o caso de Bauru**. São Paulo, 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

DAL POZZO, Clayon Ferreira. **Fragmentação socioespacial em cidades médias paulistas**: os territórios do consumo segmentado de Ribeirão Preto e Presidente Prudente. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2015.

DEBORD, Guy. Teoria da Deriva. *In*: JAQUES, Paola Berenstein. **Apologia da Deriva**: escritos situacionistas sobre a cidade. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

DELGADO, Manuel. **El Espacio Público Como Ideologia**. Madri: Los Libros de la Catarata, 2011.

DIMENSTEIN, Marcela; SCOCUGLIA, JovankaBaracuhy Cavalcanti. Em busca de novos caminhos metodológicos: percepção e experiência nos espaços públicos urbanos contemporâneos por idosos da cidade de João Pessoa. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, v.19, n.3, p.417-439, set./dez. 2017.

DUNKER, Christian. A Lógica do Condomínio ou: o Síndico e seus Descontentes. **Revista Leitura Flutuante**, São Paulo, v.1, n.1, p.1-8, 2009.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GHIRARDELLO, Nilson. **Aspectos do Direcionamento Urbano da Cidade de Bauru**. 1992. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1992.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana**: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GOMES, Paulo César da Costa; RIBEIRO, Leticia Parente. Espaços Públicos como Lugares da Política. **Geografares**, Vitória, n.26, p.182-213, jul./set. 2018.

HEROMOSO, Tainá. **Os Shopping Centers e os espaços urbanos**: Novas relações entre o público e o privado em Presidente Prudente e Ribeirão Preto. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2018.

INNERARITY, Daniel. **O novo espaço público**. Lisboa: Teorema, 2010.

JCNET. Projeto Recreiovia completa seis anos em Bauru. **Jornal da Cidade**, Bauru, 11 out. 2015. Disponível em: [www.jcnet.com.br/Geral/2015/10/projeto-recreiovia-completa-seis-anos-em-bauru.html](http://www.jcnet.com.br/Geral/2015/10/projeto-recreiovia-completa-seis-anos-em-bauru.html). Acesso em: 15 abr. 2019.

JCNET. Bauru Shopping comemora 25 anos. **Jornal da Cidade**, Bauru, 30 nov. 2014. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/Geral/2014/11/bauru-shopping-comemora-25-anos.html>. Acesso em: 02 mai. 2019.

LAMONICA, Natasha. **Adensamento e habitação**: A implantação do Programa Minha Casa Minha Vida na cidade de Bauru (SP) sob a ótica da sustentabilidade. 2013. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Faculdade de Engenharia de Bauru, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

LOJKINE, Jean. **O Estado capitalista e a questão urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LOSNAK, Célio José. **Polifonia Urbana**: imagens e representações - Bauru 1950 - 1980. Bauru: EDUSC, 2004.

MEJÍA, Rafael. Estrada. El miedo devora las almas: Subjetivación y “Comunidades” (Auto)confinadas en Brasil. *In*: Anais do IV Congresso Latino americano de Antropología 'Las antropologías latinoamericanas frente a un mundo entransición', Cidade do México, 2015.

MARRE, J. A. L. A construção do objeto científico na investigação empírica. *In*: Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Cascavel, 1991.

MATTOS, Karina Andrade. **Espaços verdes urbanos**: análise multimétodo para a valorização. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2017.

PRADO FILHO, Kleber; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, p.45-59, jan./jun. 2013.

RAIA JR, Archimedes Azevedo. Copaíba, uma escultura natural de Bauru. **Social Bauru**, Bauru, 10 fev. 2016. Disponível em: <https://www.socialbauru.com.br/2016/02/10/copaiba-uma-escultura-natural-de-bauru/>. Acesso em: 15 abr. 2019.

RAMOS, Élviz Christian Madureira. **Tudo junto e misturado, rolês fluxos dos jovens das periferias**: capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2017.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos Lugares:** a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Ed. Boitempo, 2015.

ROSSI, Mariana. **Paisagens e muros:** um olhar sobre a urbanização fechada na zona sul de Bauru. Bauru. 2016, Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2016.

SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos Afetos:** Corpos políticos, Desamparo e o fim do Indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SANTOS, Milton. **Por uma Economia Política da Cidade:** o caso de São Paulo. São Paulo: EDUSP, 1995.

SARAVI, G. Mundos aislados: segregación urbana y desigualdade em la ciudad de México. **Eure**, Santiago de Chile, v. XXXIV, n. 103, p. 93-110, dezembro de 2008.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público.** 3ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2018.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea.** São Paulo: Contexto, 2011.

SHAW, Rorbert. Beyond Night-Time Economy: Affective Atmospheres of the Urban Night. **Geoforum**, New Castle, n°51(1), p. 87-95, 2014.

SILVA, Maria José Martinelli. **A destruição de velhas formas/velhos usos e a produção de novas formas/novos usos:** algumas considerações acerca da implantação do Projeto Parque do Povo em Presidente Prudente - SP. 1994. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 1994.

SOBARZO, Oscar. **Os espaços da sociabilidade segmentada:** A produção do espaço público em Presidente Prudente. 2004. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Presidente Prudente, 2004.

SOUZA, André Félix. Os espaços públicos nas cidades contemporâneas: uma (re)visão. **Geografares**, Vitória, n.26, p.182-213, jul./set. 2018.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. **Espaços fechados e cidades:** insegurança urbana e fragmentação socioespacial. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **O chão em Presidente Prudente: a lógica da expansão territorial urbana.** 1983. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 1983.

\_\_\_\_\_. A produção do espaço urbano: escalas, diferenças e desigualdades socioespaciais. *In*: CARLOS, Ana F.; SOUZA, Marcelo L.; SPOSITO, Maria E. B. (org). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

STOIAN, Victor. Diferenças e Homogeneidades no conteúdo da paisagem urbana de Presidente Prudente. *In*: Anais do XVIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano (Enampur), Natal, 2019.

THRIFT, Nigel. Intensities of feeling. **Geografiska Annaler**, Lund. v.4, nº86, p. 57–78, 2004